UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ARTES E CIÊNCIAS HUMANAS DA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS CULTURAIS

Eliton da Costa Rocha

**CONDIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DO CAPITAL CULTURAL NO
ENSINO MÉDIO**

São Paulo
2016

ELITON DA COSTA ROCHA

CONDIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DO CAPITAL CULTURAL NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em FILOSOFIA pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais.

Versão corrigida contendo as alterações solicitadas pela comissão julgadora em dia 02 de Dezembro de 2015. A versão original encontra-se em acervo reservado na Biblioteca da EACH/USP e na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da USP (BDTD), de acordo com a Resolução CoPGr 6018, de 13 de outubro de 2011.

Área de Concentração:
Estudos Culturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Graziela Serroni Perosa

São Paulo

2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

(Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Biblioteca)

Rocha, Eliton da Costa

Condições para a aquisição do capital cultural no ensino médio /
Eliton da Costa Rocha ; orientadora, Graziela Serroni Perosa. – São
Paulo, 2016

212 f. : il

Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-
Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e
Humanidades, Universidade de São Paulo, em 2015

Versão corrigida

1. Ensino profissional e técnico. 2. Ensino médio. 3. Relação
aluno-escola. 4. Interação professor-aluno. 5. Escolas - Franco
da Rocha (SP). 6. Cultura escolar. 7. Estudantes - Aspectos
culturais. I. Perosa, Graziela Serroni, orient. II. Título

CDD 22.ed. – 370.113

Nome: ROCHA, Eliton. C

Título: CONDIÇÕES PARA A AQUISIÇÃO DO CAPITAL CULTURAL NO ENSINO MÉDIO

Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Filosofia do Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais.

Área de Concentração:
Cultura e Educação

Aprovado em: 02 / 12 / 2015

Banca Examinadora

Prof. Dra. Marieta Gouvêa de Oliveira Penna

Universidade Federal de São Paulo

Prof. Dra. Maria Caraméz Carlotto

Universidade Federal do ABC

Prof. Dra. Régia Cristina de Oliveira

Universidade de São Paulo. Escola de Artes, Ciências e Humanidades

In memoriam de Antônia Rocha Moreira e

Maria de Fátima Mota Silva

AGRADECIMENTOS

Durante esta longa trilha que se formou neste vale do conhecimento que emergiu durante estes anos de pesquisa, algumas pessoas foram fundamentais para iluminar meu caminho com seu conhecimento, apoio ou inspiração. Em primeiro lugar gostaria de agradecer a minha orientadora Graziela Serroni Perosa que acima de tudo tornou-se uma grande amiga e um ser humano que me causa inspiração, respeito e carinho que durante estes anos se mostrou sempre atenciosa, paciente e sábia em suas escolhas e conselhos.

Grandes professores contribuíram nesta etapa da minha formação, dentro da universidade ou nas pesquisas de campo, deixo alguns nomes que representam os felizes encontros desta jornada: Ana Laura Godinho, Regia Cristina de Oliveira, Wilson Mesquita, Veronica Guridi, Luciana Viviani, Kimi Tomizaki, Belmira Bueno, Carlos Eduardo Pimentel, Mara Cristina, Douglas Santos, Marcelo Gomes, Aiolanda Pereira, Maurício Vaz, Ariel Velardo, Danilo Lima, Renan Damasceno, Ricardo Libarino.

Dedico especialmente esta pesquisa para minha família, amigos e alunos que me serviram de inspiração e entenderam que não existe vitória sem dor, expansão de conhecimento sem incomodo e crescimento sem mudança e me acompanharam de uma forma ou de outra nestes anos. Cito aqui alguns nomes que representam este sentimento: Aymée Vicente, Alexandre Ramos, Adriana Dantas, Helena Marcon e Isamara Lopes representando meus companheiros de EACH, Danielli Caroline do Nascimento Nunes, Gabriela Alexandre Vieira e Walkiria Uliana como símbolos de superação e inspiração, Giovanna Duarte, Yasmin Azevedo, Larissa Silva, Andrei Gomes, Igor Alves e Barbara Abreu, representando os alunos que contribuíram para o andamento da pesquisa. Deixando a marca de meus amigos e familiares que durante este tempo tiveram paciência (ou não) comigo: Alina Kaledina, Everaldo Farias, Maraisa Moreira, Mariana Inácio, Fernanda Müller, Larissa Rodrigues, Socorro da Costa e Gisela Costa Santana.

Acima de tudo gostaria de dedicar toda esta trajetória á Cremilda Maria da Costa, Pedro Rocha Neto e a Antonia Rocha Moreira, enfatizando que a vida é o melhor sinônimo de mudança e quebra de paradigmas. Amo vocês!

RESUMO

ROCHA, E. C. **Condições para a aquisição do capital cultural no ensino médio**. 2016. Número total de f 212. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Versão corrigida.

Esta pesquisa analisou as dinâmicas internas em torno do ingresso em uma ETEC (Escola Técnica Estadual) bem conceituada no município de Franco da Rocha na periferia da região metropolitana de São Paulo. A partir de uma análise que buscou compreender a cultura escolar desta instituição por meio de um estudo sobre características sócio-demográficas dos estudantes e de observações de caráter etnográfico do contexto escolar. A expansão do acesso ao ensino superior, o aumento da concorrência nos vestibulares, juntamente com a baixa qualidade das escolas públicas do Ensino Médio, criaram novas tendências nas estratégias de entrada dos alunos nas grandes universidades paulistas. Entre elas, estas escolas públicas diferenciadas que oferecem o curso de ensino médio, configuram-se como uma alternativa de ensino público secundário que possui as maiores notas nos exames de qualidade no ensino (ENEM) e bons resultados na aprovação de seus estudantes nos vestibulares como a FUVEST. A partir da experiência como professor de uma ETEC, esta pesquisa busca compreender as dinâmicas e os dispositivos mobilizados para o ingresso em uma destas instituições na periferia da Grande São Paulo, destacando e acompanhando as iniciativas de engajamento de professores e alunos em um cursinho “pré-ETEC” que acontece em uma escola pública, de maneira voluntária e acompanhando as dinâmicas desta ETEC. Nesta pesquisa podemos perceber o resultado destas iniciativas em torno do ensino médio e seu impacto social nestes grupos analisando suas trajetórias e sua dinâmica cultural interna.

Palavras-chave: Capital Cultural; Ensino médio; Engajamento; *Habitus*.

ABSTRACT

ROCHA, Eliton da Costa. **Conditions for cultural capital acquisition in high school ETEC**. 2016 deposit. Total number of f 212. Thesis (MA in Philosophy) - School of Arts, Sciences and Humanities, University of São Paulo, São Paulo, 2015.

This research analyzed the internal dynamics around the ingress in a reputable ETEC (State Technique School) on the county of Franco da Rocha, on the outskirts of the metropolitan area of São Paulo. From an analysis that went after understanding the school culture of this institution through a study about the socio-demographic characteristics of students by ethnographic methodology. The expansion of the access to higher education, the rise of competition in acceptance exams along with the low quality of high school public institutions, created new tendencies on the strategies for the admission of students in great São Paulo universities. This differentiated public institutions that offers high school, are configured as an alternative of public secondary education that have the highest grades on education quality exams (ENEM) and good results on approvals of it's students on admission exams like FUVEST. From the experience as a teacher from ETEC, this research go after understanding the dynamics and mobilized devices for the entrance in one of this institutions on the outskirts of Grande São Paulo, highlighting and following the initiatives of teachers and students engagement on preparatory classes for ETEC that happens in public schools, voluntarily and following the dynamics of this ETEC. In this research we can see the result of this initiatives around the high school and its social impact in these groups analyzing their trajectories and their internal cultural dynamics.

Keywords: Cultural capital; high school; engagement; *habitus*.

Lista de Abreviaturas e Siglas das entrevistas

(C.L).....	Citação Literal
(C.A).....	Citação Aproximada
(C.E).....	Citação da Entrevista
(C.O).....	Conversas com professores de outras escolas
(C.Inf).....	Conversas informais
(D.R.E).....	Dados Recorrentes nas Entrevistas
(D.Q.A).....	Dados do Questionário dos Alunos
(D.F.C).....	Dados das Fontes do Cursinho
(D.O.O).....	Dados de outras origens

LISTA DE ABREVIATURAS

CCBB.....	Centro Cultural Banco do Brasil
CEFAM.....	Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério
CIENTFIL.....	Grupo de Estudos em Filosofia e Ciência da ETEC
E.M.....	Ensino Médio
ENEM.....	Exame Nacional do Ensino Médio
ETEC.....	Escola Técnica Estadual
FUVEST.....	Fundação Universitária para o Vestibular
FESPSP.....	Fundação Escola de Sociologia e Política do Estado de São Paulo
FACCAMP.....	Faculdade Campo Limpo Paulista
FACAMP.....	Faculdade de Campinas
UNIBAN.....	Universidade Bandeirante de São Paulo
UMC.....	Universidade de Mogi das Cruzes
IBGE.....	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDH-M.....	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IDESP.....	Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo
LDB.....	Leis de Diretrizes e Bases
MEC.....	Ministério da Educação
MOVA.....	Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos
NEAF.....	Núcleo de Estudos Avançados em Filosofia
PROUNI.....	Programa Universidade para Todos
PUC.....	Pontifícia Universidade Católica
SARESP.....	Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
SISU.....	Sistema de Seleção Unificada
UNESP.....	Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
UNICAMP.....	Universidade de Campinas
UNIFESP.....	Universidade Federal de São Paulo
USP.....	Universidade de São Paulo
WEA.....	Worker's Educational Association

LISTA DE FIGURAS OU IMAGENS

Figura 1: Visão panorâmica do prédio principal. Foto: Eliton Rocha.....	56
Figura 2: Quadra poliesportiva vista do Bloco E, 3º andar. Foto: Eliton Rocha.....	57
Figura 3: Rampa de acesso, vista do Bloco C, 2º andar. Foto: Eliton Rocha.....	57
Figura 4: Jardim de inverno visto do estacionamento dos professores. Foto: Eliton Rocha.....	58
Figura 5: Passagem de acesso do estacionamento para a entrada comum. Foto: Eliton Rocha.....	55
Figura 6: “Pracinha” entre os Blocos. Foto: Eliton Rocha.....	59
Figura 7: Imagem dos monitores das câmeras de segurança: Serrano e ETEC. Foto: Eliton Rocha.....	61
Figura 8: Portão de entrada principal dos alunos da escola Geraldi Serrano. Foto: Eliton Rocha.....	61
Figura 9: Vista de uma rua próxima da escola Geraldi Serrano em Francisco Morato. Foto: Eliton Rocha.....	64
Figura 10: Sala de aulas na troca de turnos da Escola Estadual Geraldi Serrano. Foto: Eliton Rocha.....	65
Figura 11: Construção irregular na parte de baixo do morro nas proximidades da Escola Estadual Geraldi Serrano. Foto: Eliton Rocha.....	66
Figura 12: Alunos do ensino médio da ETEC descendo em uma antiga mina de ouro em Ouro Preto-MG. Morato Foto: Eliton Rocha.....	81
Figura 13: Biblioteca da ETEC. Foto: Eliton Rocha.....	83
Figura14: Alunos na entrada do cursinho Pré-ETEC. Foto: Eliton Rocha.....	105
Figura15: Senhoras da comunidade que assistem às aulas do cursinho para melhorar sua formação escolar. Foto: Eliton Rocha.....	108
Mapa 1: Região metropolitana de São Paulo (Divisão administrativa da Secretaria Estadual de Educação).....	47

LISTA DE TABELAS E GRÁFICOS

Tabela 1: Participação da rede privada nas matrículas, por nível de ensino, segundo renda domiciliar per capta.....	42
Tabela 2: Índice de desenvolvimento humano municipal (IDHM) 2010.....	48
Tabela 3: Frequência de empréstimo por período letivo na ETEC	82
Quadro 1: Entrevistados durante a pesquisa nas escolas.....	26
Quadro 2:: Organização e recursos das escolas.....	61
Quadro 3: Profissão dos pais dos alunos.....	72
Quadro 4: Profissão das mães dos alunos.....	72
Quadro 5: Comparativo entre número de irmãos.....	74
Quadro 6: Relação da família com o papel do jovem em casa.....	77
Quadro7: Hábitos de leitura.....	85
Quadro 9: Comparativo entre os professores, Idade, Tempo de magistério, formação e visão sobre o papel da escola	123
Gráfico 1 : Matrículas de ensino médio entre os anos 2000 a 2013.....	42
Gráfico 2: Relação candidato x vaga, 2011 a 2014.....	50
Gráfico 3: Nascimento dos alunos da ETEC.....	69
Gráfico 4: Nível de escolaridade dos pais de alunos da ETEC.....	71
Gráfico 5: Nível de escolaridade das mães dos alunos da ETEC.....	71
Gráfico 6: Nível de escolaridade dos pais e mães de alunos do Pré-ETEC.....	72
Gráfico 7: Renda familiar dos alunos da ETEC 2011.....	76
Gráfico 8: Renda familiar dos alunos da ETEC 2014.....	76
Gráfico 9: Renda familiar dos alunos do Pré-ETEC 2014.....	76

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
I. Das condições que me levaram ao CEFAM de Franco da Rocha.....	16
II. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA.....	21
III. QUESTIONÁRIOS.....	23
IV. A CONSULTA AOS BANCOS DE DADOS.....	25
V. ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES DE TIPO ETNOGRÁFICO	26
VI. A PESQUISA BIBLIOGRAFICA.....	28
VII- OS CAPÍTULOS.....	28
CAPÍTULO 1 – O HABITUS ESCOLAR, O ENSINO MÉDIO PÚBLICO E A ETEC.....	29
1.1 Pensando a cultura escolar e o espaço escolar público	29
1.2 As ETECs e o Ensino Médio na ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar	44
CAPÍTULO 2 – DUAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS ESTUDANTES.....	45
2.2 O perfil dos estudantes e a relação com a escola.....	65
2.3 A experiência escolar	79
2.3.2 A Identidade com a escola e o empréstimo de valor simbólico	86
2.3.3 Observações sobre os estudantes da ETEC vindos da rede pública e da rede privada	89
2.4 Notas sobre o Ensino Médio Integrado (ETIM).....	95
CAPÍTULO - 3 .1 O CURSINHO PRÉ-ETEC e seus professores.....	97
4.1 O espírito transformador da WEA e os professores engajados do Ensino Médio Público	115
4.2 Os professores da ETEC.....	120
Considerações Finais	126
REFERÊNCIAS BÁSICAS	127
ANEXO 1	133
(Questionário de amostra aplicado nos alunos do Pré-ETEC)	133
ANEXO 2	149
(Roteiro guia para entrevista com os professores)	149
ANEXO 3	151
(Entrevista com um professor relacionado ao cursinho)	151
ANEXO 4 (Entrevista com um professor da ETEC).....	173
ANEXO 5 (Modelo de Carta de Cessão)	206

ANEXO 6:	207
(Projetos do Ensino Médio na ETEC de Franco da Rocha)	207

INTRODUÇÃO¹

A motivação para esta pesquisa surgiu da minha experiência profissional como professor da rede pública de São Paulo, obtida em uma escola regular e em uma escola técnica (ETEC), ambas no curso de Ensino Médio. Estas duas escolas estão localizadas em dois municípios vizinhos da Grande São Paulo, Francisco Morato e Franco da Rocha, respectivamente. Particularmente, a experiência na ETEC me conduziu a interrogar as condições para que uma escola pública de Ensino Médio obtenha bons resultados no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)² e conseguisse aprovar um número significativo de alunos em exames de acesso ao ensino superior público, em especial, na FUVEST, quando esta não é a realidade da maior parte das escolas públicas.

Minha hipótese inicial era que a relação estabelecida entre professores e alunos, tal como ela era possível em minha experiência na ETEC, estaria na origem do êxito escolar deste estabelecimento de ensino. Pensava, especialmente, nas condições de trabalho em que os professores poderiam desempenhar um papel fundamental para a aquisição do capital cultural dos seus alunos, tomando por base a formulação desta noção por Pierre Bourdieu.³ *Mas como se desenvolveria esta aquisição do capital cultural? Em que condições pedagógicas e sociais este trabalho torna-se possível? As características sociais dos estudantes e dos professores poderiam explicar o êxito da ETEC e os limites observados nos resultados pedagógicos da escola regular? O que pode explicar o fato de duas modalidades de escolas públicas, dotadas da mesma finalidade, apresentar resultados acadêmicos tão diferentes?*

¹ Na descrição de minha trajetória nesta introdução, considere mais conveniente escrever, predominantemente usando a primeira pessoa do singular para ficar clara minha subjetividade na descrição dos fatos.

² O ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) foi criado pelo governo federal em 1998 com o objetivo de avaliar a qualidade do ensino médio no Brasil. Em 2004 foi criado o sistema PROUNI (Programa Universidade para Todos) que por meio das notas do ENEM criou um sistema de bolsas para a graduação em instituições de ensino privado, em 2009 surgiu o SISU (Sistema de Seleção Unificada) com o intuito de parcialmente ou integralmente substituir o vestibular das universidades federais. Por conta do ProUni e do SISU, gradativamente o ENEM ganha mais relevância e torna-se um referencial para o acesso ao ensino superior.

³ Cf. Bourdieu (1998) Escritos de educação.

Para compreender as motivações para a definição deste objeto de pesquisa e da maneira como procuramos conduzir o trabalho de produção dos dados é necessário recuperar alguns aspectos de minha trajetória de formação e de atuação profissional. A elucidação das motivações deste investimento de pesquisa não pode ser feita apenas a partir da descrição da realidade investigada e das ações dos sujeitos no seu interior, mas também da relação que o pesquisador mantém com o seu objeto.⁴

Como contexto para a questão do “engajamento professoral” (ou mesmo militância educacional), na qual pretendo pesquisar a relação com a formação do *habitus* e a apropriação do capital cultural, apresento as minhas motivações para esta pesquisa.

Ao recuperar meu percurso educacional, espero reunir alguns dos elementos necessários para compreender minha atuação profissional e a construção deste objeto de pesquisa à luz de minha história familiar e das condições de socialização com as quais fui confrontado.

I. Das condições que me levaram ao CEFAM de Franco da Rocha

Minha família era composta por 3 pessoas (mãe, irmã mais velha e eu). Nestas condições, não tardei a observar as dificuldades de adaptação que minha mãe enfrentou por ter sido educada dentro de um modelo familiar em que a prioridade da mulher era servir ao marido. Com o divórcio e nenhuma especialidade profissional, minha mãe criou formas de nos amparar por meio do desenvolvimento de trabalhos com artes plásticas e artesanato. Em sua luta cotidiana para trabalhar e nos sustentar, tinha como principais aliadas suas irmãs que sempre foram muito próximas. Elas eram professoras e tinham grande envolvimento com projetos culturais, sociais e uma participação política

⁴ Baseado nas reflexões de Bernard Pudal pode-se interrogar a gênese de minha militância no magistério público. Segundo o autor: “Desse ponto de vista, as análises “biográficas” tornam-se cada vez mais complexas: elas devem — do meu ponto de vista — associar a prosopografia (biografia coletiva, ou melhor, biografias coletivas, ‘famílias de trajetórias’) com o ‘singular’, no qual podemos considerar tipos de investimentos sociais e psicológicos variáveis segundo os indivíduos.”(PUDAL, 2009.p. 133).

muito marcante no bairro (Perus). Sempre fui estimulado por elas a ser independente e a conseguir esta independência por meio do trabalho e fundamentalmente, por meio da educação.

Morador da cidade de São Paulo, precisamente no bairro de Perus, na zona norte, sempre estudei em escolas públicas. Ao final do Ensino Fundamental II, estava preocupado com as reais possibilidades de entrar na universidade após o Ensino Médio. Na companhia de outros 4 amigos decidimos ir estudar no município de Franco da Rocha, vizinho de Perus, onde havia uma unidade do CEFAM (Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento do Magistério) a partir da orientação de uma destas tias que lecionava lá.

O CEFAM foi criado em 1987 durante o período de transição entre o fim da ditadura militar e a retomada do sistema democrático, com o objetivo de superar as mudanças da LDB (Leis de Diretrizes e Bases) de 1971 que resulta em uma formação de magistério mais tecnicista. Com a reabertura política surgiu a necessidade de criar uma nova identidade para os cursos de formação de professores⁵.

O contexto de configuração dos CEFAMs e a grande autonomia escolar que foi atribuída a cada unidade trouxeram consigo um desejo de renovação da educação e a superação do processo autoritário e ditatorial que condicionou a política e a formação dos sujeitos nos anos anteriores.

O CEFAM de Franco da Rocha era conhecido e reputado como a melhor escola pública da Diretoria de Ensino de Caieiras (que abrange os municípios de Caieiras, Franco da Rocha, Francisco Morato, Mairiporã e Cajamar). Além disso, era reconhecido como uma escola de forte formação política e humanista. Tais características tornaram-se possíveis graças ao próprio projeto do CEFAM que garantia a cada unidade:

a diretoria da escola (CEFAM) podia selecionar aqueles professores que mais se coadunavam com o projeto pedagógico que pretendia implementar. Assim, a citada escola acumulou em seu coletivo de professores uma maioria de docentes estudantes da PUC, alguns da USP, outros

provenientes de faculdades particulares, mas todos eles de tonalidade à esquerda e na maioria de passado com participação em lutas sociais – o que implicava um caráter mais prático dessa esquerda. Esse acaso propiciou que a escola fosse formada por um corpo docente de variedade política excêntrica para Franco da Rocha.⁶

Cercada de ampla área verde, professores engajados politicamente, uma proposta pedagógica democrática com participação ampla dos alunos, enorme gama de ações e eventos culturais no espaço escolar, debates abertos, muitos alunos que passavam nos principais vestibulares e a famosa “noite da poesia” (concurso anual de poesia) eram predicados comuns na fama que esta escola possuía mesmo longe dos limites de seu município.

Esta reputação foi crucial para que saíssemos do repertório comum que todos os nossos amigos tiveram em Perus para estudarmos nesta escola em outra cidade (aprox. 16 km de distância) pegando o trem todos os dias, durante o período do ensino médio.

Olhando retrospectivamente, vejo o quanto a entrada no CEFAM nos distanciou do destino mais frequente dos amigos que permaneceram na escola regular em Perus. Enquanto a maioria dos meus colegas de oitava série da escola regular de Perus abandonaram precocemente a escola para trabalhar, faleceram ou foram presos em decorrência de infrações, de envolvimento com a criminalidade antes de completarem 20 anos de idade, os meus colegas de CEFAM procuravam rotas de realização pessoal e social por meio da educação. Durante o meu último semestre de graduação as meninas da minha turma do Ensino Fundamental II resolveram fazer um encontro dos ex-alunos de nossa sala. Nesta reunião percebi que eu era o único dos meninos que havia feito ensino superior, à exceção de outro que cursou o primeiro semestre de nutrição, mas abandonou os estudos, segundo ele, devido à paternidade precoce. Outros fatos me chamaram a atenção neste dia: saber da morte ou prisão de quase todos os meninos (pelas minhas contas somente cinco fugiram a esta “regra”) por envolvimento com o crime na maior parte dos casos e alguns por acidentes de trânsito ou coisas do gênero, como a maternidade

⁶Citação extraída do texto: “Experiência de educação emancipadora no CEFAM de Franco da Rocha” encontrada no site <http://passapalavra.info/2009/07/8964/comment-page-1> último acesso em 10/02/2014. Vale ressaltar, também, a forte formação e envolvimento acadêmico dos professores do CEFAM de Franco da Rocha, que de acordo com um dos diretores contava com quase dois terços dos mestres da rede pública estadual no final dos anos 90.

juvenil de quase todas as meninas. Nesta ocasião, algumas estavam no seu segundo filho e percebi, também, quantos colegas da escola de Perus haviam abandonado os estudos antes mesmo do término do Ensino Médio.

A formação educacional no CEFAM e a constatação dos efeitos diferenciados da passagem pelo sistema de ensino comparados com as trajetórias dos meus colegas, tornou-se para mim uma evidência da importância desta experiência escolar. Acreditando nesta mudança que o meio escolar produz e principalmente, no processo de formação política e humanística que a escola pública pode significar, procurei a carreira do magistério. Em síntese, aprendi no Ensino Médio que mais do que uma profissão, ser professor é, antes de tudo, um projeto de ação social. O engajamento na escola como professor funcionava como uma “*reconciliação consigo mesmo*” e com a minha origem social (Tomizaki, 2009), era uma forma de gratidão com aquele espaço do CEFAM e o que ele me proporcionou durante minha trajetória escolar. Este forte envolvimento se traduziu em uma atuação profissional precoce e constante.

Logo aos 18 anos (2003), tive minha primeira experiência no magistério em uma ONG conveniada com o projeto MOVA (Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos). Aos 21(2006), iniciei a minha carreira de professor na escola pública e particular de Ensino Médio. Como professor meu objetivo era um dia ser professor de Filosofia e Sociologia no CEFAM. Em 2005 o prédio do antigo CEFAM em Franco da Rocha passou a ser uma unidade do Centro Paula Souza, uma ETEC, na qual alguns anos depois eu me tornaria professor.

Então, em 2009 me efetivei no Ensino Médio da rede estadual na E.E Azevedo Soares e em 2010 na ETEC. Dr. Emílio Hernandez Aguilar (Antigo prédio do CEFAM de Franco da Rocha). Ambas, escolas públicas situadas na mesma rua. De certa maneira, eu atingira meu objetivo inicial principal: tornar-me professor de Filosofia e Sociologia na rede pública e poder contribuir para a formação de jovens que têm na escola o principal meio para o seu desenvolvimento profissional.

Atuar simultaneamente em uma escola pública regular e em uma ETEC significa, entretanto, se dividir entre dois mundos, o que por si só incita a uma reflexão constante sobre as razões das diferenças observadas.

Entretanto, estar naqueles espaços escolares públicos tão distintos me fez refletir sobre o que os tornavam tão diferentes de fato e como cada um conseguia seus trunfos dentro de suas limitações e possibilidades. Aos poucos, o desejo de compreender as dinâmicas para o sucesso escolar e os agentes deste sucesso conduziu-me a esta pesquisa de mestrado.

Ao procurar identificar e comparar as estatísticas sobre o desempenho escolar nas ETECs foi inevitável recorrer a outras unidades de ensino médio regulares. Uma escola pública regular, com ensino médio, localizada no município vizinho da ETEC, tornou-se progressivamente uma referência importante neste procedimento. Esta escola criou um cursinho Pré-ETEC que tem hoje uma grande procura, o que nos chamou a atenção.⁷ Por esta razão, o mesmo estudo que realizamos na ETEC, procuramos transpor para esta escola regular de ensino médio, explorando por meio dos questionários de caracterização dos alunos, entrevistas com professores e observações em sala de aula, os objetivos e as práticas dos professores e estudantes reunidos em torno do cursinho Pré-ETEC.

Assim, entre 2013 e 2015, incluímos esta unidade de ensino, pelo viés do cursinho neste trabalho, a princípio, pensado como uma pesquisa sobre as características sociais dos estudantes da ETEC e as condições necessárias para a aquisição de capital cultural que a escola visa a transmitir.

Ao identificar a existência do cursinho Pré-ETEC nesta escola regular, descobrimos o quanto o campo de instituições de ensino funciona, aparentemente, de maneira separada. Na realidade, compreendemos como estas instituições aparentemente isoladas, estão, na realidade, ligadas de muitas formas. Entrar na ETEC é um objetivo para parte dos jovens que estão nas escolas públicas regulares e também nas escolas particulares. Esta constatação é reforçada pelas publicidades em outdoors de escolas particulares com fotos de seus alunos do ensino fundamental II que passaram no vestibulinho da ETEC. Mesmo sabendo que “perderão” estes alunos no Ensino Médio, para as escolas privadas de Franco da Rocha, o número de aprovados na ETEC torna-se um trunfo comercial. Em outro caso, uma escola

⁷Verificamos uma tendência de surgimento de cursinhos preparatórios para o vestibulinho de acesso das ETECs. O cursinho Pré-ETEC da Escola Estadual Geraldi Serrano transformou-se em parte do nosso foco de pesquisa devido a sua grande expressão na região e pela forma de organização dos professores no seu interior que abordaremos no capítulo 3.

particular de Mairiporã (município vizinho cujos estudantes representam 30% dos alunos da ETEC de Franco da Rocha) fez um grande esforço para contratar boa parte dos professores da ETEC, em uma operação de aquisição de *capital simbólico*.

O “Cursinho Pré-ETEC da Escola Estadual Geraldi Serrano⁸” funcionou nesta pesquisa como um “laboratório” para explorar estas conexões. Durante o desenvolvimento da pesquisa, percebemos que esta iniciativa de caráter voluntário de professores e alunos, que em 2015 reúne cerca de 350 estudantes e 19 professores, poderia ser de grande valor para compreender melhor as limitações das escolas estaduais regulares, apreender como o interesse crescente pelas ETECs se dá, e ainda, poderia ser crucial para identificarmos melhor as diferenças e semelhanças entre os alunos aspirantes às ETECs e os seus estudantes ingressantes. Tal experiência nos pareceu muito oportuna para observarmos o “engajamento professoral” que já estávamos interessados para o caso da ETEC.

II. PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Nesta primeira etapa do trabalho de pesquisa procuramos produzir e reunir dados sobre a ETEC, por meio da análise das trajetórias dos alunos durante e após o Ensino Médio e de entrevistas e observações da atuação de professores. Numa segunda fase o objetivo foi analisar as razões e as motivações de educadores conhecidos por serem “bons professores” neste contexto educacional e as repercussões do trabalho pedagógico “bem sucedido” sobre as ambições dos alunos. Também é interessante notar a influência destes professores engajados nestes processos de escolhas de carreira e de planos de vida dos educandos.

⁸ Tive duas oportunidades de trabalhar na escola EE. Geraldi Serrano, respectivamente em 2007 e 2009, porém, fiz o pedido de transferência do meu cargo em definitivo em 2014 para fazer uma imersão, de fato, neste campo e conseguir mais conhecimento para esta pesquisa e para o trabalho engajado na escola pública. O Nome Geraldi Serrano é um pseudônimo criado para preservar a identidade real desta escola a pedido de funcionários, professores e coordenadores.

Neste contexto de pesquisa o conceito de *engajamento professoral* foi utilizado para se referir aos educadores que possuíam uma postura de desenvolvimento de seus projetos para além da sala de aula de estabelecimento de uma relação pedagógica mais próxima dos alunos e uma relação muito presente com o ambiente escolar⁹. Interessava interrogar, como este tipo de trabalho pedagógico poderia produzir efeitos sobre os projetos de ingresso no ensino superior dos estudantes.

O processo de coleta de dados para a pesquisa tomou grande parte do nosso trabalho. Em particular, a elaboração do questionário, a realização das entrevistas com professores e as observações de tipo etnográfico ocuparam boa parte dos nossos esforços.

O fato de ser professor da ETEC e da escola regular estadual há alguns anos, se por um lado exige vigilância epistemológica, por outro, possibilitou certo êxito no acesso a diferentes fontes de informação para esta pesquisa. Como professor, estava em uma posição favorável para ter acesso ao banco de dados do Centro Paula Souza, aos pais de alunos, aos demais professores, alunos de todas as turmas, muitos ex-alunos, funcionários das secretarias, coordenadores e diretores. O percurso que para muitos pesquisadores “outsiders” poderia ser restrito, burocrático ou inviável, no meu caso, o acesso era livre e as possibilidades de apreensão das múltiplas dimensões da vida escolar apresentavam-se maiores. Os procedimentos metodológicos, em especial os questionários e a pesquisa empírica comparativa sobre as duas escolas foram mobilizadas nesta pesquisa visando contribuir para as representações autóctones impostas pela proximidade do pesquisador e seu objeto de pesquisa.

Os procedimentos metodológicos incluíram: 1. Questionários com os alunos; 2. A Consulta aos bancos de dados; 3. Entrevistas e observações de tipo etnográfico; 4. A pesquisa bibliográfica.

⁹O conceito de “Engajamento professoral” é melhor descrito no decorrer desta tese.

III. QUESTIONÁRIOS

O questionário aplicado nos alunos foi um elemento fundamental na compreensão da cultura e *habitus* escolar tanto dos alunos da ETEC, como dos alunos do cursinho Pré-ETEC. Os questionários dos alunos e ex-alunos da ETEC foram aplicados no mês de Abril de 2014, totalizando uma amostra de 45 respondentes das turmas de formandos de 2011 (universo de 81 alunos); e 90 alunos do terceiro ano em 2014 (universo de 123 alunos) que responderam um total de 74 questões. Para o questionário aplicado aos ex-alunos de 2011, foi realizado um pedido de acesso ao link do questionário por redes sociais (na parte reservada de diálogos) e e-mails explicando a finalidade do questionário e sua relevância. A relação de respeito que permaneceu entre estes ex-alunos e o professor, sobretudo, com a instituição foi fundamental na adesão para as respostas. Este respeito se expressa nas mensagens afetuosas dos estudantes e na prontidão em responder aos questionários.

Para as turmas de 2014, à época alunos, o procedimento foi o mesmo. Foi aberta uma exceção para uma turma de 27 alunos que pude acompanhar numa das salas de informática durante a realização, com a finalidade de observar o surgimento de possíveis dificuldades ou dúvidas que o formato do questionário pudesse apresentar. Com isso, houve o cancelamento de duas questões que, conseqüentemente, induziam ao erro pela ambigüidade na formulação e outra pela inadequação ao formato de resposta on-line.¹⁰ O prazo de acesso à plataforma on-line com o questionário durou cerca de uma semana, impossibilitando a participação de mais alunos fora deste prazo.

O questionário teve como objetivo produzir dados comparáveis sobre as características sociais dos estudantes, visando controlar a percepção do pesquisador sobre eles; concepção esta construída pela prática docente na instituição. Pensando que a minha presença, como pesquisador e professor das mesmas turmas de 3ºano, pudessem de alguma forma condicionar os resultados do questionário, no ano de 2014 deixei de assumir as aulas nas turmas pesquisadas, voltando a trabalhar com estes alunos somente após a aplicação dos questionários.

No Cursinho Pré-ETEC foi realizado um questionário adaptado a partir

¹⁰ Foi utilizada a plataforma do Google Docs.

dos questionários aplicados na ETEC. A adaptação buscou respeitar a estrutura original das questões para que as comparações posteriores fossem possíveis. Entretanto, foram retiradas as questões referentes ao convívio na ETEC e inseridas perguntas relativas a vivência no cursinho, o que resultou num total de 78 questões. No total, 100 questionários foram respondidos no cursinho e 135 pelos alunos da ETEC.

O questionário foi desenvolvido a partir dos temas de interesse deste trabalho, tendo como principal objetivo caracterizar os estudantes da ETEC e posteriormente adaptado para o cursinho Pré-ETEC.¹¹ Durante um bom tempo fiz “simulados” do questionário com um grupo de 56 alunos que participavam de um núcleo de pesquisa em Filosofia que eu coordenava para avaliar a percepção deles sobre as questões e sua estrutura¹².

A realização de um pré-teste do questionário com estes 56 alunos do grupo de estudos e posteriormente com um primeiro grupo do cursinho, em tal período da pesquisa teve como objetivo saber se as questões eram de fácil compreensão dos respondentes e se o instrumento elaborado (anexo 3) seria capaz de produzir dados suficientes para serem analisados em cada questão.

Particularmente, precisávamos de um instrumento com um número de questões suficientes para cobrir as principais dimensões que nos interessavam discutir e, ao mesmo tempo, que fosse enxuto o suficiente para não desestimular a resposta e evitar que o respondente desistisse de continuar a pesquisa.

Para tal feito, o acompanhamento do grupo de pesquisas da professora Graziela S. Perosa e a inserção na realidade que seria aplicado o questionário foram fundamentais. Comecei a participar do grupo de estudos sobre *Estratégias educativas em famílias de grupos populares e nas classes médias* em 2012, ainda como aluno especial. Pude acompanhar de perto as pesquisas com as famílias da região do Ermelino Matarazzo (entorno da EACH) e aplicação de questionários (voltados para alunos do Ensino Fundamental II) nesta região que serviram de referência para esta pesquisa. A redação de cada

¹² Os alunos que participaram do “pré-teste” do questionário faziam parte do grupo CIENFIL (Grupo de estudos de Filosofia e Ciência).

e o escopo desta pesquisa, eles não poderão ser completamente explorados nesta dissertação.

V. ENTREVISTAS E OBSERVAÇÕES DE TIPO ETNOGRÁFICO

As entrevistas foram realizadas durante os períodos de 2013 e 2015, sempre buscando atender as necessidades de conhecer melhor as motivações dos professores, suas trajetórias familiares e escolares. A escolha dos entrevistados na ETEC buscou compreender formas e relações diferentes de engajamento de professores que tiveram presença recorrente nas respostas dos questionários dos alunos. Na ETEC foram quatro professores entrevistados, dentre os quais um professor coordenador e um professor coordenador de Secretaria. No cursinho foram entrevistados três professores e um professor coordenador, como pode ser verificado no quadro abaixo.

Quadro 1 – Entrevistados durante a pesquisa nas escolas

Nome¹⁴	Instituição	Cargo exercido	Tempo de entrevista
Maria Cristina Silva	ETEC	professora de História e coordenadora de projetos	2h20min
Cássio Eduardo Pimentel	ETEC	professor de Filosofia	1h34min
Marcelo Gomes	ETEC	professor de Geografia e coordenador geral	1h03min
Diogo Borreio Maciel	ETEC	professor de matemática e diretor de serviços acadêmicos da Diretoria acadêmica	49min
Renan Damasceno	Pré-ETEC	professor de Biologia	1h20min
Ariel Velardo	Pré-ETEC	Professor de Física	1h35min
Ricardo Libarino	Pré-ETEC/ E.E Geraldi Serrano	Professor de História	1h20min
Danilo Lima	Pré-ETEC	Professor de Matemática e coordenador do cursinho	2h35min
Maurício Vaz	E.E Geraldi Serrano	Professor de Filosofia e Sociologia	58min

¹⁴ Alguns casos serão usados pseudônimos para os entrevistados.

Além de entrevistar os professores do cursinho e da ETEC, entrevistamos o professor **Maurício Vaz**, professor de Filosofia e Sociologia da escola E.E Geraldi Serrano que, apesar de não ser professor da ETEC nem do cursinho, durante a pesquisa apareceu como um referencial importante na formação do Pré-ETEC e de outras iniciativas que pretendemos elucidar mais adiante.

As entrevistas foram realizadas no local de preferência dos entrevistados¹⁵ com o objetivo de deixá-los mais à vontade. O roteiro de questões foi semiestruturado de forma que o ritmo da entrevista fosse próximo de uma conversa informal e o entrevistado se sentisse estimulado a falar.

Além das entrevistas oficiais houve, nesse período, inúmeras conversas informais com os entrevistados e demais professores que fizeram parte das notas do caderno de campo. Contudo, parte substancial desta pesquisa foi realizada na observação de tipo etnográfico. Este tipo de observação e descrição foi adotado durante o acompanhamento do Cursinho Pré-ETEC, por se demonstrar de grande eficiência na compreensão deste microcosmo em suas dinâmicas internas.

O período de ação em campo no cursinho se estendeu entre os dias 14/09/2013 até o dia 7/12/2013; 08/03/14 até o dia 22/11/14; 07/03/15 até 30/05/15. Periodicamente aos sábados, somando um total de 13 encontros em 2013, 30 em 2014 e outros 12 em 2015 sempre das 09h30min às 13h00min. Como o foco principal da pesquisa estava na motivação dos professores, a presença em campo incluiu acompanhar os momentos dos professores antes das aulas se iniciarem, geralmente na sala dos professores ou nos pátios da escola, assim como os intervalos dos professores e às saídas das últimas aulas. O restante do tempo foi investido no acompanhamento de aulas, no trabalho de organização dos coordenadores e dos planejamentos das duas escolas.

¹⁵ Vale ressaltar, dentre as 4 entrevistas dos professores do cursinho, uma delas foi realizada na escola e três foram feitas na casa do professor Danilo, o que nos remete à proximidade que mantêm entre si.

VI. A PESQUISA BIBLIOGRAFICA

A bibliografia consultada se concentrou na literatura relativa ao Ensino Médio e à ETEC, à cultura escolar, às estratégias de escolha do estabelecimento de ensino e as formas de pesquisa etnográfica em instituições escolares. Foram privilegiados periódicos brasileiros importantes, bem como teses e dissertações sobre temas correlatos.

VII- OS CAPÍTULOS

Pretendemos em primeira instância apresentar um panorama teórico necessário para a compreensão dos conceitos fundamentais desta pesquisa, como a Cultura escolar, *habitus*, Capital Cultural e Engajamento professoral. Dentro desta perspectiva, ainda, apresentaremos uma breve analogia sobre o surgimento dos Estudos Culturais com a qual queremos dizer aqui com o termo “professor engajado”.

Em um segundo momento, apresentaremos a concepção geral de ETEC, mais propriamente a ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar para situar este campo da pesquisa.

Posteriormente, no Capítulo 2, procuramos comparar os dados obtidos sobre os alunos do cursinho Pré-ETEC e da ETEC de Franco da Rocha, tendo como objetivo a contextualização destas escolas, dos alunos e da cultura escolar.

No terceiro capítulo, acompanharemos uma das principais consequências da existência das ETECs como escolas de excelência em comparação com as escolas públicas e até particulares. Exploraremos, mais detidamente, o cursinho Pré-ETEC e as razões de sua forte demanda por parte dos alunos e do engajamento de seus professores.

Estas duas estruturas escolares, preocupadas com a emancipação de seus alunos por meio da educação, possuem suas dinâmicas internas próprias e professores que podem ser considerados como engajados. A pesquisa buscou identificar as diferenças entre elas que se expressam nas entrelinhas da forma como os educadores se relacionam com os alunos.

Por fim, no capítulo 4, exploraremos o entendimento desenvolvido sobre a noção de engajamento professoral, comparando mais uma vez a maneira como este engajamento ocorre em uma e em outra instituição.

Para compreender as motivações para a definição deste objeto de pesquisa e da maneira como procuramos conduzir o trabalho de produção dos dados é necessário recuperar alguns aspectos de minha trajetória de formação e de atuação profissional. A elucidação das motivações deste investimento de pesquisa não pode ser feita apenas a partir da descrição da realidade investigada e das ações dos sujeitos no seu interior, mas também da relação que o pesquisador mantém com o seu objeto.⁴

Como contexto para a questão do “engajamento professoral” (ou mesmo militância educacional), na qual pretendo pesquisar a relação com a formação do *habitus* e a apropriação do capital cultural, apresento as minhas motivações para esta pesquisa.

Ao recuperar meu percurso educacional, espero reunir alguns dos elementos necessários para compreender minha atuação profissional e a construção deste objeto de pesquisa à luz de minha história familiar e das condições de socialização com as quais fui confrontado.

I. Das condições que me levaram ao CEFAM de Franco da Rocha

Minha família era composta por 3 pessoas (mãe, irmã mais velha e eu). Nestas condições, não tardei a observar as dificuldades de adaptação que minha mãe enfrentou por ter sido educada dentro de um modelo familiar em que a prioridade da mulher era servir ao marido. Com o divórcio e nenhuma especialidade profissional, minha mãe criou formas de nos amparar por meio do desenvolvimento de trabalhos com artes plásticas e artesanato. Em sua luta cotidiana para trabalhar e nos sustentar, tinha como principais aliadas suas irmãs que sempre foram muito próximas. Elas eram professoras e tinham grande envolvimento com projetos culturais, sociais e uma participação política

⁴ Baseado nas reflexões de Bernard Pudal pode-se interrogar a gênese de minha militância no magistério público. Segundo o autor: “Desse ponto de vista, as análises “biográficas” tornam-se cada vez mais complexas: elas devem — do meu ponto de vista — associar a prosopografia (biografia coletiva, ou melhor, biografias coletivas, ‘famílias de trajetórias’) com o ‘singular’, no qual podemos considerar tipos de investimentos sociais e psicológicos variáveis segundo os indivíduos.”(PUDAL, 2009.p. 133).

CAPÍTULO 1 – O HABITUS ESCOLAR, O ENSINO MÉDIO PÚBLICO E A ETEC

Pensando nos referenciais teóricos de nossa pesquisa, buscando conceitos que dessem conta de exprimir e compreender as questões referentes ao desempenho escolar, encontramos o seu suporte no conceito de *habitus* (Bourdieu, 1987) na relação entre estes dois espaços de ensino públicos (ETEC e Pré-ETEC) em suas dinâmicas diversas.

Para isso, pretendemos, em primeira instância, apresentar um panorama teórico necessário para a compreensão dos conceitos fundamentais desta pesquisa, como a Cultura escolar, *Habitus*, Capital Cultural.

A base teórica das metodologias de pesquisa adotadas tem fundamentos nos moldes e trabalhos de Pierre Bourdieu (1998), segundo o qual o real é relacional e não se compreende uma instituição de forma isolada, sem relacioná-la a outras com as quais ela divide um espaço objetivo, que neste caso, de dois estabelecimentos de ensino público das periferias da Grande São Paulo. Nesta perspectiva, para se compreender uma instituição é preciso tomá-la em sua relação com a outra, ou seja, inserida em um espaço simbolicamente hierarquizado, e nunca solta no espaço geográfico e social.

1.1 Pensando a cultura escolar e o espaço escolar público

Inicialmente fez-se necessário pensar sobre o papel da escola pública e os referenciais teóricos que dariam suporte para esta pesquisa. Estas primeiras questões foram encontrando suporte principalmente com alguns conceitos de Michel Foucault (1987) no que diz respeito ao desenvolvimento do espaço escolar e das relações de “domesticação dos corpos” implícitas no espaço; mas fundamentalmente o arcabouço teórico e metodológico das pesquisas de Pierre Bourdieu foi fundamental, sobretudo, pelos conceitos de *capital cultural*, *habitus* e *campo* como pontos de partida para uma reflexão sobre o “campo” cultural da Escola Pública.

Pensando na existência de uma “cultura escolar” distinta, dentro de um contexto próprio e com sua própria dinâmica, existe uma diferença entre os projetos pedagógicos estabelecidos pelas políticas públicas e as ações e relações estabelecidas do interior do ambiente escolar, de forma diversa até mesmo de muitas das determinações sociais, tornando-se relevante uma análise desta cultura em seu interior, de maneira detalhada. Tomemos de empréstimo o conceito de “cultura escolar” de Juliá:

[...] poder-se-ia descrever a cultura escolar como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (Juliá, 2001, p10.)

Na busca da compreensão sobre o que acontece no interior do ambiente escolar, Dominique Juliá focaliza a questão da cultura escolar e as diferentes práticas nas relações entre professor/aluno em seu cotidiano e, por meio dessa análise, compreender a cultura escolar. Esta forma de olhar o ambiente escolar como um local social, heterogêneo e próprio de uma dinâmica cultural singular, nos ajuda a compreender muitas coisas sobre as estruturas simbólicas sociais, suas determinações e suas articulações com a cultura local e suas relações de poder.

Vale lembrar que até mesmo a manutenção da estrutura física das escolas e sua dimensão arquitetônica também podem ser fatores que contribuem para a formação de suas dinâmicas internas e culturais (Escolano, 2001), assim como os valores atribuídos em decorrência ao uso de uniformes; do estado estético do local¹⁶; dos status simbólicos atribuídos aos diplomas e outros detalhes cotidianos que uma análise sociológica participativa apurada pode elucidar, como em *Retorno à condição operária* (Beaud, S.; Pialoux, M., 2009), no qual é feita uma pesquisa minuciosa sobre as escolas técnicas

¹⁶ “Estado estético” refere-se aqui à questão da manutenção e limpeza dos ambientes escolares, que durante algumas entrevistas preliminares e por meio da observação da interação dos alunos e professores com o ambiente escolar, tem aparecido como uma questão importante na atribuição de valor simbólico para instituição de ensino específica.

francesas, apresentando uma riqueza de detalhes sociológicos e antropológicos para a análise das relações simbólicas em questão.

A criação de um ambiente escolar e também de uma cultura escolar remonta aos primórdios das instituições de ensino e da formação pedagógica de professores. Desde o começo da história das culturas escolares, com Jean Baptiste de la Salle (1651- 1719) o qual criou a Irmandade das Escolas Cristãs, até os dias de hoje, muito mudou no ambiente escolar e na sua significação social. Mas o ambiente escolar ainda segue como parte crucial na formação das engrenagens sociais, principalmente após a Revolução Francesa (1789-1799), seja forma de assimilação das ideologias liberais, como meio de estratégias políticas ou como mecanismo de difusão e legitimação de uma cultura.

Para La Salle (1651- 1719), por exemplo, o sistema educacional deveria responder às necessidades dos alunos, transmitindo-lhes conhecimentos e formando seus hábitos morais e intelectuais. Porém, pela definição de quais conhecimentos? Quais hábitos? Qual moral e que tipo de formação intelectual? Levando em conta o caráter relativo destes conceitos e de que as escolas têm enorme potencial de difusão de hábitos e valores, percebemos que a escola sempre se configurou como um forte dispositivo de poder (Foucault, 2005) e estabelecimento dos valores simbólicos e sociais definidos pelas relações de força entre os grupos sociais.

Em uma reflexão sobre o papel da escola nas sociedades modernas, urbanizadas, industrializadas e escolarizadas o papel das instituições escolares tornou-se historicamente detentor da legitimação da boa educação e da formação dos indivíduos, tanto que o sistema meritocrático, como conjunto de valores e de crenças, tornou-se a um valor intrínseco à cultura ocidental. O ambiente escolar, a “forma escolar”, como dizem Guy Vincente e B. Lahire (2011) tornou-se o espaço por excelência de formação das novas gerações e um dos principais veículos de difusão do conhecimento legítimo.

Durante o século XX, os sistemas de ensino continuaram a se expandirem, a incluir novos atores sociais, como as mulheres, os mais pobres, os deficientes. No Brasil não foi diferente, esta expansão deu-se lenta e historicamente com um flagrante déficit das vagas de Ensino Médio, em especial, nos ciclos finais da escolarização. O ensino médio, durante muito

tempo, foi quase monopolizado pela iniciativa privada. Basta lembrar que até 1940 a capital paulista possuía apenas três ginásios públicos que ofereciam o ensino secundário (Spósito, 1984), os demais eram oferecidos pelas escolas privadas (Perosa, 2009).

A lenta expansão dos estabelecimentos de ensino secundário públicos não impediu que a escola no Brasil fosse ganhando cada vez mais legitimidade como um veículo de ascensão social e de difusão da cultura socialmente legítima. Outro ponto a ser considerado refere-se ao campo teórico de Michel Foucault (1987) que, em sua análise sobre o poder disciplinar, discute o jeito como as instituições sociais (escolas, hospitais, presídios...) são estruturadas nas suas diversas instâncias de forma que possam transformar as pessoas em “corpos dóceis”, no que diz respeito à incorporação das formas de poder social e ao controle do corpo, no intuito de que o sujeito possa assimilar uma auto-regulação de seus “instintos” e se torne “domesticado” ao trabalho e ao convívio social pacífico e se enquadre nos padrões de “normalidade” estabelecida. Como diz Foucault (ANO, p. 117-118),

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício [...] A cada vez, ou quase, impuseram-se para responder a exigências de conjuntura: aqui uma inovação industrial, lá a recrudescência de certas doenças epidêmicas, acolá a invenção do fuzil ou as vitórias da Prússia. O que não impede que se inscrevam, no total, nas transformações gerais e essenciais que necessariamente serão determinadas.

Nestas perspectivas, a escola com o tempo acabou assumindo um papel de disseminadora desse condicionamento, estabelecendo as regras, criando as “boas maneiras” e os “bons costumes” em acordo com a necessidade do poder político, religioso, econômico e social. Tendo em vista que a escola assumiu o

papel de difusora da normalização, estar de acordo com as suas exigências criaria as predisposições necessárias para a “aceitação” na cultura social dominante. Logo este tipo de capital simbólico tornava-se almejado nas classes que buscavam ascensão social.

Procurando compreender melhor esta inserção da escola no meio social e de sua função nas dinâmicas de poder, torna-se inevitável não recorrer a um autor como Pierre Bourdieu (2007) que colocou no centro das suas discussões esta questão sobre a aquisição da cultura legítima. Os argumentos de Bourdieu (1990) a respeito da compreensão das concepções sobre o gosto, a cultura, as relações de dominação social e das construções dos valores simbólicos ajudam-nos a pensar nestes contextos no que tange aos conteúdos estudados na escola que se seguem de um “valor” simbólico em detrimento de outros conhecimentos. O autor desenvolve o conceito de *Capital Cultural* como estabelecendo um valor “moral” que faz parte das determinações nas dinâmicas sociais. Estes conhecimentos enquadrados como *Capital Cultural* tornam-se parâmetros de valor que vão reger posições sociais. Por exemplo: os conteúdos cobrados no vestibular das universidades públicas; os conhecimentos que são ensinados na escola; os conhecimentos que servem como pré-requisitos para determinados concursos ou empregos. *Quem os define? O que faz uma cultura ser boa em relação à outra? Por que aprender sobre uma determinada cultura e não outra?*

Almeida (2009), em sua análise sobre *As escolas dos dirigentes paulistas*, afirma que, no caso brasileiro, até mesmo as instituições jurídicas dificultam a legitimação social daqueles com menos escolaridade (capital cultural institucionalizado), como no caso dos dispositivos legais de proteção e benefícios para as pessoas portadoras de diploma universitário, ou mesmo no caso do voto que ficou proibido aos iletrados até o ano de 1988.

Para Bourdieu (1990) existe uma incorporação de valores simbólicos que podem caracterizar os sujeitos inconscientemente. O grupo dominante em busca de afirmar o seu poder, ou valor, estabelece conceitos “puristas”, “sacramentados”, “imanentistas” sobre sua posição social e seu estilo de vida, buscando estabelecer sua posição social pelo meio simbólico, fazendo com que o seu gosto cultural seja o marcador das diferenças sociais. A noção de

*habitus*¹⁷ pretende dar conta desta incorporação do mundo social que se transformaria em formas de pensar, de sentir e de agir, como segue na definição:

as representações dos agentes variam segundo sua posição (e os interesses que são associados a ela) e segundo seu *Habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição do mundo social. O *Habitus* é ao mesmo tempo um sistema de esquemas de produção de práticas e um sistema de esquemas de percepção e apreciação das práticas. E, nos dois casos, suas operações exprimem a posição social em que foi construído. (BOURDIEU, 1990, p.158)

O poder do *Habitus* se faz quando ele é incorporado a ponto de determinar a forma de pensamento de maneira imperceptível, tornando a ser um *Habitus* legitimado e apreendido nas formas de entendimento da realidade, reproduzido nas relações práticas, e no campo simbólico, perpetuando a dominação e as diferenciações entre as classes. Tornando estas aparentemente evidentes por si. Esse *Habitus* se faz sentir em todas as camadas das relações sociais, nas estruturas físicas, nas formas do gosto, nas representações de belo, feio, sagrado, profano, nas formas de expressão corporal e nas formas de falar, nas escolhas dos amigos e até mesmo nas escolhas das carreiras profissionais e relações amorosas. Esta oposição de classes reforçada, em parte, pelo *Habitus* também é fundamentada em uma percepção desta realidade social por uma estruturação, em certa medida, objetivada e outra subjetiva, descritas por Bourdieu (1990) como se segue: a

¹⁷Conceito de *habitus* para BOURDIEU: "sistemas de posições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, quer dizer, enquanto princípio de geração e de estruturação de práticas e de representações que podem ser objetivamente 'reguladas' e 'regulares', sem que, por isso, sejam o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu objetivo sem supor a visada consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-las e, por serem tudo isso, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação combinada de um maestro" (BOURDIEU, 1987). "(...) sistema de disposições duráveis e transferíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, apreciações e ações, e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas que permitem resolver os problemas da mesma forma e graças às correções incessantes dos resultados obtidos, dialeticamente produzidas por estes resultados" (*ibidem.*: XLI).

primeira é socialmente determinada, uma vez que as diferentes combinações de condições objetivas estão desigualmente “distribuídas”.

A segunda, pela oposição dualista simbolicamente estabelecida. Assim como a visão dicotômica de Durkheim (1973), que trazia um dualismo nas construções simbólicas sociais, entre o *sagrado* e o *profano*, para Bourdieu (1990) os valores sociais incorporados na sociedade seguem uma estrutura similar, em que definimos a “cultura do bom gosto” sempre estabelecendo um parâmetro de transposição com a definida “cultura do mau gosto”. Esse dualismo cultural implicaria diretamente na vida social, criando uma divisão social entre aqueles que detêm a forma legítima, que torna-se uma espécie de capital e aqueles excluídos deste processo, visto que se o indivíduo não for capaz de se apropriar dos códigos simbólicos da “cultura do bom gosto” e do estilo de vida dos que têm posse dela, automaticamente encontrará sua definição na oposição desta cultura (cultura de mau gosto), sendo “marginalizado da cultura dominante”.

Por sua vez, este fator acentua ainda mais estas diferenças sociais, enraizando a cultura dominante de forma profunda no seio das relações humanas, o que torna esta cultura elitizada, parâmetro oficial de mediação das relações e construções simbólicas. Como afirmava Weber (2001) ao expor que a verdadeira legitimidade do poder só se estabelece realmente na medida em que sua legitimação é feita por parte dos dominados ou nos termos de Maquiavel (1973), nos quais definem que o detentor do poder se estabelece muitas vezes pela força, mas só se mantém no poder quando suas ideias são incorporadas pelo povo. O que nos remete a refletir que a “ideologia dominante” é apreendida pelos dominados como a sua ideologia de “desejo” ou a única possível. Esta determinação simbólica se estabelece por todas as vias sociais. Torna-se um *habitus* ao ser incorporado pelos indivíduos e é reproduzido sistematicamente nos meios de comunicação e socialmente nas ações práticas. Perde a característica de estratégia de dominação e se estabelece como regra normativa e incontestável.

O ambiente escolar pode ser visto como um ótimo exemplo para explicitar como a dominação por meio do capital cultural está enraizada em um sistema legitimado e transformado em senso comum para a classe dominada. Teoricamente, o ensino deveria ser difundido de forma igualitária, com o intuito

de humanizar as pessoas, difundir os valores democráticos, capacitar as pessoas para a vida social de maneira igualitária e transpor as diversas formas culturais em âmbito geral. Percebemos que é assim que a escola tenta se mostrar. Porém, este discurso se perde na prática e o ambiente escolar torna-se um veículo de afirmação dos valores simbólicos da classe dominante. Os alunos das classes sociais mais favorecidas trazem consigo um capital cultural maior (desta cultura legitimada) do que os alunos das classes mais baixas (que possuem uma cultura não legitimada, tendo em vista o que é cobrado pelas instituições sociais “escolarizadas”. Isto não significa que os alunos mais pobres sejam desprovidos de cultura, porém a cultura exigida pela escola é a *do arbitrário cultural dominante*.

Este *arbitrário cultural dominante* (cultura que se sobrepõe sobre as demais) é difundido pela escola, exigido no contexto da vida social, considerado como a “boa cultura” ou “verdadeira cultura”, que servirá como capital de base dos valores simbólicos e reafirmada pelas classes dominantes, estabelecida por lei, legitimada pela reprodução dos meios simbólicos sociais, pelos meios de comunicação e reafirmada pelo ambiente escolar. Criando um ciclo de legitimação do poder simbólico. Com isso, os alunos das classes dominantes trazem consigo do meio familiar uma bagagem desta cultura “oficial” visto que seus pais cultuam e “podem” (tendo em vista que as condições econômicas também refletem nas condições de acesso desta cultura) inserir seu filho com maior facilidade neste mundo simbólico. Enquanto os alunos das camadas sociais economicamente mais baixas não têm acesso a esse tipo de cultura devido às dificuldades econômicas e ao ciclo vicioso em que seus pais estão inseridos como desprovidos deste capital cultural, visto que também não tiveram acesso à dominação deste mundo simbólico¹⁸.

Isto faz com que os alunos sintam a necessidade de buscar este capital cultural legitimado (legitimando ainda mais esta cultura em detrimento das outras) e com que muitos dos alunos que não tiveram acesso por meio da família ou meios externos. Por essa razão, muitas vezes, sentem-se menos inteligentes e incapazes de realizar uma ascensão social, tornando-se

¹⁸Contudo, o fator crucial disso se faz na forma como a escola transpõe os valores deste capital cultural elitizado como se tivesse maior valor em si mesmo mais do que as culturas populares, exigindo um pré-conhecimento desta “Cultura Sacramentada”, tornando o conhecimento menos acessível aos alunos que não tiveram contato anterior com esta cultura.

excluídos na medida em que não se enquadram ou não consigam incorporar esse capital cultural que a escola exige. Isto é facilmente visível nas escolas do ensino médio regular.

Portanto, o aluno que não tem propriedade do *arbitrário cultural dominante* acredita que as dificuldades encontradas em suas formas de aprendizado são resultado de sua incapacidade de aprender e não da estrutura escolar em si. Logo, encontrará para si a explicação de que por ser o *arbitrário cultural dominante* mais difícil de ser conquistado, ou algo sublime para poucos, aqueles que o detêm merecem mais poder social do que aqueles que não têm a posse desse capital cultural. Os que têm este “dom natural” possuem em si mais qualidades que os demais, validando assim a sua dominação. Por outro lado, podem simplesmente se ver na posição de “pobres” culturalmente e, ainda assim, sublimar aqueles que têm a posse cultural. Em ambas as possibilidades, existe uma legitimidade do valor desta cultura em relação a outras e afirmação do poder de quem detém este capital.

Em outras palavras, esta cultura é incorporada como a cultura oficial, introduzida de maneira imperceptível no cotidiano em todas as instâncias sociais, reproduzida como a melhor cultura e como parâmetro de valor nas relações, de tal modo que realmente aparenta ser natural e imanente à sociedade, tornando-a percepção da dominação invisível. No caso do distanciamento social entre as classes, Bourdieu (1990, p158.) apresenta o conceito de *estratégias de condescendência*, como segue na citação:

Através das quais agentes que ocupam uma posição superior em uma das hierarquias do espaço objetivo negam simbolicamente a distância social, que nem por isso deixa de existir, garantindo assim as vantagens do reconhecimento concedido a uma denegação puramente simbólica da distância (“ele é uma pessoa simples”, “ele não é orgulhoso”) que implicam o reconhecimento da distância (as frases que citei implicam sempre um subentendido: “ele não é orgulhoso, para um professor da faculdade”). Em suma, podem-se usar as distâncias objetivas de maneira a obter as vantagens da proximidade e as vantagens da distância, isto é, a distância e o reconhecimento da distância assegurados pela denegação simbólica da distância.

Isso acentua ainda mais a distância simbólica e a dominação e, ao mesmo tempo, torna estas diferenças e esta dominação imperceptíveis e, portanto, mais eficazes como estratégias de dominação. Perdendo, então,

qualquer traço de estratégia. O que remete a frase de Bourdieu (1990, p160.): “as estratégias mais ‘lucrativas’ são as que não são vividas como estratégia”.

A dominação social é incorporada em todas as camadas das relações simbólicas. Torna-se legitimada e eficaz. O *capital cultural* sendo o fundamento simbólico do poder social, tendo seu acesso “restrito” à classe dominante, almejado pelo gosto (estabelecido pelo *arbitrário cultural dominante*) da classe dominada, aceito e reproduzido como valor primordial, torna a dominação efetiva e invisível e, portanto, mais “lucrativa” em seu objetivo final. Então este capital cultural e este enquadramento corporal, difundidos pela escola, se consolidavam como a demarcação das diferenças na forma “moral” e naturalizante da hierarquia decorrente do capital econômico. Portanto, tornou-se como um determinante das regras dos jogos sociais.

Partindo destes pressupostos condicionantes das instituições escolares, o jogo social se configura, criando um ambiente em parte excludente, mas também em parte proporcionador de elementos necessários para os alunos conseguirem desenvolver suas potencialidades dentro do jogo social. Esta estrutura pode encontrar na figura de determinados professores ou atores sociais do ambiente escolar uma potencialização dos projetos escolares, devido às condições de suas trajetórias; suas finalidades com a carreira do magistério e seu lugar dentro do jogo escolar.

Estes projetos muitas vezes são pautados na *docilização* dos estudantes para o trabalho e para cumprir o seu papel social, porém, em alguns casos estes projetos estão configurados para uma busca de ascensão no jogo social. A relevância de se buscar uma exposição e compreensão para casos de êxito no Ensino Médio das escolas públicas se faz de vital importância, uma vez que esta etapa do ensino básico, tão crucial para os jovens na determinação de sua vida adulta e profissional, está em crise.

O desempenho do discente pode ser influenciado por diversos fatores decorrentes de sua posição familiar em nossa estrutura social¹⁹, tais como: qualidade do ensino ofertado; padrão socioeconômico da família; necessidade de ingresso ao mercado de trabalho; local em que cursa ou cursou o Ensino

¹⁹Perosaet *al.*, 2015. **O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo.**

Médio (rede pública ou privada de ensino; descontinuidade das políticas educacionais, dentre outros.

Perosa *et al* (2015)²⁰, aponta que:

A busca por uma escola com ‘uma estrutura melhor’, a decisão de investir mais dinheiro no ensino secundário, de cotar o preço das escolas e tentar calcular o valor do serviço comercializado, por meio da utilização dos rankings escolares, se misturam às estratégias de evitamento e de certa forma de distinção social. (...) Vemos que neste mercado escolar, há concorrência pela clientela, variação dos preços e dos serviços oferecidos (cursos extracurriculares, período integral, etc.). Em oposição às escolas “do Estado”, igual para todos, a escola ‘particular’ tende a ser percebida como uma aposta inequívoca na boa formação escolar e o investimento socialmente legítimo para aqueles que devem sua posição social às suas credenciais escolares.

Como dito anteriormente, durante o período que compreendeu o século XX, notou-se uma grande expansão do acesso ao sistema de ensino como um todo. Este rápido crescimento revelava as disparidades das estruturas escolares da rede pública e da rede privada. Fatores como progressão no sistema de ensino ou o acesso a um nível educacional de acordo com as características sociais e geográficas das famílias, são apenas algumas dentre as inúmeras variáveis existentes que corroboram para embasar a percepção das famílias sobre a qualidade do ensino oferecido na rede pública em relação à qualidade de ensino oferecida na rede privada de ensino. A variação da renda familiar também afeta diretamente o número de matriculados nas escolas das redes públicas e privadas de ensino: famílias detentoras de maior renda e escolaridade optam, em sua maioria, por matricular seus alunos em instituições privadas. Por outro lado, os grupos com menor renda e menor grau de instrução tendem a matricular seus filhos em escolas da rede pública de ensino (PEROSA *et al*, 2015).

Nos últimos anos, a sociedade civil passou a ocupar espaço que antes eram controlados exclusivamente pelo Estado. A preocupação com uma educação pública de qualidade tomou forças e passou a mobilizar outros atores na busca de um sistema de ensino equânime e de qualidade. O setor privado, por exemplo, – sempre tão exigente com a qualificação de mão de obra –, se

²⁰Perosa *et al.*, 2015. *Distinções nos grupos populares e oferta escolar em São Paulo*.

envolveu na busca por melhorias na qualidade do ensino ofertado no sistema público (MARQUES *et al*, 2007).

Segundo Viamonte (2011, p29.),

o contexto político, econômico e cultural da sociedade, mediado pelo avanço da ciência e da tecnologia, interfere nas relações de educação e trabalho, gerando novas formas de organização do trabalho escolar nos vários níveis e modalidades de ensino.

As Leis de Diretrizes e Bases define no Artigo de nº 35 que a última etapa da Educação Básica no Brasil compreende o Ensino Médio. Esta tem duração mínima de três anos, sendo ofertado preferencialmente à população de 15 a 17 anos – mas, em decorrência de inúmeros fatores, o Ensino Médio atende parte da população entre 18 e 19 anos. O Ensino Médio pode, também, oferecer de maneira concomitante ao ensino regular o ensino profissionalizante (ensino técnico), tanto nas unidades de ensino como através de parcerias com instituições especializadas em educação profissional (como disposto no Art. 36 da Lei nº 11.741/08)²¹.

Embora o Ensino Médio seja a última etapa necessária para conclusão da educação básica, a evasão e o abandono escolar são problemas constantes em nossa rede de ensino, assim como a falta de oportunidades no mercado de trabalho, frutos da má qualificação destes jovens.

Nos últimos anos, foi possível observar um crescimento no número de matrículas dos alunos: em 2000, haviam 8.192.948 alunos matriculados na rede de ensino; em 2013, este número aumentou para 8.312.815 alunos. Este aumento implica em um crescimento de apenas 1,01% de matriculados na Rede, mas ao analisarmos a tendência de crescimento da rede de ensino nos últimos anos, é possível observar que houve uma retração em sua expansão²²:

²¹Para mais informações, consultar o *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*.

²²Para mais informações, consultar o *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*.

Gráfico 1 – Matrículas de Ensino Médio entre os anos 2000 e 2013

A queda no número de matriculados pode ser explicada por alguns fatores como a renda familiar, por exemplo. De acordo com Santos (2007)²³, o término do ensino fundamental obrigatório coincide com a idade em que o discente encontra-se apto a trabalhar sem que isso seja considerado exploração do trabalho infantil. As crianças e adolescentes dos setores mais pobres de nossa sociedade passam, portanto, a trabalhar para auxiliar nos gastos da família. Assim, o discente passa a ter dificuldades para conciliar estudos e trabalho, por este motivo, acaba por abandonar os estudos e, por necessidade, ingressar no mercado de trabalho.

Segundo dados da Fundação Seade²⁴, apenas metade da população entre 15 e 17 anos cursa o Ensino Médio – a proporção de alunos que abandonaram a escola nos últimos dez anos mais do que dobrou. O grupo de jovens conhecidos como “nem-nem” (jovens que nem estudam e nem trabalham) corresponde a 24% da população na faixa etária dos 18 anos; em sua maioria, são jovens cujas famílias possuem renda inferior a dois salários mínimos.

Entre 2002 e 2012, o crescimento percentual do número de alunos no Ensino Médio foi de 3,5% para famílias que recebiam até dois salários mínimos

²³ *Abandono da escola é mais preocupante no ensino médio e na educação de jovens e adultos*, UFMG – 2007.

²⁴ CASTRO, M.H.G.; TORRES, H.G.; FRANÇA, D. Os Jovens e o gargalo do Ensino Médio no Brasil.

per capita. Este indicador aponta para uma mudança comportamental no perfil das famílias que optam por matricular seus filhos no ensino médio privado: esta modalidade de ensino tornou-se mais acessível às famílias. Em 2002, aproximadamente 25% dos alunos de ensino médio da rede privada pertenciam a famílias cuja renda era de até três salários mínimos; em 2012, este percentual aumentou para 35% (SEADE, 2014).

Tabela 1: Participação da rede privada nas matrículas, por nível de ensino, segundo renda domiciliar *per capita*

Participação da rede privada nas matrículas, por nível de ensino, segundo renda domiciliar <i>per capita</i> Estado de São Paulo – 2002-2012				
Renda domiciliar <i>per capita</i>	Em porcentagem			
	Ensino fundamental		Ensino médio	
	2002	2012	2002	2012
Até 2 salários mínimos	8,4	18,1	6,2	9,7
Mais de 2 até 3 salários mínimos	25,3	37,1	19,7	35,4
Mais de 3 até 5 salários mínimos	52,0	73,2	49,2	68,8
Mais de 5 salários mínimos	48,8	87,9	62,1	78,6

Fonte: Seade, 2014.

Outro fator que pode contribuir para o abandono das salas de aula é a percepção de qualidade do ensino que é ofertado: problemas adquiridos ao longo do ensino fundamental (como dificuldades no processo de alfabetização, por exemplo) também contribuem para o abandono das salas de aula; o aluno desmotivado a aprender dá preferência ao mercado de trabalho do que às salas de aula.

O crescimento das redes privadas de ensino chamou a atenção nos últimos anos. Entre 2002 e 2013, foram inauguradas mais de 2.600 escolas de ensinos fundamental e médio. Só em 2013, mais de 275 mil alunos se matricularam na rede privada de ensino para cursar o Ensino Médio. A rede pública, por sua vez, sofreu uma queda de 10% nas matrículas (cerca de 180 mil alunos a menos matriculados em escolas públicas para cursar o Ensino

Médio), embora 2.000 novas escolas públicas de ensino básico tenham sido inauguradas neste mesmo período.

A evasão escolar ainda é uma preocupação constante, mesmo após a implementação de políticas de aumento no número de matrículas na rede. Indo para além das dificuldades econômicas, podemos citar a falta de motivação dos discentes em prosseguir com os estudos: Krawczyk (2011) afirma que:

Muitas vezes, sua motivação está bastante associada à possibilidade de recompensa, seja por parte dos pais, seja pelo ingresso na universidade. A questão está nos grupos sociais para os quais o ensino médio não faz parte de seu capital cultural, de sua experiência familiar; portanto, o jovem, desses grupos, nem sempre é cobrado por não continuar estudando. É aí que está o desafio de criar a motivação pela escola.

Os alunos ingressam no Ensino Médio com bagagens sociais e culturais bastante diversificadas. Nesta etapa de suas vidas, alguns alunos apresentam dificuldades em se adaptar ao novo ambiente escolar; a busca por um espaço de convívio social, respeito às diferenças e aprendizado refletem diretamente sobre a aceitabilidade do aluno. Segundo Azevedo & Reis (2013), Freire, afirma que a

ausência de diálogo entre os objetivos da escola, do professor, do aluno e da família. A falta de consonância entre as metas desses quatro personagens acaba acarretando: altos índices de rejeição discente à escola; responsabilização do professor, taxado como malformado; atribuição do fracasso discente ao educando, aos contextos familiares e suas situações socioeconômicas. Assim, esses estudantes são desafiados a resistir em meio a uma escola que tem preceitos de ação calcados na “pedagogia bancária” (AZEVEDO & REIS, 2013).

Para amenizar as dificuldades enfrentadas pelo aluno, é necessário que a rede pública de ensino passe a respeitar e efetivar os direitos à educação diferenciada, a interculturalidade no ambiente singular de cada *cultura escolar*, oferecendo um ensino de qualidade e comunitário, visando, também, populações frequentemente atingidas pela exclusão escolar (indígenas, quilombolas e deficientes). Ao reconhecer que cada aluno é um indivíduo com características diversificadas, culturas e hábitos diferentes entre si, a rede passa a reconhecer e a garantir o direito de todos os alunos a concluir o ensino

básico, qualificando-se para adentrar ao mercado de trabalho ou, para ingressar no ensino superior. (UNICEF, 2014).

Esse reconhecimento da singularidade dos alunos e a relação com os professores é de fundamental importância para a compreensão do sucesso escolar no Ensino Médio. Posto a crise existente nas escolas públicas resta pensar as formas de lidar com esta crise dentro das possibilidades existentes, mas, principalmente, pensando nos bons resultados que o ensino médio das ETECs estão conquistando; a pesquisa pretende adentrar na “cultura escolar” ²⁵ (Juliá, 2001) destes ambientes distintos, na busca de apreender quais são os elementos primordiais destes resultados.

1.2 As ETECs e o Ensino Médio na ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar

Segundo o portal do Centro Paula Souza que é a instituição responsável pela manutenção e administração das ETECs, via Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo:

O Centro Paula Souza iniciou suas atividades em 6 de outubro de 1969. Mas as primeiras reuniões do Conselho Estadual de Educação para a criação da instituição aconteceram em 1963, quando surgiu a necessidade de formação profissional para acompanhar a expansão industrial paulista. A ideia de criar um Centro Estadual voltado para a Educação Tecnológica ganhou consistência quando Roberto Costa de Abreu Sodré assumiu o governo do Estado de São Paulo, em 1967. Em outubro de 1969, o governador Abreu Sodré assinou o Decreto-Lei que criou a entidade autárquica destinada a articular, realizar e desenvolver a educação tecnológica nos graus de ensino Médio e Superior.²⁶

²⁵ Como Juliá mesmo afirma sobre a análise da cultura escolar que é um, “abrir a caixa preta da escola”, buscar compreender melhor os acontecimentos desse ambiente escolar ou como defendia André Chervel, a escola tem a capacidade de produzir uma cultura própria, original e singular. (VIDAL, 2005).

²⁶ Dados extraídos do: <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/> última visualização em 15.10.13.

Esta instituição surgiu a partir de uma necessidade de se criar uma educação tecnológica²⁷, em nível médio e superior. Porém, é importante citar, para que possamos compreender um pouco melhor as motivações destes alunos, podemos ver que nas últimas edições do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)²⁸ as ETECs obtiveram notas expressivas em comparação com as escolas regulares.

Os resultados divulgados em 2011²⁹, pelo Ministério da Educação, referentes às provas realizadas em 2009, indicam que, dentre as 50 escolas públicas estaduais do Brasil com melhores resultados, 34 são ETECs. Entre as 50 melhores escolas públicas regulares paulistas, 41 são ETECs.

Das 50 escolas estaduais mais bem colocadas na classificação no Estado de São Paulo, 44 fazem parte das ETECs. A Escola Técnica de São Paulo (ETESP) ficou como a melhor escola estadual de Ensino Médio paulista. Em nível brasileiro, é a 2ª dentre as estaduais e na capital, configura o 17º lugar entre públicas e privadas. Na capital paulista, das 10 escolas públicas com melhor pontuação, nove são ETECs. Das 89 ETECs que participaram do Enem, 11 ficaram em primeiro lugar em seus respectivos municípios, entre as públicas e as privadas. De acordo com o Centro Paula Souza, existem 218 ETECs em 160 municípios de São Paulo.³⁰

CAPÍTULO 2 – DUAS ESCOLAS PÚBLICAS E SEUS ESTUDANTES

Durante a minha experiência de magistério na escola regular e na ETEC, diversas observações do cotidiano davam pistas sobre como se construíam as diferenças materializadas pelos dados estatísticos sobre o desempenho desigual destes dois segmentos do setor público de educação. Neste capítulo apresento o material empírico reunido com esta pesquisa com o objetivo de: i)

²⁷ Lembrando que nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino médio de 2000, prevê no Art. 36. I a educação tecnológica básica.

²⁸ O Exame Nacional do Ensino Médio tornou-se nos últimos 10 anos um dos exames mais importantes para os jovens que pretendem entrar no ensino Superior, e importante referencial de medição de qualidade de ensino nas escolas.

²⁹ até a data desta pesquisa os resultados de 2012 ainda não tinham sido divulgados

³⁰ Número de ETECs em Outubro de 2014.

contextualizar as duas escolas e ii) identificar e comparar as distinções notadas no que diz respeito à *infra-estrutura* escolar, às *características sociais* dos estudantes e à *organização da experiência escolar* nos dois ambientes.

2.1 Contextualizando as duas escolas

As duas escolas situam-se na microrregião de Franco da Rocha da região metropolitana de São Paulo, composta por cinco municípios: Franco da Rocha, Caieiras, Francisco Morato, Mairiporã e Cajamar. Trata-se de uma região localizada ao norte do município de São Paulo e nas imediações da Serra da Cantareira (Mapa 1). Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), esta microrregião possui 453.684 mil habitantes que residem em uma área de 600km².

Mapa 1: Região metropolitana de São Paulo (Divisão administrativa da Secretaria Estadual de Educação)

Ao norte do município de SP, vemos em vermelho a microrregião de Franco da Rocha. Durante todo o século XIX, esta região se caracterizava pela presença de fazendas e tornou-se rota das expedições dos bandeirantes em direção a Minas Gerais. Mais tarde, parte destas terras foi vendida para a

Companhia de Trens *São Paulo Railway* e recebeu a estação de trem *Juquery* (1888), tornando-se ligada à cidade de São Paulo pela linha do trem.³¹ Gradativamente, Franco da Rocha tornou-se procurada por trabalhadores que chegavam a São Paulo, vindos do nordeste e de outras regiões do Brasil, atraídos pelo intenso crescimento industrial da região. Esta microrregião abriga bairros-dormitórios, chácaras, condomínios de casas e alguns apartamentos pequenos.

A ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar está localizada no município de Franco da Rocha, no edifício no qual funcionava o CEFAM a 2 km do centro da cidade. Além da estrutura física, pode-se dizer que a ETEC herdou do CEFAM o prestígio e o capital simbólico associado a este estabelecimento de ensino. A Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau, Geraldi Serrano, situa-se no município de Francisco Morato, antigo distrito de Franco da Rocha que tornou-se independente em 1965. Em comparação com Franco da Rocha, Francisco Morato possui uma área geográfica menor e maior densidade populacional.³² Trata-se do município mais pobre desta microrregião e que possui os índices mais altos de violência. Estas características sócio-demográficas dos dois municípios estão presentes também no senso comum das pessoas que vivem na região e muito presentes nas entrevistas e conversas informais que tive durante a realização da pesquisa com a comunidade escolar em geral.

Objetivando estas representações do senso comum das regiões nas quais estão inseridas as duas escolas, é interessante observar a tabela do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em comparações com São Caetano do Sul (por ter o melhor IDH do Estado), São Paulo e Campinas (como metrópoles de referencia), Caieiras, Mairiporã, Franco da Rocha, Cajamar, Campo Limpo Paulista e Jundiaí (cidades vizinhas que com exceção destas duas últimas, fazem parte da mesma Diretoria de Ensino).

³¹ Em 1985 a cidade recebeu o Hospital Psiquiátrico Juquery. Sobre a história de Franco da Rocha, consultar: <http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=351640&search=%7Cfranco-da-rocha>

³² Francisco Morato possui 165.538 habitantes, em uma área de 49,073km² e uma densidade de 3.143,32hab/km². Franco da Rocha possui 131 366 habitantes e a área é de 133,9 km², o que resulta numa [densidade demográfica](#) de 931,9 hab/km². Fonte: IBGE- 2010.

Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 2010

Ranking IDHM 2010	Município	IDHM 2010	IDHM Educação 2010
1 °	São Caetano do Sul (SP)	0,862	0,811
11 °	Jundiaí (SP)	0,822	0,768
28 °	São Paulo (SP)	0,805	0,725
28 °	Campinas (SP)	0,805	0,731
76 °	Mairiporã (SP)	0,788	0,723
119 °	Caieiras (SP)	0,781	0,749
238 °	Campo Limpo Paulista (SP)	0,769	0,739
993 °	Franco da Rocha (SP)	0,731	0,654
1081 °	Cajamar (SP)	0,728	0,668
1811 °	Francisco Morato (SP)	0,703	0,647

Vê-se pelo índice sintético do IDH o quanto Franco da Rocha e Francisco Morato, cidades nas quais se inserem a ETEC e a escola regular focalizada nesta pesquisa, apresentam baixos níveis de desenvolvimento educacional e social. É neste contexto social mais amplo que as experiências de escolarização investigadas neste estudo precisam ser consideradas. No contexto destas periferias da cidade de São Paulo a ETEC corpus desta pesquisa representa um equipamento público da maior importância, dado os bons resultados acadêmicos que obtém. O número crescente de candidatos no exame de ingresso desta ETEC, como se pode ver no *Gráfico 2*, expressa essa percepção por parte dos alunos e das famílias residentes no entorno de Franco da Rocha.

Em sua primeira participação no ENEM (2010), segundo dados do MEC, a ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar figura na 21ª colocação entre as 50 melhores escolas públicas paulistas e em 17ª dentre todas as 129 ETECs participantes.³³ Vale ressaltar que a procura pelo ensino médio das ETECs vem crescendo de forma contínua. Por exemplo, nesta mesma ETEC em Franco da Rocha, o número de concorrência por vaga no ensino médio está crescendo gradualmente e a oferta de vagas não se alterou.

³³ Dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) 12/09/11.

Gráfico 2 – Relação Candidato x Vaga, 2011 a 2014.

Sabendo que o número médio de alunos provenientes de escolas públicas entre 2011 – 2014 manteve a faixa de 65% das matrículas³⁴, notamos, ainda, que a grande procura pela ETEC pode ser considerada mais um indicador da crise das escolas públicas regulares de ensino.

Além de evidenciar a crise das escolas regulares, esses números sugerem a posição desta ETEC na região como herdeira do CEFAM e ajudam a explicar sua fama de melhor escola da diretoria de ensino. De fato, trata-se de uma escola com alunos que vieram, em boa parte, da rede estadual comum de educação³⁵ que foram aprovados em um exame de seleção (Vestibulinho) e cursam o Ensino Médio regular em uma unidade de ensino conhecida por ser uma ótima escola do ponto de vista educacional, ou seja, capaz de preparar seus alunos para obter um bom desempenho em provas (ENEM), exames de seleção (vestibular/Fuvest), concursos e boas posições no mercado de trabalho³⁶.

³⁴ Este número corresponde aos alunos que estudaram integralmente na rede pública, havendo ainda uma variedade de alunos que estudaram com bolsa em escolas particulares e parcialmente em escola pública.

³⁵ Em uma pesquisa feita com os alunos ingressantes em 2012, no universo de 110 alunos do 1º ano do E.M 55% dos alunos estudaram integralmente em escolas públicas; 18% integralmente em escolas particulares; 18% maior parte em escolas públicas e 9% a maior parte em escolas particulares e a média de alunos integralmente de escolas públicas se manteve com pequenas variações (0,1%) até 2014.

³⁶ Uma referência importante na compreensão dos objetivos do Ensino Médio está na “Proposta de currículos por competências”, fornecido para todos os professores pelo Centro Paula Souza, onde os objetivos são distribuídos em: a) construção da identidade dos alunos; b) preparação para a vida; c) preparação para a continuidade dos estudos; d) preparação para o mundo do trabalho; e) exercício da cidadania ativa.

Vale enfatizar que cada escola tem uma singularidade nas ambições dos alunos e para ficar mais evidente o que entendemos por êxito escolar, no questionário realizado com os alunos formados em 2011 em 2014, para apreender o êxito como a distancia entre a ambição dos alunos e os caminhos que de fato eles conseguiram trilhar, conseguimos uma pista por meio de duas questões específicas para o questionário deste grupo, as quais consistiam em:

Após o Ensino Médio você pretendia...

- A) Fazer um curso técnico exclusivamente
- B) Fazer um curso técnico e trabalhar no outro turno
- C) Entrar em uma faculdade particular e me dedicar exclusivamente
- D) Entrar em uma faculdade particular e trabalhar no outro turno
- E) Entrar em uma faculdade pública e me dedicar exclusivamente
- F) Entrar em uma faculdade pública e trabalhar em outro turno
- G) Fazer cursinho exclusivamente
- H) Fazer cursinho e trabalhar
- I) Somente trabalhar
- J) Outros

E o que você acabou fazendo?

- A) Fiz um curso técnico exclusivamente
- B) Fiz um curso técnico e trabalhei no outro turno
- C) Entrei em uma faculdade particular e me dediquei exclusivamente
- D) Entrei em uma faculdade particular e trabalhei no outro turno
- E) Entrei em uma faculdade pública e me dediquei exclusivamente
- F) Entrei em uma faculdade pública e trabalhei em outro turno
- G) Fiz cursinho exclusivamente
- H) Fiz cursinho e trabalhei
- I) Somente trabalhei

Observando as respostas dos alunos, agrupando entre a entrada na faculdade, 84% tinham como foco o Ensino Superior, sendo que 74%

afirmaram ter entrado até a realização desta pesquisa³⁷. De cada 10 alunos, 8 desejavam entrar na universidade, e dessa média de 8, pelo menos 6 alunos tinham desejo pela universidade pública.

Estes números demonstram um forte desejo pela formação acadêmica e a realização deste objetivo pela maior parte dos alunos, mas também demonstra certo desejo por um estilo específico de capital cultural dominante que faz parte do repertório dos professores da ETEC. Afinal, além da cultura universitária, grande parcela dos professores estudou, ou estudam, em universidades públicas ou em universidades particulares renomadas, na maior parte dos casos a Universidade de São Paulo (USP) e a Pontifícia Universidade Católica (PUC). Esta informação pode ser um indício de uma aproximação entre ambições dos educandos com o repertório oferecido pelos educadores, ou seja, uma busca de alinhamento de afinidades projetando para a homogeneidade de valorização de uma determinada cultura. Em outras palavras, nossa hipótese é que os professores desta escola se constituem em modelos que inspiram os estudantes a seguir estudando.

Na escola estadual regular, quando questionamos os alunos do cursinho quais eram seus objetivos para o futuro, 38% responderam que desejam entrar em uma faculdade pública e trabalhar em outro turno e 31% responderam que desejam entrar em faculdade pública e dedicar-se exclusivamente. Logo, 69% dos alunos têm como ambição a entrada em uma instituição de ensino superior pública. Acompanhando os alunos formados em 2014 nesta mesma escola, de um grupo de aproximadamente 350 alunos formados, apenas 3 conseguiram entrar em universidades públicas.³⁸ Esta discrepância existente entre as ambições dos alunos e o que de fato a escola consegue proporcionar, serve também como um referencial para pensarmos o que é o êxito escolar nestas duas instituições.³⁹

³⁷ As outras categorias como curso técnico, cursinho ou somente trabalhar somaram 10% na ambição dos alunos e 24% dos que realmente fizeram após o ensino médio.

³⁸ O número de alunos que conseguiram entrar em instituições particulares é incerto uma vez que a própria escola não mede esforços para registrar este número. Registro este que as escolas particulares e ETECs fazem questão de saber e compartilhar, por ser um referencial do trabalho realizado pela instituição.

³⁹ Importante frisar que o desejo pela entrada na universidade entre os alunos do cursinho e os alunos de último ano do Ensino Médio da escola regular não são exatamente as mesmas, já que os alunos do cursinho são de antemão um público “seleto” desta escola, mas, mesmo assim a discrepância entre as ambições e a concretude são muito grandes.

Sobre o processo seletivo de docentes nas ETECs, o corpo docente é formado por professores aprovados em um processo seletivo que inclui entrevista e aula didática (aula teste). A contratação é pelo período máximo de 2 anos e depois há a possibilidade da realização de um novo concurso com o mesmo processo para a efetivação no cargo (indeterminação), processo bem diferente do que ocorre nas escolas regulares⁴⁰.

De forma diversa, as escolas regulares realizam suas contratações por meio de concurso estadual ou atribuição de aulas via Diretoria de Ensino, em que o candidato, no primeiro caso, realiza uma prova que testa seus conhecimentos referentes à sua disciplina e referente às teorias e leis pedagógicas adotadas pela Secretaria de Educação do estado de São Paulo; no segundo, passa por um processo seletivo em nível de diretoria com os mesmos fundamentos básicos do concurso estadual, porém, com redução no número de questões e de menor concorrência. Dessa forma, serão atribuídas as aulas por ordem de classificação entre os professores não efetivos, com direito a permanência no cargo durante o ano letivo.

A forma de entrada dos alunos nas escolas também é diferente. Na escola estadual regular os alunos devem ser matriculados diretamente assim que saem do Ensino Fundamental II, sendo passível de denúncia ao conselho tutelar para aqueles que ficarem fora do sistema de ensino. A condição de seleção dos alunos das ETECs segue outro sistema, em que os alunos passam por um vestibulinho de conhecimentos gerais e específicos com temas do ensino fundamental, de caráter classificatório em acordo com o número de vagas que a escola oferece. Estes processos seletivos podem responder por boa parte do êxito dos bons resultados e até mesmo das condições de apropriação do capital cultural (e em geral são usados como resposta). Como disse o Professor Coordenador Geral Marcelo Gomes: “Nossos alunos escolhem a nossa escola e lutam para entrar nela.” (C.A)

A questão decorrente desses processos diversos de seleção é: será que a diferença em nível de contratação dos professores e o processo de seleção dos alunos consistem no fator crucial do bom êxito das ETECs em relação às escolas regulares?

⁴⁰Vale lembrar que este processo é similar aos processos de contratação de grande parte das universidades públicas.

Sobre as condições dos professores, alguns pontos diferenciais das ETECs em relação às escolas regulares, me chamaram atenção desde o princípio da pesquisa:

1. O salário dos professores das ETECs e benefícios revertidos na folha de pagamento eram menores que das escolas particulares e até das escolas públicas regulares. Além da praticamente inexistência do plano de carreira e da completa ausência de convênios de saúde⁴¹.
2. A parte burocrática do trabalho, geralmente abominada pelos professores como preenchimento de papeis, atividades avaliativas, atividades de recuperação, relatórios de recuperação parcial e planejamentos, eram demasiadamente maiores na ETEC do que nas escolas estaduais regulares e praticamente equivalentes (em muitos casos maiores) ao das escolas particulares.
3. Os períodos de férias são menores que os outros sistemas de ensino e o número de reuniões aos sábados é maior.
4. Alguns professores tinham um número relativamente grande de atividades extraclasse (não remuneradas) com os alunos do Ensino Médio: projetos de grupos de estudo, saídas para museus, participação de congressos (principalmente na USP, UNICAMP e PUC), aulas na pós-graduação, palestras e pesquisas de campo eram os mais recorrentes.
5. A preocupação e participação na vida dos alunos iam além dos muros da escola. O envolvimento destes professores nos problemas pessoais dos alunos era visível, assim como a influência dos alunos nas escolhas e planos de vida dos próprios docentes.
6. A maioria dos professores tinha uma formação acadêmica forte, em alguns casos com cursos no exterior e experiência no magistério suficientemente grande para serem disputados pelas maiores escolas particulares da região e até por muitas universidades, com salários e propostas de trabalho muito mais atraentes.

Com estes pontos em evidencia, uma pergunta que poderia ser feita é: “quais as vantagens de trabalhar em um lugar em que o salário é menor; os benefícios e planos de carreira são menores e limitados; a carga de trabalho

⁴¹ Durante os últimos anos desta pesquisa a questão do plano de carreira foi amplamente discutida e existe a perspectiva de um plano de carreira por mérito acadêmico para ser implantado a partir de 2016.

não remunerado e burocrático é enorme; as preocupações além do trabalho são grandes; com propostas da concorrência tão atraentes?”

Estes questionamentos aparecem com frequência durante a explicação das condições de trabalho em muitos processos seletivos para docentes e o movimento natural na maioria dos casos é a desistência do candidato. Em muitas conversas informais com professores de outras escolas é comum ouvir alguém que, por falta de informação, declama: “mas vocês na ETEC ganham um salário muito melhor...”, e a decepção ao constatar que a realidade é diferente torna-se, depois de certo tempo, elemento de piada, ou como disse o professor Diogo Borreio de Matemática durante a entrevista: “tem professor que nem quer vir pra cá porque percebe que aqui trabalhamos muito.” (C.L).

Estes itens, configurados desta forma, me pareceram, durante muito tempo, como indícios de que os docentes tinham um projeto mais de intervenção social e realização profissional do que o simples crescimento econômico próprio. Este envolvimento e a compreensão do leque de consequências destas escolhas, assim como as causas de origem delas, sempre foi meu interesse de compreensão e estudo, uma vez que meu próprio projeto se mesclava com tudo isso.

Perguntando diretamente aos professores da ETEC as respostas mais recorrentes entre eles são: “dou aula aqui por causa dos alunos”; “aqui eu consigo me sentir verdadeiramente professor”; “me realizo dando aulas aqui”. Estas sentenças são a superfície de questões mais profundas, em que as causas podem ser apreendidas, a partir de uma análise dos processos que de fato encaminharam estes docentes para a carreira do magistério e a partir da configuração específica de funcionamento desta escola.

Para pensar estas questões, é importante contextualizar os ambientes escolares e suas dinâmicas internas.

2.1.1 Espaços escolares distintos

O espaço geográfico da escola e o entorno dela, juntamente com o histórico e o reconhecimento social deste espaço, fazem parte dos trunfos e dificuldades que uma instituição pode ter em sua relação com a comunidade. A

instituição em sua configuração espacial em si comunica sua forma de receptividade e relação com seu público.

Figura 1: Visão panorâmica do prédio principal da ETEC em Franco da Rocha. Foto: Eliton Rocha

A ETEC de Franco da Rocha fica em frente a uma estrada de acesso do centro para muitos bairros da cidade, mas também de acesso à Escola Superior de Bombeiros, Centro de Progressão Penitenciária, Complexo Hospitalar do Juquery, município de Mairiporã e ao Parque Estadual do Juquery. A parte dos fundos da escola fica ao lado do rio Juquery cercada por uma área de cinturão verde.

Figura 2: Quadra poliesportiva vista do Bloco E da ETEC, 3º andar. Foto: Eliton Rocha

Figura 3: Rampa de acesso, vista do Bloco C da ETEC, 2º andar. Foto: Eliton Rocha

É possível perceber, ao lado direito da primeira foto, a faixa de área verde que contorna os fundos da escola. Na segunda foto, percebemos que na rampa de acesso principal inevitavelmente esta área verde se faz presente. Não obstante a natureza que rodeia o prédio da escola possui alguns pequenos jardins e gramados nas suas dependências, como pode ser visto nas fotos a seguir.

Figura 4: Jardim de inverno visto do estacionamento dos professores da ETEC. Foto: Eliton Rocha

Figura 5: Passagem de acesso do estacionamento para a entrada comum da ETEC. Foto: Eliton Rocha.

Figura 6: “Pracinha” entre os Blocos. Foto: Eliton Rocha.

Essa configuração “verde” da escola, segundo muitos alunos afirmaram nos questionários (quando perguntados sobre as coisas que eles mais gostam na ETEC), faz parte do que torna o ambiente escolar atraente e agradável. Muitos estudantes ficam na escola muito além dos seus períodos de aula. No depoimento de uma aluna:

[...] O que me fez em princípio desejar esta escola, antes de conhecer, era perceber quantas árvores e flores tinham aqui quando eu passava de ônibus com minha mãe. (Ex-aluna: Danielli C. Nunes) (C.A)

A disposição do espaço físico escolar e a forma como ela convida os seus alunos a se apropriar do espaço, também faz parte do êxito da instituição, ou como apresenta Escolano (1998, p. 26) sobre o poder do espaço escolar em sua organização espacial:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de *ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos.*

A disposição da forma como o prédio se apresenta para a comunidade torna-se, então, um dispositivo que imprime uma relação inicial amistosa ou de distanciamento, visto que

Toda arquitetura é em definitivo necessária, mas também arbitrária, funcional, retórica. Seus signos indiciários deixam, no traçado do cotidiano, marcas que guiam a conduta (ESCOLANO, 1994, p. 107 apud SOUZA, 1998, p. 133).

Se a configuração arquitetônica da ETEC é atrativa para muitos alunos, principalmente pela limpeza, pelos espaços abertos e áreas verdes, o mesmo pode ser questionado nas escolas públicas que possuem arquiteturas similares as de presídios, com um “olhar desconfiado” para seu público e uma precariedade estrutural e de manutenção. Este “olhar desconfiado” se refere a forma como se impõem dispositivos de repressão como grades de ferro, câmeras de segurança, portões e muros. Procurando exemplificar este último caso, seguem fotos dos monitores das câmeras de segurança da ETEC e do Serrano.

Figura 7: Imagem dos monitores das câmeras de segurança: Serrano e ETEC. Foto: Eliton Rocha

Na imagem à esquerda, vemos as imagens captadas pelas câmeras da escola regular de Francisco Morato. Nota-se 16 câmeras que monitoram principalmente os espaços dos alunos, sendo 13 voltadas para os corredores de acesso às salas de aula e 3 voltadas para o pátio. Não existem câmeras na parte externa da escola Serrano e nem nos portões de acesso, somente um deles que está na frente da sala dos professores é possível ver uma das entradas, mas não a entrada “oficial” dos alunos. À direita da Figura 7,

podemos observar as imagens captadas pelas câmeras do prédio da ETEC de Franco da Rocha. Esta imagem apresenta o monitor dos seguranças da ETEC em que possui número menor de partes vigiadas, sendo 12 câmeras das quais 8 são localizadas nas partes externas, 4 em espaços internos que possuem saídas para fora do complexo. A presença e o foco das câmeras de segurança, mais do que sugerir aos alunos e funcionários uma estrutura de controle, é também um indicativo de como este espaço se relaciona com sua comunidade interna. No caso apresentado aqui, percebemos á esquerda uma preocupação intensa com o controle e o vigiar uma população de estudantes considerada potencialmente perigosa, tanto que as câmeras estão voltadas para o interior do estabelecimento escolar. No caso da unidade da ETEC, em questão, a preocupação está em vigiar aqueles que estão fora da escola e não seus alunos. Portanto, podemos supor que na escola regular a preocupação é em neutralizar e reprimir possíveis conflitos internos, enquanto que na ETEC é preservar o lado interno do externo.

Este detalhe simples carrega consigo a lógica de um discurso que podemos confirmar em outros dispositivos como os portões e muros das escolas. Na ETEC os portões são de grades vazadas com muros de 2m, enquanto no Serrano são placas chapadas, em muros de 3,4m com grades em sua parte superior.

Figura 8: Portão de entrada principal dos alunos da Escola Geraldi Serrano .Foto: Eliton Rocha

Esta configuração, apresentada na foto da escola regular, inibe qualquer contato visual com o interior da escola. Esta barreira é materializada pelo grande muro de chapisco e mantém o ambiente escolar mais próximo da aparência de uma prisão do que de uma universidade, centro cultural, ou qualquer tipo de instituição que queira proporcionar aprendizagem ou cultura. Este aspecto arquitetônico da escola pública regular parece mais preocupada em não deixar os alunos fugir do que em convidá-los a entrar. As diferenças do ponto de vista arquitetônico expressam na realidade a percepção da escola sobre o público que atendem. Como discurso sobre a instituição, cada uma destas dimensões fala à imaginação dos alunos e das famílias.

Com a pesquisa, encontramos uma série de distinções que exprimem as diferenças mais estruturais das duas escolas. Esta disparidade entre a estrutura da ETEC e da escola regular também se concretiza em outros aspectos, citados na tabela a seguir:

Quadro 2 – Organização e Recursos das escolas

Organização	ETEC	Serrano
Salas de aula	3 salas comuns. 6 salas com data show embutido com caixas de som.	19 salas comuns
Turmas	3 turmas para cada série do Ensino Médio	10 turmas 1º ano; 9 turmas do 2º ano 7 turmas do 3º ano
Media de alunos por turma	41	35
Número total	369 Alunos	914 Alunos
Horários do E.M	Matutino	Matutino e Noturno
Laboratórios*	1. Lab.Química/Física/Bio e Geo; 3. Lab de informática	1. Lab de informática 1. Lab de química desativado
Espaço recreativo para os alunos	Pátio aberto, pátio coberto, pracinha verde, jardim de inverno, gramados no entorno do prédio principal, refeitório, espaço de TV, banquinhos espalhados.	Pátio coberto, parte aberta do pátio, refeitório, banquinhos espalhados.
Esporte**	1 Quadra coberta 4 mesas de tênis (ping-pong)	1 Quadra coberta
Fotocopiadora	Possui um espaço próprio de venda	Não possui
Salas de apoio	Sala de estudos	Não possui
Sala Multimídia	1 Sala de vídeo 2 Salas com lousa digital 1 Auditório multimídia	1 Sala de Vídeo

Material de apoio multimídia	4 Notebooks 5 Data shows	2 TVs 1 Data show
Material didático	Passou a receber livros didáticos em 2013. Anteriormente, o coordenador pedia em forma de doação o material que sobrava das escolas estaduais.	1 Kit de material fornecido anualmente por aluno; Apostilas por disciplina; Livros didáticos por disciplina.

Pelo quadro acima, percebemos que, com exceção aos materiais didáticos fornecidos aos alunos, a ETEC dispõe de mais recursos didáticos em relação ao Geraldi Serrano mesmo com um público de alunos praticamente 3 vezes menor. Esta diferença de recursos sinaliza o tratamento que é dado pelo Estado para estas duas instituições de educação pública de Ensino Médio. Os recursos materiais e a disponibilidade da estrutura, também, interferem no leque de possibilidades de trabalho dos docentes e nas dinâmicas das aulas. Todavia, de acordo com os professores, este diferencial não é o determinante para o sucesso da escola, apesar de auxiliar bem o trabalho pedagógico, tendo em vista que “uma experiência pedagógica terá mais chance de êxito se for dirigida a um público ganho de antemão” (FAGUER, 1997).

Enquanto o prédio da ETEC situa-se em uma estrada de acesso do centro de Franco da Rocha para os bairros, na divisa do parque do Juquery, a Escola Serrano encontra-se no meio de um bairro com habitações precárias. No entorno da escola o que predomina são casas e poucas árvores. O prédio situa-se a 2 km do centro de Francisco Morato e fica no alto de uma colina.

Figura 9: Vista de uma rua próxima da escola Geraldi Serrano em Francisco Morato.

Foto: Eliton Rocha

Segundo os professores, este município, que tem a característica de uma cidade dormitório, alimenta a mão-de-obra pouco qualificada dos pólos industriais de cidades próximas, principalmente de São Paulo e Jundiaí. Não raro, este é também o destino ocupacional da maior parte dos alunos das escolas estaduais da cidade.

Apesar dos indicadores e de todo o estigma que este município carrega, em conversas com vários professores e que se repetiu nas entrevistas, é que em geral as escolas estaduais de ensino médio de Francisco Morato são relativamente boas se comparadas com as escolas estaduais dos municípios vizinhos e, principalmente, pelas entrevistas, ficou claro que a definição como “boas escolas” se refere principalmente a uma determinada motivação dos alunos a estudar. Este elemento apareceu em destaque várias vezes, porém, sempre em contraponto com a precariedade da estrutura escolar e a limitação de ação no trabalho dos docentes. Durante uma das conversas informais no Pré-ETEC (cursinho preparatório de acesso às ETECs), um professor de matemática, Alexandre (35 anos), que trabalha há muitos anos no Serrano, explicou que “justamente pela carência da comunidade e da cidade, a maioria dos alunos sabem que a escola é o principal caminho lícito de emancipação” (C.L).

Contudo, as condições de funcionamento e limitação da escola estadual, juntamente com esta consciência da importância da educação, fazem com que a procura pelo cursinho Pré-ETEC seja tão grande.

Figura 10: Sala de aula na troca de turnos da Escola Estadual Geraldi Serrano . Foto: Eliton Rocha.

A Geraldi Serrano é conhecida na região como uma das melhores escolas estaduais para se lecionar e estudar, dentro dos limites existentes de uma escola estadual da Diretoria de Ensino de Caieiras (Diretoria responsável).

No questionário respondido pelos alunos, sobre a melhor escola pública da região na opinião deles, a Geraldi Serrano aparece em 2º lugar, perdendo somente para as ETECs. Na questão sobre o motivo de estudar naquela escola, a resposta “melhor escola estadual da região” apareceu como a segunda mais frequente, perdendo por 2 votos de diferença da resposta “a mais próxima de casa”. Temos, portanto, uma das melhores escolas estaduais da região (D.R.E+D.Q.A) em seu município mais “carente”. Esta última sentença foi fundamental para a compreensão das motivações dos professores e alunos do cursinho.

Figura 11: Construções irregulares na parte de baixo do morro nas proximidades da Escola Estadual Geraldi Serrano .

Foto: Eliton Rocha.

2.2 O perfil dos estudantes e a relação com a escola⁴²

Após as considerações sobre o contexto das duas realidades escolares, cabe descrever e compreender as diferenças entre os alunos destas duas categorias de escola pública. Para tal, primeiramente é possível fazer algumas considerações apreendidas na observação das respostas aos questionários e relativas às observações realizadas durante a pesquisa.

Muitas situações dentro e fora do espaço escolar podem servir de pistas que contribuem para o pesquisador captar as diferenças entre estes dois grupos de escola, colocando em circunstâncias similares e até juntos no mesmo contexto, os comportamentos são diferentes entre os grupos e similares entre si.

Nas visitas a espaços culturais e museus gratuitos com estudantes da ETEC e da escola regular, a frequência e à adesão ao convite são

⁴² Boa parte da comparação entre os alunos da Escola regular e os alunos da ETEC é pautado no questionário aplicado nos alunos do cursinho Pré-ETEC, o que representa um público seletivo dentro da escola regular por se tratar de alunos que já possuem uma iniciativa para o estudo. Tardiamente, decidimos que seria adequado aplicar o mesmo questionário em uma turma do terceiro colegial da escola regular, justamente para comparar se os alunos do pré-Etec eram muito diferentes dos seus colegas de escola. Infelizmente, não obtivemos autorização da direção para esta etapa..

extremamente distintas entre as duas escolas. Entre os alunos da escola regular, mesmo sem resistência dos pais, comparecem em torno de 10% a 30% a estes passeios culturais, enquanto que os alunos da ETEC, mesmo aqueles com alguma resistência dos pais devido à distância (boa parte dos alunos mora em municípios vizinhos), ou à segurança (nota-se que os pais dos alunos da ETEC são mais preocupados com questões de segurança que os pais dos alunos da escola regular), comparecem em número expressivo, algo em torno de 70% a 80%.⁴³

Observando o foco dos alunos, notamos diferenças substanciais. Na escola regular, o objetivo primordial da maioria dos alunos é conseguir um emprego, mesmo que uma grande parcela afirme que seu desejo seria de fazer o ensino superior, quando colocadas as condições de escolha entre Estudar e trabalhar, o discurso dos alunos se concentra em “primeiro arrumar um emprego e depois decidir o curso”. Certamente, esta percepção das prioridades está enraizada nas condições sociais destes alunos. Inclusive, dentre os estudantes da escola regular, aqueles que assumem que sua prioridade é o estudo e a preparação para o ingresso em uma universidade pública, algumas vezes, são hostilizados por colegas. Os alunos da ETEC estão em condições muito melhores para ter o ingresso em uma universidade pública como prioridade. Este é praticamente um desejo coletivo na ETEC, socialmente legítimo, valorizado e fortemente estimulado.

Na Escola Serrano o número de alunos que passam nos vestibulares de grandes universidades é desconhecido pela comunidade escolar como um todo. Em termos de cultura escolar, não existe uma preocupação da administração em saber o destino profissional e acadêmico dos alunos formados, esta iniciativa de fato é feita apenas por intermédio de alguns professores mais envolvidos que se esforçam em reunir estes dados. Na

⁴³ Interessante citar uma experiência em particular muito curiosa: Desde Março de 2011 até o fim de 2012 o CCBB (Centro Cultural Banco do Brasil) promoveu um evento mensal chamado “Filosofia do Rock”, um debate sobre a Filosofia e algumas vertentes do Rock, com curadoria da filósofa Márcia Tiburi. Mensalmente era feito o convite para os alunos de ambas as escolas, para uma saída de Trem/Metrô (aproximadamente 56km de percurso e algo em torno de 1:30 de viagem). Os alunos da ETEC são em número 1/3 em relação aos alunos da escola regular, porém, mensalmente a presença deles no evento gira ao entorno de 60 -70 alunos da ETEC (chegando ao auge de 120 alunos em Maio de 2011), e algo em torno de 7-15 alunos da escola regular (chegando ao pico de 25 no mesmo mês citado). Vale dizer, os custos da passagem (uma de ida e outra de volta) corriam por conta dos alunos.

ETEC, nas duas turmas de 40 alunos cada, formados em 2011, de 70 que prestaram vestibular, (parte dos alunos que não prestaram neste momento, alegaram que preferiram “passar mais um ano” estudando por conta própria antes do vestibular) 52 deles passaram em universidades públicas. A administração da escola faz questão de tabular todos os dados sobre a aprovação de seus alunos, as escolhas profissionais e as instituições de destino. Tais dados são claramente utilizados para divulgar a eficácia da escola para a comunidade.

Numa experiência de levar ambos os grupos de alunos em pequeno número para frequentar espaços acadêmicos: aulas na pós-graduação e graduação, congressos, palestras e aulas magnas em universidades (USP, UNIFESP, UNESP, UNICAMP, PUC, MACKENZIE e FESPSP), os alunos da ETEC se portavam como se almejassem fazer parte destes espaços, dando grande valor para estas experiências, enquanto os das escolas regulares (mesmo aqueles portadores de muito “capital escolar”) sentiam-se deslocados, e em alguns casos, até almejavam fazer parte daquele espaço, mas geralmente viam como um local inacessível de uma realidade distante.

Mesmo que boa parte deles habite os mesmos bairros, frequente os mesmos espaços físicos, alguns são das mesmas famílias, mas, as formas simbólicas incorporadas nos espaços culturais de cada escola (ou poderíamos chamar de “campo escolar”), e até mesmo as posturas assumidas fora destes ambientes se fazem de maneiras diversas. Existe um “padrão” de gostos culturais e crenças similares entre os alunos de uma mesma escola, mas extremamente diverso se compararmos os dois ambientes entre si.

Por exemplo, muitos alunos da escola regular quando terminam o Ensino Médio prestam o ENEM e alguns vestibulares como a FUVEST, mas o número de aprovados é mínimo. E podemos nos perguntar, o que acontece com os alunos que não passaram? Esses logo que terminam o ensino básico dizem que não querem “perder um ano estudando” para uma nova tentativa. Em geral, eles começam a trabalhar e alguns anos depois, em alguns casos, resolvem pagar um curso superior por causa de alguma exigência do trabalho.

Esta ideia de “perder um ano estudando” é significativa para entender a perspectiva que os alunos têm sobre a passagem do ensino básico para o superior. Como citado anteriormente, os alunos da ETEC colocam em termos

“passar mais um ano” do que “perder um ano”, mesmo nos casos em que precisam conciliar o estudo e o trabalho. Esta expressão “perder um ano” aparece também quando alunos que não conseguiram passar no vestibulinho para o Ensino Médio da ETEC são questionados se irão prestar novamente no ano seguinte. Sabendo que só poderiam entrar se cursarem novamente o primeiro ano recorrem, frequentemente, a esta expressão para justificar que não vale a pena uma nova tentativa.

Interessante perceber como esta disposição de investimento no tempo de estudo para o acesso ao ensino superior é notado de maneira diversa nestas duas formas de escola pública. Nos questionários dos alunos e ex-alunos da ETEC, respectivamente na turma de ex-alunos percebemos, a seguir, um número maior de alunos nascidos em 3 anos diferentes em relação ao mesmo gráfico da turma de 2014. Esta questão levanta algumas hipóteses sobre os investimentos educacionais dos alunos, pois se o índice de reprovação durante o Ensino Médio não é maior do que uma média de 2 alunos por ano, num universo de aproximadamente 364 alunos que a escola comporta no ano letivo, quais são as causas desta variação? Seria uma “regressão de série” proposital? Retomando o que foi dito acima, na ETEC os alunos só podem entrar no primeiro ano do E.M e não são raros os casos de alunos que perderam a oportunidade de entrar na idade certa e resolveram prestar o vestibulinho após terem passado do 1ºano em uma escola regular pública ou privada. Pode-se concluir que para entrar na ETEC, muitos alunos aceitam retroceder no curso escolar.

Gráfico 3 - Nascimento dos alunos da ETEC

Pelo gráfico, em 2011 e em 2014, temos um percentual de 13% a 15% que se mantém acima da série cursada (18 anos no 3º ano). Partimos de 3 pontos para confirmar a ideia de uma regressão de série consentida para entrar na ETEC. A primeira com a progressão continuada nas escolas estaduais a reprovação de alunos está em uma escala mínima, e em geral os alunos repetentes no *Estado* não são os mesmos que buscam entrar nas ETEC's. Um segundo aspecto, nas escolas particulares a reprovação também é mantida em um patamar baixo para não perder alunos. Sabemos que em alguns casos de retenção os pais optam pela transferência do filho para não ter que pagar mais um ano letivo. O terceiro ponto, segundo os secretários da escola técnica, o índice de alunos com retenção no histórico do ensino fundamental não chega a 3%.

Portanto, existe uma diferença de percepção em relação ao significado do tempo para o estudo entre os alunos das duas escolas. Enquanto os alunos do ensino regular, em grande escala, tentam o vestibulinho ou vestibular em uma única investida, geralmente dentro dos finais de ciclo fundamental e médio por “não querer perder um ano” com uma segunda tentativa, o investimento no tempo de estudo pelos alunos da ETEC se demonstra diferente, uma vez que uma porcentagem deles estiveram dispostos a estudar um ano a mais para entrar na ETEC e posteriormente ingressar na universidade. Como nos ensina Bourdieu (1990), estas formas de representação do futuro são produto do *habitus* que, por sua vez, é a incorporação das chances objetivas, dos universos que cada posição social dá acesso.

Além disso, o gráfico demonstra uma diminuição abrupta de alunos que entram precocemente no ensino médio da ETEC. Com o aumento da procura e o número estável de vagas, está cada vez mais difícil conseguir uma vaga na ETEC. A explicação dada pelos coordenadores da ETEC é que com a criação dos cursinhos a dificuldade de se conseguir uma vaga aumenta consideravelmente entre gerações, reduzindo as chances de um aluno entrar ao final do nono ano do Ensino Fundamental II.

Claro está que, na perspectiva sociológica proposta por Bourdieu (1990), as diferenças na relação com o estudo, com o tempo e com o futuro são tributárias da posição na estrutura social. Com base nesta hipótese bourdiesiana, exploramos as distinções notadas entre as famílias dos

estudantes das duas escolas. Nos gráficos 4, 5 e 6, observamos os dados produzidos com os questionários sobre a escolaridade de pais e mães⁴⁴ nas duas escolas:

Gráfico 4 – Nível de escolaridade dos pais de alunos da ETEC:

Gráfico 5 – Nível de escolaridade das mães de alunos da ETEC:

Um primeiro aspecto importante de sublinhar é que aproximadamente metade dos pais da ETEC possui como nível máximo de escolaridade, o diploma de Ensino Médio. Em 2011, eles representavam 55% dos pais e 57% das mães. É expressivo também o percentual de pais de menor escolaridade, com ensino fundamental I e II. Entre 2011 e 2014 nota-se nos pais da ETEC um aumento da escolaridade. No que tange à escolaridade de pais e mães, nota-se um aumento espetacular da escolaridade feminina nos anos

⁴⁴ Na questão sobre a escolaridade dos pais, havia inicialmente 12 alternativas. Nós agrupamos as modalidades que obtiveram menos de 2,5% das respostas.

observados, em especial, o crescimento do percentual de mães com ensino superior.

Gráfico 6 – Nível de escolaridade dos pais e mães de alunos do Pré-ETEC:

Observando o nível educacional dos pais e mães dos alunos do cursinho Pré-Etec, constatamos que o nível educacional dos pais é mais baixo do que o nível educacional das mães. Em relação ao nível educacional das famílias da ETEC vemos que trata-se de uma fração com menor capital cultural, uma vez que o percentual dos pais com ensino fundamental II corresponde a 30%, enquanto na ETEC os pais com esta escolaridade somam em 2011 15%. É importante considerar que estes dados são relativos apenas aos estudantes do Pré-Etec e não do conjunto dos estudantes da escola regular.

Relacionando estas categorias com as tabelas de quadros profissionais, podemos apreender outras características sociais dos estudantes considerados neste estudo. Sem ter a pretensão de um estudo minucioso sobre as classes sociais presentes nas duas escolas, os dados produzidos nos questionários foram trabalhados de maneira operacional, a fim de permitir captar algumas distinções importantes sobre as características sociais das famílias das duas escolas.

Quadro 3 - Profissões dos pais de alunos⁴⁵

Quadro de profissões dos pais alunos 3ºano de 2014	Exemplos	Pré-ETEC	Geração 2011	Geração 2014
Operários/empregados/quadros subalternos	Metalúrgico; encanador; pedreiro; taxista; motoboy; caminhoneiro; eletricista	62%	58%	44%
Artesãos/ comerciantes	Vendedor; representante de vendas; comerciante	3%	2%	7%
Quadros médios	Professor; policial; agente penitenciário; enfermeiro; gerente de RH	27%	29%	39%
Empregado/ Quadros superiores/profissões liberais	Empresário; construtor;	0%	7%	5%
Respostas não válidas ou não souberam responder	“Não conheço meu pai”;	5%	4%	5%

Quadro 4 - Profissões das mães de alunos 2014

Quadro de profissões das mães alunos 3ºano de 2014	Exemplos	Pré-ETEC	Geração 2011	Geração 2014
Operários/empregados/quadros subalternos	Diarista; atendente de telemarketing; costureira; faxineira; babá	57%	58%	24%
Artesãos/ comerciantes	Vendedora; gestora de loja começando negócio; comerciante	3%	2%	4%
Quadros médios	Professora; policial; agente penitenciário; enfermeira; assistente social;	14%	29%	42%
Quadros superiores/profissões liberais	Empresária; construtora; dentista; psicóloga; advogada	0%	7%	7%
Do lar / dona de casa	Do lar; dona de casa	25%	4%	19%
Resposta não válidas ou não souberam responder		1%	0%	4%

⁴⁵ As categorias sócio-profissionais empregadas foram construídas para esta amostra de estudantes observando-se as sugestões de RIBEIRO & LAGO (2000) e BOURDIEU (2014)..

Observamos que os “Quadros médios” e “empregados” compõem a maioria do público das duas escolas. Nas respostas dos alunos da ETEC estas duas categorias encontram uma grande parcela de operários e trabalhadores ligados ao sistema penitenciário e ao complexo hospitalar Juquery, ambos presentes na cidade de Franco da Rocha (no caso dos “empregados”) e de professores (no caso dos quadros médios). Observa-se o crescimento entre 2011 e 2014 da categoria dos quadros médios na ETEC e uma redução importante dos filhos de operários neste mesmo período. Entre os pais, nota-se uma maior representação dos quadros médios na ETEC, sendo menor a contribuição da categoria “operários”, em relação às famílias da escola regular.

A variável ocupação da mãe oferece mais indícios sobre as diferenças notadas entre o público das duas escolas. Em comparação à escola regular, o número de mães com ocupações como “professoras, enfermeiras, assistentes sociais”, classificadas como “quadros médios” é quase três vezes superior do que as mães com estas ocupações na escola regular. Em contrapartida, na escola regular a maioria das mães trabalha como “operária”, trabalhadoras domésticas e empregadas do comércio. É menor, ainda, na ETEC o número de mães “donas-de-casa” e empregadas de nível superior.

Chama a atenção, a modificação no público da ETEC entre os anos de 2011 e 2014 quando o número de pais operários/empregados de nível operacional cai de 55% para 44% e de mães, nesta mesma ocupação, passa de 58% para 24%. Neste intervalo cresceram a participação dos pais e mães de quadros médios na ETEC.

Outro elemento que emergiu da análise de dados como uma variável importante a respeito das famílias das duas escolas foi a variável “número de filhos”. Abaixo temos uma tabela com o número de irmãos que os respondentes dos questionários declararam.

Quadro 5 – Número de irmãos dos alunos

Número de irmãos	Pré-ETEC	ETEC 2011	ETEC 2014
Filhos únicos	2%	13%	18%
1 irmão	31%	42%	50%
2 irmãos	33%	24%	14%
Mais de 3 irmãos	23%	16%	16%

De acordo com os dados dos questionários, nas turmas da ETEC o número de alunos na categoria “filhos únicos” é bastante superior ao que encontramos na escola regular. Em relação aos alunos do Pré-ETEC a diferença é acentuada, o número de filhos únicos é insignificante, as famílias de 2 á 3 filhos tornam-se maioria e 23% das famílias têm quatro ou mais filhos, o que pode ser verificado pela categoria “Mais de três irmãos”. Esta categoria do número de filhos pode representar uma sobrecarga para as famílias e pode influenciar muito no investimento possível de ser realizado em cada filho e, ainda, nas responsabilidades assumidas pelos jovens na manutenção da casa, na disponibilidade dos pais e no investimento em educação e cultura em relação às despesas básicas.

Podemos fazer um paralelo da composição familiar com a renda familiar. Na análise sobre as categorias de renda familiar, agrupamos os resultados e colocamos em três categorias:

1. **(R\$362 - R\$ 1448)** Entre meio e 2 salários mínimos
2. **(R\$ 1810 - R\$ 3620)** Entre 2,5 a 5 salários mínimos
3. **(R\$ 3982 - R\$ 7240)** Entre 5,5 até 10 salários mínimos⁴⁶

⁴⁶ Salário mínimo referente ao ano de 2014.

Gráfico 7 – Renda Familiar dos alunos da ETEC 2011

Gráfico 8 – Renda Familiar dos alunos da ETEC 2014

Gráfico 9 – Renda Familiar dos alunos do Pré-ETEC

Os dados relativos à renda familiar permitem captar uma modificação importante no público da ETEC de Franco da Rocha, entre 2011 e 2014. Nota-se uma redução de 11% no número de famílias de menor renda, e um aumento bastante expressivo das famílias de renda intermediária, ou seja, de 2,5 até 5 salários mínimos que passaram de 29% em 2011 para 48% em 2014. Entretanto, os dados sugerem de fato o aumento da presença das classes intermediárias na ETEC e não sugerem uma elitização da escola, na medida em que a faixa de famílias com maior renda cai de 29% em 2011 para 23% em 2014. Trata-se, portanto, de uma recomposição da clientela que diz respeito a um aumento das classes médias nesta unidade da ETEC.

Em relação à escola regular, nota-se que há uma situação mais adversa para as famílias do Pré-ETEC: 45% das famílias recebem até dois salários mínimos, 37% entre 2,5 e 5 salários mínimos e 18% possuem renda superior à 5 salários mínimos. Se considerarmos o número de filhos superior entre as famílias dos alunos do Pré-ETEC, nota-se que são famílias que possivelmente possuem maiores dificuldades sócio-econômicas.

Estas condições familiares fornecem indícios das condições de vida dos alunos que podem se confirmar nos seus hábitos culturais, nos seus planos imediatos e futuro, estudo e trabalho. De acordo com a tabela a baixo, sobre o papel dos alunos dentro da configuração familiar e suas necessidades, percebemos a prioridade que as famílias disponibilizam para a dedicação exclusiva ao estudo e para atividades de outra natureza.

Quadro 6 – Trabalho e contribuição dos estudantes com os afazeres domésticos

Você ajuda sua família de alguma maneira?	Alunos ETEC 2011	Alunos ETEC 2014	Alunos Pré ETEC
Não	15%	23%	5%
Meus pais me aliviam para que eu possa exclusivamente estudar	41%	35%	16%
Trabalhando com meus pais	4%	1%	10%
Trabalhando fora e ajudando financeiramente nas despesas da casa	19%	3%	9%
Cuidando de irmãos enquanto meus pais trabalham	2%	10%	26%
Fazendo faxina na casa enquanto meus pais trabalham	9%	23%	34%
Outros	10%	5%	0%

A maior parte dos alunos da ETEC é poupada de outras atividades, como o trabalho fora de casa, para dedicar-se exclusivamente aos estudos. Mesmo no grupo de alunos de 2011, em que 19% ajudam financeiramente nas despesas da casa, nos comentários às questões muitos estudantes deixaram claro que eles trabalharam durante apenas um período do Ensino Médio e a cobrança com relação ao estudo era vista como a prioridade frente ao trabalho ou demais atividades.

Ainda percebemos que o número de alunos do Pré-ETEC que fazem trabalhos domésticos e que cuidam dos irmãos chega a ser 60% das respostas, que em partes tem explicação no número de irmãos e nas condições econômicas das famílias, os quais também se refletem em maior participação dos alunos que trabalham fora ou trabalham com os pais. Esses últimos números sobre o trabalho (10% e 9%) são expressivos se levarmos em consideração a idade deles para o trabalho, tendo em vista que eles estão no Ensino Fundamental e possuem menos de 15 anos. Estas condições

socioeconômicas dos alunos se materializam nas suas trajetórias escolares e em suas experiências com o espaço escolar.

Quadro 7 – Trajetória escolar

Trajetória	Pré-ETEC	ETEC: Formandos 2014
Creche	57% Frequentou totalmente em escola pública, 26% totalmente em particular e 10% nenhuma	31% Frequentou totalmente em escola pública, 18% totalmente em particular e 49% nenhuma
Educação infantil	67% Frequentou totalmente pública, 17% totalmente particular	57% Frequentou totalmente pública, 31% totalmente particular
Ensino Fundamental I	71% Frequentou totalmente pública, 17% particular	62% Frequentou totalmente pública, 23% particular
Ensino Fundamental II	74% Frequentou totalmente pública, 17% particular	62% Frequentou totalmente pública, 23% particular

Pelo quadro acima, nota-se que a trajetória predominante dos alunos do Pré-ETEC se fez principalmente pela passagem por instituições públicas, quando comparadas às trajetórias escolares dos estudantes da ETEC. Esta trajetória pode ser o reflexo das condições sociais e econômicas dos pais e do trabalho das mães que recorrem às escolas privadas (em especial de educação infantil).

Apesar de uma predominância de alunos da ETEC vindos da rede pública, um índice fornecido pelo Centro Paula Souza sobre a ETEC de Franco da Rocha demonstra que o número de alunos com alguma passagem pela rede particular está numa relação equilibrada com os alunos que se escolarizaram apenas na rede pública. Estas estatísticas, relativas ao conjunto dos estudantes da ETEC de Franco da Rocha, demonstram que há um crescimento anual discreto dos alunos que estudaram *integralmente em escolas públicas*, sendo nos últimos anos: 2011-55%; 2012-55%; 2013-56%; 2014-58%; 2015-62%. Mesmo com este crescimento, podemos dizer que existe um equilíbrio entre os grupos vindos das redes pública e privada nesta ETEC. Os egressos de escolas públicas e privadas na ETEC dão provas de um ambiente escolar

misto e socialmente heterogêneo, ainda que os efeitos da passagem por um ou outro tipo de escola possam ser esmiuçados melhor no item : *“Os filhos da rede pública e os herdeiros da rede privada”*.

2.3 A experiência escolar

Olhando os alunos da ETEC sob a ótica de um professor que atua simultaneamente na rede regular, as diferenças tornam-se mais evidentes, não apenas pelas suas características sociais e pela dinâmica das escolas, mas também observando a relação que os alunos mantêm com a instituição.

Uma das formas de observar essa dimensão diz respeito aos “projetos” desenvolvidos por professores e que constam no plano pedagógico das instituições. Neste aspecto, chamam muito a atenção os projetos realizados na ETEC. Estes projetos também são bem divulgados e conhecidos pela região e são fortes atrativos para a concorrência nos vestibulinhos. O envolvimento dos alunos é muito grande na vida cultural da escola, mesmo depois de se formarem é muito comum ex-alunos aparecerem em eventos ou nos “projetos” desenvolvidos. Segue abaixo alguns dos projetos anuais do Ensino Médio⁴⁷:

- Saídas Técnicas para espaços culturais e pesquisas de campo;
- Feira científica e cultural do Ensino Médio;
- Amostra de artes;
- PIC (Projeto de Iniciação Científica);
- Tribunal de debates filosófico;
- Roda literária;
- H.E.M (Grupo de estudos História em Movimento);
- CIENFIL (Grupo de estudos de Filosofia e Ciência);
- Noite da poesia;
- Caminhadas em roteiros culturais;
- Simulação de fórum da ONU⁴⁸.

⁴⁷ Alguns projetos não estão listados por não terem uma frequência periódica, mas não é incomum surgirem eventos extraordinários, palestras, debates e saídas técnicas fora do calendário oficial.

⁴⁸ A lista com uma breve explicação dos projetos está no anexo 5.

Figura 12: Alunos do ensino médio da ETEC descendo em uma antiga mina de ouro em Ouro Preto-MG. Foto: Eliton Rocha

Os “projetos” consistem em estratégias de ensino que aliam a abordagem do conteúdo escolar ao trabalho fora das salas de aula, com atividades consideradas práticas e em horários distintos aos das aulas regulares. Quando um professor novo entra na ETEC, ele é estimulado a desenvolver um projeto próprio, ou participar dos projetos previstos no calendário oficial. O incentivo a estas iniciativas está sempre atrelado às necessidades dos conteúdos e não substituem as aulas. Como nos disse o coordenador Marcelo Gomes durante a entrevista, “os projetos não podem sobrepor-se a aula e nem estar desvinculados da intenção pedagógica” (C.L) (C.E)

Os projetos acontecem com a organização dos professores e apoio da Coordenação Pedagógica e Coordenação Geral. Alguns são feitos em parcerias com museus, instituições públicas ou parcialmente financiados pela APM⁴⁹, mas muitas atividades, principalmente as que não exigem muitos recursos, são feitas a partir do envolvimento dos professores e, em alguns casos, dos alunos. A feira gastronômica de culturas que migraram para o Brasil

⁴⁹ Associação de Pais e Mestres é formada por parte do corpo docente, funcionários e pais de alunos e tem um papel importante em alguns projetos.

e os campeonatos esportivos de futebol, vôlei e ping-pong são exemplos de projetos que ocorrem por conta da organização de professores e alunos.

Apesar da grande disputa de projetos no calendário oficial, o que predomina prioritariamente são as aulas regulares. O calendário letivo é levado à risca e raras são as possibilidades de suspensão de aulas em dias letivos. Alguns professores marcam atividades, por exemplo, em dias de vésperas de feriado ou finais do ciclo letivo para garantir os dias letivos, como nos contou um professor “se é letivo, temos aula”. Por outro lado, quando existem possibilidades de “perder” aulas para fins que favoreçam a formação dos alunos, como palestras, saídas para museus, organização de eventos da escola ou outras atividades, mesmo inicialmente não previstas no calendário letivo, há flexibilidade da direção da escola.

Na escola regular os projetos não são incorporados ao calendário letivo. A maioria dos projetos é feita de maneira independente da direção e coordenação da escola, pelos próprios professores. Como apresentações de dança, campeonatos esportivos e projetos de apresentação de cartazes informativos. Todavia, na escola Geraldi Serrano existe um projeto que é utilizado pela direção para divulgar a escola, possivelmente o único encarado desta forma, chamado “À hora da leitura”, o qual consiste em reservar uma aula semanal em dias alternados e previamente agendados para que todos os alunos e professores parem seus afazeres e leiam um livro de sua escolha. Este projeto, que busca estabelecer um hábito pela leitura, sofre muita dificuldade de ser aplicado no Ensino Médio devido à resistência de muitos alunos e até muitos docentes. A justificativa dos alunos resistentes é que não gostam de ler e a dos professores relutantes é que precisam cumprir com os conteúdos previstos.

Um dos lugares mais frequentados da ETEC é a Biblioteca. O público leitor da escola é muito grande e a movimentação de entrada e saída neste espaço é constante.

Tabela 3 – Número de empréstimos por período letivo na ETEC

Número de empréstimos	Março / 2014	Abril/201 4	Maió/201 4	Junho/201 4
Matutino	1.129	875	981	750
Vespertino	806	619	629	540
Noturno	159	185	169	195
TOTAL	2.094	1.679	1.779	1.485

Pela tabela, observamos o fluxo de empréstimos na biblioteca da ETEC utilizada pelos alunos do Ensino Médio, durante os períodos matutino e vespertino. A queda de empréstimos durante o mês de Abril e a leve retomada em Maio e a nova queda em Junho corresponde, segundo a bibliotecária, aos períodos de provas e finalização de conteúdos das disciplinas, período no qual os alunos priorizam o estudo das disciplinas escolares. Contudo, conforme nos informou a bibliotecária e professores, “o fluxo de empréstimos oscila, mas a frequência de alunos aumenta. Formam-se diversos grupinhos de estudo”.

O Espaço da Biblioteca é feito de uma única sala, duas vezes maior que o espaço de uma sala de aula, algumas estantes com um acervo de 3.111 livros catalogados. A sala conta também com 9 computadores e 5 mesas de estudo.

Figura 13: Biblioteca da ETEC Foto: Eliton Rocha.

Nos questionários aplicados no grupo de ex-alunos, sobre os hábitos de leitura, 75% deles declararam que “adoram ler”. A biblioteca é nesta escola um espaço disputado, alunos e professores reclamam que o acervo é pequeno perante a demanda. A disputa maior se dá pelas mesas de leitura, restritas dado o tamanho do espaço, e há uma grande concorrência entre os alunos pela atenção da bibliotecária *Micherla Magalhães*. A Bibliotecária tem um relacionamento muito amistoso com os alunos. Além de se dedicar á atender as demandas da biblioteca e em deixar o espaço mais agradável aos alunos (inserindo quadros, caricaturas de autores e promovendo rodas literárias), parte considerável do seu tempo é dedicado a conversar com os alunos sobre problemas pessoais e familiares.

Este dado por si só pode ser considerado um indício da relação de extrema cumplicidade que se desenvolve nesta ETEC entre a coordenação da escola, alguns funcionários, professores e alunos. Estas características que incluem os projetos, o calendário letivo seguido à risca e a cumplicidade entre professores e alunos colocam a experiência escolar no centro da vida destes estudantes. A procura pelos professores mais próximos dos alunos e da coordenação (que também possui uma proximidade grande com os alunos) é constante. Este movimento cria um vínculo maior com os elementos do ambiente escolar.

Ao mesmo tempo, o ambiente escolar da ETEC se apresenta muito rígido e formal para os alunos, pela presença dos seguranças, as catracas nas entradas, ausência de pinturas artísticas nas paredes ou grafites (algo muito comum em escolas regulares e particulares), rigidez no uso dos uniformes e no cumprimento dos horários. Por outro lado, como dito anteriormente, existe uma flexibilidade da coordenação para a organização de atividades, abertura de diálogo fora dos horários de aula com docentes e funcionários e o contato com a natureza constante. Talvez por isso o ambiente, mesmo com muitas regras, é percebido pelos estudantes como relaxante, tranquilo e informal.

Muitos alunos passam dois turnos na escola por cursarem o ensino técnico no período vespertino. Muitos outros ficam na escola para estudar, realizar atividades, freqüentar a biblioteca, praticar algum esporte na quadra ou aproveitar mais tempo com os amigos. Há casos também de alunos que permanecem mais tempo na escola por ter um ambiente familiar tenso, se

servindo da escola como refúgio. Alguns passam no vestibulinho para fazer o ensino técnico e assim permanecer o máximo de tempo na escola. Houve alguns casos de alunos que cursaram todo o Ensino Médio e depois que terminaram voltaram à escola a fim de cursar o ensino técnico e não perder o vínculo com a instituição. De acordo com um destes alunos:

-Não quis entrar de cara na faculdade, apesar de ter condições de passar. Gosto muito de estar aqui, não tenho pressa pra sair. (Paulo Ricardo – 21 anos)

Outro caso peculiar foi um aluno que durante o Ensino Médio cursou Informática, após o término destes cursou os outros dois cursos, o de Logística e Administração de Empresas. Este fato pode indicar um desejo de permanência na instituição, maior do que de interesse pelos cursos em si, devido suas diferenças.

Inicialmente, pretendíamos comparar o fluxo de empréstimos de livros e a frequência dos alunos nas duas bibliotecas, porém não foi possível, visto que a biblioteca da escola regular não faz este tipo de controle. Para obter o número de livros tombados na escola regular foi necessário contar esses livros por gênero para chegar a um número aproximado, tendo em vista que estes dados não estão disponíveis. Há um número razoável de caixas com livros ainda não tombados.

A escola pública regular recebe anualmente um número de livros razoavelmente grande, seu acervo é próximo de 9.265 livros, mesmo sem possuir bibliotecário e com um número de alunos leitores próximo de 10% dos estudantes. A ETEC possui estrutura bibliotecária (física e profissional), acervo de 3.111 livros; público leitor de 75% dos alunos, mas, paradoxalmente, recebe um número mínimo de livros anualmente (em média 5% do que recebe a escola pública regular) e logra ampliar seu catálogo de livros por meio de iniciativas individuais de alunos e funcionários da instituição. Usando como referência os alunos do Pré-ETEC é possível ter uma estimativa sobre os hábitos de leitura e sobre a percepção sobre a importância de ler.

Quadro 7 – Hábitos de leitura

Você gosta de ler?	Alunos da ETEC	Alunos do Pré-ETEC
Não gosto de ler	2%	7%
Não gosto de ler, mas estou tentando criar o hábito	11%	26%
Somente quando é necessário	17,5%	12%
Adoro ler	69,5%	50%

Pela tabela acima, percebemos que a maioria dos alunos da ETEC tem o hábito de leitura, todavia, mesmo que 50% dos alunos do cursinho afirmaram que também adoram ler, o interessante é observar que 26% deles reconhecem a importância da leitura mesmo não gostando de ler, mas desejam criar este hábito.

2.3.1 O “estudo sério” e o “assistir as aulas”

Durante a pesquisa de campo, professores e estudantes entrevistados ressaltaram que a principal diferença da ETEC em relação às escolas regulares era a disposição dos alunos ao “estudo sério”. O hábito da leitura é um comportamento associado aos alunos que reconhecem o gosto pelo estudo. A disposição dos alunos do cursinho em querer este hábito parece confirmar o significado social atribuído à leitura, como se admitissem que buscam entrar no grupo dos “bons alunos” que merecem estudar na ETEC e dispostos ao “estudo sério”. Os alunos do cursinho reconhecem que existe uma cultura escolar diferente nas ETEC’s e, principalmente, uma forma diferente de se relacionar com os estudos que eles mesmos reconhecem ainda não possuírem.

Os professores do cursinho afirmaram que os mesmos alunos que levam a sério o estudo no cursinho, não possuem a mesma conduta nas aulas regulares durante a semana e este elemento, segundo eles, refletiria a forma de perceber o estudo em uma escola e outra. Na tentativa de apreender como esta relação com a escola se materializa, entrevistando professores e alunos,

identificamos duas categorias necessárias para descrever esta forma de experiência escolar: “estudo sério” e “assistir as aulas”.

Algumas circunstâncias estruturais das dinâmicas das escolas contribuem para esta cultura do “estudo sério”. Um dos fatores fundamentais é o valor simbólico empregado na relação com a instituição. Devido esse valor que a instituição carrega e juntamente com seus “troféus” de êxito, as relações com o estudo na instituição mudam. Os alunos mudam sua postura, uma vez que acreditam na mudança que a instituição pode exercer sobre eles. Como o vestibulinho homogeneiza o público da ETEC, as chances de ganhar corpo no maior número de indivíduos aumentam substancialmente e os vínculos entre si e com a escola se estreitam, pois “quanto mais homogêneo é o público de uma instituição, mais os laços unindo uma mesma geração são fortes” (FAGUER, 1997, p.)

O poder da relação de alinhamento cultural que a escola estabelece com seus alunos gera uma sociabilidade mais orgânica, no sentido durkheimiano⁵⁰ de interdependência e cumplicidade cultural. Neste sentido, alguns pontos sobre o valor simbólico atribuído pelos estudantes às instituições podem ser considerados evidências desta relação especial que se inicia com a seleção do público escolar e se transforma em um vínculo forte de pertencimento e de interreconhecimento.

2.3.2 A Identidade com a escola e o empréstimo de valor simbólico

-Na ETEC os alunos criam uma identidade com a escola, e no ‘Estado’ não há identidade nenhuma (C.L) (C.E) Prof. Cássio Eduardo

Os méritos e os trunfos que a escola cria alimentam o capital simbólico que ela possui na região, gerando um desejo de pertencimento e uma forte identidade entre os membros desta cultura escolar. Os alunos utilizam do nome da escola como referencial em suas vidas

⁵⁰ DURKHEIM, E. 1973. Da divisão do trabalho social, São Paulo, Editora Abril.

particulares e este movimento é perceptível no tempo desprendido em atividades relacionadas ao convívio escolar e ao convívio com os colegas da escola, ainda que morem em bairros distantes entre si. Na ETEC, os alunos passam muito tempo juntos, muito além do período de aula. Este contato é intensificado pelo uso das redes sociais e por meio das atividades de lazer aos finais de semana. Na escola regular, o convívio deles entre si fora do ambiente escolar é menor, ocasional e mesmo as relações nas redes sociais são restritas a alguns amigos ou grupos de amigos, não necessariamente ligados à escola.

Durante estes anos de pesquisa, raro foram os casos de grupos ativos em redes sociais relacionados às turmas da escola regular. Na ETEC todas as turmas possuem seus grupos em redes sociais e grupos relacionados a vários tipos de interesses ainda dentro do público escolar como as páginas relacionadas às disciplinas, organização de roteiros de encontros para passeios independentes ou grêmio estudantil. Interessante notar que na rede social *Facebook* existe a possibilidade de marcar na sua página a instituição em que estuda e, praticamente de maneira unânime, os alunos da ETEC marcam que pertencem a esta instituição, alguns chegam ao ponto (principalmente os alunos de primeiro ano) de anexar ETEC ao nome, exemplo: “Fulano da Silva ETEC”. Em contrapartida, os alunos da escola regular muitas vezes não marcam a instituição de ensino ao qual pertencem. No caso de alunos que fazem o curso técnico nas ETECs e ao mesmo tempo o ensino médio nas escolas regulares é comum os alunos informarem somente o nome da ETEC como *local de estudo*.

Outra modalidade de materialização do valor simbólico da instituição e do uso deste capital simbólico, como forma de valorização de si, pode ser encontrada no uso dos uniformes. Os alunos da ETEC utilizam o uniforme escolar como objeto de status social nos seus respectivos bairros. A maior parte das escolas regulares não tem um uniforme oficial e as que possuem não utilizam durante o ensino médio. Nas escolas particulares e nas ETECs o uniforme é um sinal forte de pertencimento em um grupo dotado de uma identidade própria e de determinado volume de valor social.

Muitos alunos, principalmente os que vieram de escolas públicas, se utilizam do uniforme como um meio de reconhecimento e respeito perante aos colegas de bairro. Alguns relataram que gostavam de passar na suas ex-escolas com o uniforme da ETEC para “ostentar”. Outros afirmaram que na cidade eles recebiam um tratamento diferenciado por estarem com o uniforme da ETEC.

-Quando eu ando no centro da cidade com o uniforme da ETEC, as pessoas me olham com um ar de respeito, o pessoal do mercado e da papelaria me trata com mais educação, e o pessoal de outras escolas me olham com admiração e outros com inveja... (C.L) (C.Inf) Aluno: Matheus.M

Esta sentença demonstra a peculiaridade de tratamento e o valor simbólico que o uso do uniforme agrega. A incorporação deste valor se faz mais eficiente analisando o fato do aluno ter esta percepção clara e sentir a sua valorização pelo uso deste dispositivo escolar. Em alguns momentos o uso do uniforme foi questionado na ETEC e mesmo motivo de conflito entre estudantes e a gestão da ETEC, principalmente por alunos dos 3º anos que cursaram o Ensino Fundamental em escolas particulares. A proporção era de: a cada 10 alunos insatisfeitos com o uso do uniforme, 7 eram dos 3º anos e destes, 6 eram oriundos de escolas particulares⁵¹. Esta tendência de questionamento, por este grupo específico, se manteve durante 3 turmas consecutivas.

Tentando analisar este fato, a partir dos discursos dos alunos, professores e coordenação, a conclusão mais efetiva vinha de alguns pontos levantados:

1. O uso do uniforme pode neutralizar a distância econômica existente entre os alunos, visto que um elemento desta demarcação se faz no

⁵¹ Esta proporção veio a partir do questionário nas questões referentes as coisas que os alunos não gostam na escola, e a partir de um levantamento feito em sala de aula.

uso de roupas de marca. Sem esta referência, as demarcações de diferenças numa escola que supervaloriza o *habitus escolar* se fazem pelos méritos intelectuais, o que pode gerar o desconforto naqueles que se apóiam nas diferenças pelas roupas de marca.

2. Durante o processo de formação, os professores desenvolvem um trabalho valorizando a autonomia, singularidade, liberdade e independência, questionamento, e a crítica, chegando ao ápice de maturidade desta formação no terceiro ano, criando um conflito com este lado mais rígido da instituição.
3. Os alunos de escolas públicas são mais carentes de elementos de vinculação e identidade em uma instituição de nome forte, sendo esta uma possibilidade de tomar de empréstimo o capital simbólico da instituição para si, muito atraente e diferente do que poderiam ter nas suas ex-escolas.

2.3.3 Observações sobre os estudantes da ETEC vindos da rede pública e da rede privada

Na ETEC percebi que os alunos de escolas públicas regulares começam o ensino médio com maior dificuldade que os alunos vindos de escolas particulares. Analisando o quadro de notas de cada turma, as notas vermelhas concentram-se fortemente nos boletins dos alunos que vieram da rede pública, principalmente em disciplinas como Física, Matemática e Química. Este quadro de notas tende a mudar durante o as turmas de primeiro ano e as maiores defasagens durante os terceiros anos, de forma que, analisando o final do último ano, o quadro se inverte e os alunos egressos de escolas públicas, em geral, conseguem os melhores resultados, enquanto os alunos que eram da rede particular, em boa parte, caem para um quadro de notas regulares. Esta mudança gera como consequência uma entrada de alunos da rede pública nas universidades mais concorridas, maior que dos alunos que da rede particular.

Na busca de respostas para esta observação, compreendi que os alunos que eram da rede pública, por sua origem social e familiar,

enxergam a ETEC como a “última chance” ou “melhor chance” de mudar a sua trajetória de vida, por meio da educação. Muitos alegam que não teriam nenhuma condição de pagar uma boa universidade particular ou cursinho. Em muitos casos, os pais apresentam como condição a aprovação nos exames vestibulares: “se não passar no vestibular assim que terminar o Ensino Médio terá que trabalhar para ajudar nas despesas de casa”. Essa última sentença traz consigo o risco de que o ritmo de trabalho possa inviabilizar a entrada na universidade, posteriormente. No caso dos alunos da ETEC, a relação com o trabalho é quase frequentemente percebida como algo que pode atrapalhar os estudos (os alunos que realmente precisam trabalhar para auxílio da renda familiar durante o Ensino Médio ficam visivelmente angustiados).

Este conflito não está ligado à questão de trabalhar ou não, pois muitos deles têm ciência de que precisarão ajudar suas famílias financeiramente. Entretanto, estes alunos preferem priorizar o ingresso na universidade e postergar o trabalho depois de garantir a aprovação no vestibular. Trabalhar antes de entrar no ensino superior, na maioria dos casos, significa, segundo os próprios alunos:

-Trabalhar sem estar na ‘facul’, é trabalhar num emprego que não queremos, “com um salário que não dá para ajudar muito”[...] “nesses empregos os horários de trabalho dificilmente dão espaço pra você estudar”, “se conseguir entrar na faculdade minha família consegue segurar as pontas até eu conseguir um estágio remunerado. (C.A)

O número de alunos que trabalham no período vespertino ou noturno é mínimo, se comparado com outras escolas públicas, chegando a ser 23% dos alunos da turma de 2011 que alegaram trabalhar para ajudar nas despesas de casa e 4% na geração de 2014⁵².

⁵² Esta porcentagem representa os números totais de alunos que trabalham fora, sendo que da turma de 2011 dos 23% de alunos que trabalham fora, 3% trabalham com os pais e da turma de 2014 dos 4% que trabalham fora, 1% trabalha com os pais. Esta queda no número de

Esta relação com o trabalho e com as possibilidades de entrada na universidade são encaradas de maneira diferente pelos alunos que vieram das escolas particulares, muitos deles possuem condição financeira mais favorável e os investimentos que as famílias fazem nestes jovens impossibilitam a chance de não cursar o ensino superior para “só trabalhar”. Sem a possibilidade de não entrar na universidade, o foco deste grupo é voltado para “onde estudar?”, uma vez que há a possibilidade de se fazer cursinho após ou durante o Ensino Médio. Sendo poupados da pressão de ter que trabalhar para ajudar a família estes alunos se sentem menos pressionados para passar em uma universidade pública, pois existe a possibilidade, também, dos pais pagarem boas faculdades particulares ou ao menos conquistar uma bolsa parcial e custear o restante do valor.

O resultado final destas duas formas de encarar o ingresso nas universidades públicas consiste em: a cada 15 alunos da ETEC de Franco da Rocha, 3 cursaram o ensino fundamental na rede particular e 15 na rede pública.

Existe outro elemento importante que justifica esta proporção além da visão dos alunos sobre o ensino superior e o trabalho, que é a relação de interferência dos pais nas escolhas das carreiras dos filhos.

Se é baixa a pressão que os alunos que vieram da rede particular tem com relação ao trabalho e ao auxílio nas despesas familiares em relação aos alunos vindos da rede pública, o mesmo não pode se dizer com relação a escolha das carreiras profissionais.

Os pais dos alunos vindos da rede particular exercem grande influência e pressão em seus filhos na questão das escolhas de cursos. Principalmente na escolha dos cursos com maior prestígio social pelo senso comum como medicina, direito, engenharia e áreas correlatas. Como estes cursos são extremamente concorridos nas universidades públicas paulistas, alguns alunos almejam a possibilidade de cursá-los em outro estado. Porém, muitos alunos acabam desistindo desta

alunos que trabalham também reflete as condições de vida das famílias, mais adiante na caracterização das famílias será possível perceber o aumento da escolaridade das mães, o que implica diretamente nos investimentos educacionais dos filhos.

possibilidade ou esperam a emancipação por conta das barreiras impostas pelos pais, que não querem que os filhos fiquem longe de sua guarnição.

Houve vários casos de alunos que passaram em ótimas colocações em universidades federais fora do estado, mas foram impedidos de fazer matrícula por conta da pressão familiar. Um exemplo icônico de conhecimento do grande público escolar, foi o caso de um casal de amigos da mesma turma que queriam cursar direito na universidade do Rio de Janeiro, passaram no vestibular para estudar na mesma turma e em ambos os casos os pais não deixaram por conta do estereótipo de violência da cidade. O garoto acabou não entrando em nenhuma universidade naquele ano e decidiu esperar a emancipação para estudar o que desejava, a garota foi para o cursinho pré-vestibular para tentar novamente em São Paulo no ano seguinte.

-Muitos pais espelham seu ego nos filhos, então não estão dispostos a deixar eles ganharem o mundo (...) é como se criassem os filhos para realizar os sonhos de carreira que eles não realizaram. (professora Maria)(C.L)(C.Inf)

Em alguns casos o conflito se faz pelo desejo dos alunos em seguir uma carreira de menos prestígio, aos olhos dos pais, ou de uma visão sobre a remuneração imediata da carreira que não atinge as expectativas dos pais. Um exemplo desta situação é alguns casos de alunos que pretendiam cursar licenciatura, por conta de afinidades com as disciplinas do Ensino Médio, mas que pela visão que os pais têm sobre esta carreira pressionam seus filhos a escolher outras áreas. Um dos casos mais curiosos desta tendência foi de uma aluna que alimentou o desejo de ser professora universitária de Filosofia e passou os 3 anos criando expectativas e se preparando para tal, escrevendo artigos, lendo livros do curso e até acompanhando aulas na USP como aluna ouvinte, pela forte pressão da mãe (que era professora), de última hora decidiu cursar direito em uma universidade particular. Segundo seu relato:

-Eu não queria fazer este curso, mas como minha mãe quer então eu vou até o fim, pego o diploma e dou pra ela de

presente e depois vou cursar o que eu gosto. (Aluna Ana M)
(C.A) (C.Inf)

As relações entre os desejos e as frustrações profissionais dos pais, se espelham nas tentativas de controle das escolhas dos filhos. Neste último caso, quando perguntei para esta mãe os motivos que ela tinha em intervir de maneira autoritária sobre a escolha da filha, ela disse:

-eu sempre quis ser advogada e acabei sendo professora, não tive condição de fazer o curso que me daria uma estabilidade financeira bacana e demorei muito para perceber que não gostava da área da educação, então não quero que ela passe o mesmo que eu. (C.L)
(C.Inf)

Por de trás de um discurso de proteção, existe um discurso de uma realização dos próprios projetos não realizados nos filhos. Conversando com os professores que tinham jornadas na rede pública e particular sobre este caso, todos tinham vários exemplos de suas experiências para confirmar este controle dos pais.

No caso dos alunos da rede vindos da rede pública, a influência dos pais é mínima. Em geral, os pais que detinham alguma tentativa de influência, não o faziam de maneira a coibir os desejos pessoais do filho. Na verdade, na maioria dos casos, os pais, pela falta de intimidade com as dinâmicas universitárias e suas possibilidades, não opinavam nas escolhas dos filhos. A questão de desejos desses pais estava muito mais ligada à conquista da entrada na universidade de forma gratuita do que qualquer preocupação com a carreira ou o tipo de instituição. Com exceção daqueles que tinham pais e parentes na área da educação, grande parte destes jovens seriam os primeiros de suas famílias a ingressar no ensino superior, e isto, por si só, era um grande trunfo para suas famílias.

Portanto, muitos destes alunos vindos das redes públicas de ensino eram mais livres para optar por uma opção de carreira que atendesse ao seu gosto e a suas possibilidades reais de ingresso. Assim, estes fatores possibilitavam que um número maior de alunos de escolas públicas entrasse em universidades públicas.

Esta dinâmica chega ao ponto em que alguns alunos do terceiro ano que vieram da rede particular percebessem que não se prepararam o suficiente para entrar em seus cursos de desejo nas universidades mais concorridas, perceberam a grande mobilização de outros alunos da turma, começaram a ficar incomodados e criaram um discurso de “justificativa” ou “negação” de sua condição com discursos e expressões do tipo⁵³:

-“Esse povo acha que só existe a USP e a UNICAMP, vou fazer em qualquer faculdade mesmo, pois vou ter o diploma de qualquer jeito.”

-“Eu não sei por que, mas não gosto da USP”

-“pessoal de universidade pública é muito metido, prefiro entrar numa Uninove”

-“professor X é formado na Unip e é tão bom quanto o professor Y formado na USP.”

Estas expressões apareciam geralmente quando um grupo de alunos que desejava entrar em universidades públicas entrava no assunto sobre vestibulares ou ritmo de estudos próximo de um destes outros que criaram este tipo de aversão. Este conflito de interesses transparecia para alguns professores, principalmente os mais próximos, em conversas informais ou postagens em redes sociais.

O fenômeno das ETEC's como escolas de referência, trouxe também como consequência o surgimento de alguns cursinhos Pré-ETEC, como citamos o maior da região, mas é importante frisar que existem iniciativas deste gênero em diversas escolas públicas e até mesmo em algumas escolas particulares da região.

Como efeito interessante, criado pela presença destas escolas de excelência, notamos que algumas escolas particulares da região usam o número de alunos que no final do Ensino Fundamental entraram no Ensino Médio da ETEC como propaganda de qualidade de seu ensino. Dois casos em particular que podem figurar este fato é a estratégia de marketing que duas escolas particulares adotaram para atrair alunos. A primeira, situada na mesma

⁵³ Os alunos que apresentaram estes discursos, durante o primeiro ano do Ensino Médio diziam ter interesse nas universidades públicas e apresentavam um maior conhecimento sobre a existência das instituições e seus nomes que os outros alunos das escolas públicas. Esta questão das universidades públicas em relação às particulares está sendo enfatizada aqui por ser um assunto sempre presente nos discursos dos professores e dos alunos.

cidade que a nossa ETEC estudada, colocou fotos de alunos em um outdoor anunciando seus bons resultados no vestibulinho e o número de aprovados.

A segunda escola, situada na cidade de Mairiporã (vizinha) procurou contratar parte dos professores do Ensino Médio da ETEC (4 professores) deixando implícito e explícito em conversas com os pais de alunos: “temos os mesmos professores da ETEC, e isso faz parte da qualidade de nossa escola”⁵⁴.

Em muitas escolas estaduais da região, o surgimento dos cursinhos Pré-ETEC assume características parcialmente diferentes das escolas particulares. Há a questão do reconhecimento de que o número de alunos aprovados no vestibulinho também ajudam a emprestar um maior capital simbólico de “status” para a escola, mas também existem outros fatores averiguados em conversas com professores.

Alguns professores criam cursinhos Pré-ETEC com a justificativa de querer ajudar os alunos que estão com mais vontade de estudar e que muitas vezes se sentem limitados pelas condições de fato da escola regular. Em outros casos, professores assumem esse compromisso, pois dizem que o rendimento dos alunos melhora também no cotidiano escolar pela incorporação da responsabilidade com o estudo sério.

2.4 Notas sobre o Ensino Médio Integrado (ETIM)

Em algumas ETECs existe uma categoria de curso chamado ETIM, que é um curso de ensino médio integrado ao técnico. Este estilo de curso vem sendo expandido para todas as ETECs gradativamente. A opinião dos professores e gestores que conversei durante os anos de pesquisa sobre isso (já que é uma tendência muito recente) é que o foco do Centro Paula Souza sempre foi a formação técnica para uma mão de obra especializada e de qualidade⁵⁵, porém, em grande parte das melhores ETECs o grande diferencial

⁵⁴ Citação aproximada da fala de alguns funcionários desta escola, dentre eles alguns dos professores contratados e até de funcionários do administrativo.

⁵⁵ Uma forte evidencia deste foco voltado ao ensino técnico, foi durante uma reunião de planejamento entre a direção escolar, os professores dos cursos técnicos e do ensino médio

de qualidade é o Ensino Médio⁵⁶, os números de qualidade e baixa evasão de alunos transformam neste curso o “carro chefe” das principais instituições.

De acordo com algumas conversas informais com professores e coordenadores, o Governo do Estado, percebendo uma tendência de valorização de escolas de tempo integral, por parte de seus eleitores, resolveu integrar o ensino médio ao ensino técnico para criar a sua versão de ensino integral. Porém, esta iniciativa é observada com desconfiança pelos professores.

Os discursos para entender esta mudança se encaminharam para dois pontos entre os entrevistados e as conversas informais. A primeira delas diz que o ensino médio existe nas ETECs para atender a demanda de se criar mão de obra qualificada e bem instruída para cargos médios técnicos. Idealmente o objetivo seria mesmo de inserir os alunos do Ensino Médio nos cursos técnicos também, (por este motivo os dois níveis de ensino geralmente não são nos mesmos períodos). Mas, com o aumento de qualidade no nível do Ensino Médio, os alunos começaram a almejar o ensino superior, sobretudo em universidades públicas, e as taxas de rejeição dos cursos técnicos, para este público, aumentam nas mesmas proporções.

Este aumento de desejos pelas universidades públicas é reforçados, além da qualidade de ensino do Ensino Médio dar espaço para este desejo, também, por uma brecha legal nas bolsas de inclusão das universidades públicas que preveem uma compensação de nota para alunos provenientes de escolas públicas devido ao reconhecimento da baixa qualidade de seu ensino, com acréscimos de pontos nos vestibulares, cotas e bolsas. Porém, os alunos das ETECs e escolas Federais de Ensino Médio, possuem uma qualidade de ensino geralmente muito superior que da maior parte das escolas particulares, e mesmo assim possuem o direito legal á estes acréscimos de nota, o que aumenta ainda mais as possibilidades de ingresso. Com a entrada crescente em grandes universidades, a perspectiva dos alunos novos sobre suas

em 2013, assistimos a um vídeo institucional, feito pelo Centro Paula Souza sobre os objetivos e a qualidade da instituição. Durante o vídeo de aproximadamente 35min, a expressão “Ensino Médio” foi citada somente uma vez.

⁵⁶ Até mesmo os professores do ensino técnico dizem que os melhores alunos dos cursos técnicos geralmente são os alunos que também são do ensino médio.

possibilidades de trilhar os mesmos caminhos aumentam e, conseqüentemente, a procura pelo curso técnico diminui.

Os alunos que buscam fazer Ensino Médio e o curso técnico ao mesmo tempo percebem que o caminho para o vestibular torna-se mais difícil pela tentativa de conciliação dos dois cursos, no caso dos que desejam as universidades mais concorridas a missão é quase impossível. Estes fatores reforçam o desligamento do Ensino Médio aos cursos técnicos. O objetivo do Governo Estadual, na criação do ETIM, seria uma forma de conectar definitivamente os dois cursos para atender diretamente as demandas do ensino técnico.

Porém, os professores do Ensino Médio com os quais conversei, que lecionam nas ETECs e possuem turmas de ETIM, apontam que a qualidade de aprendizagem dos alunos despencam devido ao grande número de disciplinas e atividades. Muitos estão deslocados no ensino técnico por não querer seguir carreira no curso, e as possibilidades de conseguir estudar para os vestibulares ou realizar atividades extraclasse, além das obrigatórias, são menores.

A ETEC de Franco da Rocha é uma das poucas que ainda não possui esta categoria de curso. O grupo de coordenação e direção demonstrou grandes interesses que esta situação permaneça desta forma para manter a qualidade do Ensino Médio, visto que em outras ETECs, que adotaram esta categoria de estudo, tiveram uma procura menor de candidatos que as turmas regulares dos demais cursos.

CAPÍTULO - 3.1 O CURSINHO PRÉ-ETEC e seus professores

Como explicar que um grupo de professores de uma escola regular decida investir sua energia e criar um cursinho aos sábados, gratuito para seus estudantes? Neste capítulo, buscamos oferecer algumas pistas para explicar a emergência destes cursinhos que se difundiram em várias escolas a partir da análise do caso particular da escola Serrano, localizada em Francisco Morato, que possui cerca 2400 alunos, destes 1155 de Ensino Fundamental.

Possivelmente, a emergência de cursinhos destinados aos estudantes do Ensino Fundamental II em escolas públicas regulares é resultado do êxito

das ETECs. Mesmo se considerarmos que os rankings produzidos pela imprensa a partir dos resultados do ENEM têm os primeiros lugares quase monopolizados pelas escolas privadas, o fato de que as ETECs ocupem posições superiores às escolas estaduais regulares e mesmo a muitos estabelecimentos privados de ensino gera forte interesse para os jovens que buscam trilhar os caminhos da escolarização prolongada. O crescimento da procura pelas ETECs é uma prova disso.

Essas escolas e os “colégios de aplicação”, mantidos pelas universidades públicas, monopolizam a lista de melhores escolas públicas no Estado de São Paulo.⁵⁷ Nos dois casos, o ingresso nestas escolas se faz mediante a aprovação em provas seletivas e concorridas, os chamados “vestibulinhos”.

O prestígio associado à ETEC pode ser verificado quando até mesmo o setor privado desenvolve estratégias para tomar de empréstimo o capital simbólico das ETECs. Em Franco da Rocha, notamos, por exemplo, a maneira pela qual muitas escolas privadas se utilizam do prestígio acumulado pelas ETECs. Isso se materializa seja na divulgação sistemática do número de estudantes de Ensino Fundamental II aprovados no vestibulinho das ETECs, ou ainda, com a tentativa de captar o corpo docente das ETECs para os seus quadros e na divulgação da presença de professores das ETECs em seus estabelecimentos como uma prova inegável da qualidade de ensino oferecida.

Enfatizando novamente dois casos na região de Franco da Rocha ilustram estas estratégias de distinção das escolas privadas que consiste em emprestar o capital simbólico conquistado pelas ETECs para falar à imaginação da clientela potencial destas escolas. O colégio Absoluto situado na mesma cidade que a ETEC estudada, traz um *outdoor* no qual anuncia seus bons resultados no vestibulinho da ETEC e o número de aprovados. Em Mairiporã, cidade vizinha a Franco da Rocha, identificamos uma escola particular que procurou contratar parte dos professores do Ensino Médio da ETEC (4 professores). Esta contratação dos professores é utilizada nos sites e apresentações da escola como um trunfo: “*temos os mesmos professores da*

⁵⁷ Consultar, <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2015/08/1664727-confira-a-nota-de-cada-escola-no-enem-2014-e-veja-lista-das-melhores-e-piores.shtml>

*ETEC, e isso faz parte da qualidade de nossa escola*⁵⁸ Outras escolas privadas de Ensino Fundamental II criam seus próprios cursinhos preparatórios para o ingresso nas ETECs.

Neste contexto, não surpreende que muitos estudantes das escolas regulares tenham como maior ambição conseguir entrar em uma ETEC.

Os cursinhos Pré-ETECs veem surgindo em diversas escolas. Na região de Franco da Rocha o maior deles é justamente este localizado na escola regular Geraldi Serrano que reúne 410 alunos (no ano de 2015) e ocorre durante os sábados o dia todo. Mesmo se a escola Geraldi Serra é considerada uma boa escola em relação a outras regulares, de um modo geral, predomina a percepção de que as escolas regulares são de menor qualidade do que as ETECs.

Além disso, a trajetória escolar e ocupacional de alguns egressos da ETEC que logram por serem aprovados nas universidades públicas, universidades particulares prestigiadas e até mesmo o programa de ensino das ETECs, o qual inclui atividades e projetos extra-classe (feiras, passeios, viagens técnicas, palestras, debates, campeonatos) tornam-se motivos para a emergência de estratégias educativas no nível do Ensino Fundamental II visando a ETEC no Ensino Médio.

Globalmente, os professores que criaram os cursinhos Pré-ETEC justificam sua iniciativa como uma tentativa de ajudar os alunos mais dispostos ao estudo das escolas estaduais regulares, oferecendo-lhes condições de estudo melhores do que as que estão disponíveis a eles. Eles argumentaram que o rendimento dos alunos melhora no cotidiano escolar pela incorporação da responsabilidade com o “estudo sério”.

Os cursinhos seriam ainda eficazes para fortalecer uma identidade de grupo assentada sobre a representação de um grupo de estudantes que optou pelo “estudo sério”. Nesta situação, o vínculo entre eles tenderia a se fortalecer e o investimento escolar aumentar. É interessante notar que o esforço em ajudar os alunos a sair da escola regular para uma ETEC é percebido como um ato admirável, passível de reconhecimento maior que dar boas aulas de sua

⁵⁸ Citação aproximada da fala de alguns funcionários desta escola, dentre eles alguns dos professores contratados e até de funcionários do administrativo.

disciplina. Esta última informação apareceu nas conversas com os professores, mas também nas respostas dos alunos aos questionários.

Neste capítulo, reunimos o material produzido com a pesquisa sobre este cursinho Pré-ETEC. Os dados foram produzidos por meio de observação de aulas, reuniões de professores e outras situações do cotidiano da escola e de entrevistas com um grupo de professores que criou o cursinho.

Por meio de entrevistas semi-estruturadas procuramos reunir elementos que pudessem elucidar as razões, as motivações e os mecanismos por meio dos quais os professores que encontramos teriam desenvolvido esta forma de engajamento professoral, que passa tanto pela realização do trabalho voluntário, pela adesão aos projetos extra-classe e por uma prática pedagógica não tradicional, decidida a incitar os estudantes à lógica do investimento escolar.

Especificamente, a hipótese que conduziu a investigação sobre os professores propunha que as próprias experiências educativas estariam na raiz desta forma de lecionar e de militar na educação dos jovens presentes nas escolas públicas de Franco da Rocha.

O roteiro de entrevista (Anexo 2) continha questões diversas sobre o percurso social, a trajetória escolar e ocupacional dos professores, com o objetivo de buscar elucidar como se desenvolvera este “*habitus professoral*” que as observações em campo evocavam. As entrevistas ocorreram em um clima informal, em que cada questão poderia levar a outra diversa do roteiro e depois retomávamos o fio condutor. Na primeira parte deste capítulo, apresentamos uma síntese das observações realizadas no cursinho, em seguida, exploramos, por meio da entrevista de professores, como esse empreendimento foi criado e buscamos explorar os sentidos dessa ação para estes professores.

3.2 Notas etnográficas sobre as aulas do cursinho

O primeiro dia em campo foi um tanto quanto monótono, não pela qualidade das aulas, que eram boas, mas porque tudo se apresentava como um cursinho qualquer: com professores querendo ser ouvidos e alunos

assistindo as aulas com atenção, em sua grande maioria. Porém, alguns elementos percebidos neste primeiro dia, transcritos no diário de campo, começaram a fazer mais sentido depois de algumas semanas, conversas e análise de aulas de vários outros professores.

A primeira aula foi com o professor Ariel Velardo (Física) na turma “A”. O professor propôs que os alunos escolhessem se a aula seria feita no pátio ou em sala. Depois de uma breve eleição com os alunos, ficou combinado que a primeira parte da aula seria na sala, devido à necessidade do uso da lousa, e a outra parte, no pátio.

O tema da aula era sobre a 2ª lei de Newton. Todos os alunos que possuem por volta de 13 e 14 anos trouxeram o caderno, muitos escreviam enquanto o professor explicava a matéria, entre piadas e muitos gestos corporais que ele faz. Porém, uma parte (em torno de 30%) dos alunos copiavam somente os esquemas feitos na lousa e um terceiro grupo observava a aula sem expressar quase nenhum movimento.

Este comportamento dos alunos e professores se manteve quase como padrão em quase todas as aulas e em todas as salas, salvo pequenas exceções de alunos mais participativos em algumas turmas e outros que participavam mais das brincadeiras dos professores.

O professor desta primeira aula tem 18 anos de idade, cabelos longos e sempre usa uma camiseta de super-herói ou de outros personagens de histórias em quadrinhos. Este “uniforme” não é acidental. Segundo seu depoimento:

Os super-heróis sempre tiveram um valor simbólico pra mim, pois me alfabetizei lendo quadrinhos e os desenhos dos heróis sempre trouxeram valores de vida como a amizade, o amor fraternal e a justiça para os injustiçados. Eu fui inserido nesse universo pelo meu pai que é professor e encontrei isso em alguns professores. Então sempre vi uma semelhança entre os dois personagens, o professor e o Super-Homem... (C.A) (C.E)

Isto aparece também nas formas de interação entre o Ariel Velardo e seus alunos nas redes sociais que sempre são acompanhadas de imagens de desenhos animados e as referências destes “animes” nos conteúdos das aulas são bem recorrentes.

Quase todos os alunos mantinham os aparelhos celulares encima das mesas, alguns trocaram mensagens durante a aula, porém com muito cuidado para não perder a atenção e não atrapalhar o professor.

O professor buscou fazer analogias relativas ao contexto dos alunos, colocando sempre o nome de alunos no meio de suas questões de física, não raro apresentadas como anedotas, com o nome dos estudantes que falavam mais ou perguntavam mais. Neste jogo que propõe aos alunos e no qual procura ensinar física há sempre a possibilidade de aparecer o nome de um dos outros professores nas charadas e exercícios de física propostos, como se houvesse uma disputa entre eles para “desmoralizar” o outro.

Esta disputa é entendida como uma brincadeira saudável, que só é aceitável por eles (e pelos alunos) devido a relação de amizade existente. Este jogo aparece em praticamente todas as aulas, inclusive nos momentos em que o coordenador Danilo Lima entrava em sala para dar recados para as turmas. Este tipo de jogo que mistura o conteúdo escolar e brincadeira com os nomes de alunos e professores chamava muita atenção. Só de serem citados os nomes notei que isso prendia a atenção e fazia rir as turmas. Nos dois simulados aplicados no cursinho Pré-Etec, os nomes dos professores também apareciam nos exercícios, o que ampliava o jogo para outro nível. Seguem algumas questões do simulado que ilustram esta estratégia de ensino:

20) Ricardo Libarino (História) e Renan Damasceno (Biologia) foram brincar de soltar bolas em queda livre no alto de uma torre. Ricardo pega a bola 'A' com 20kg de massa e Renan pega a bola 'B' de 40kg de massa. Os dois largam suas bolas ao mesmo. Com base no experimento feito por Galileu Galilei responda a seguinte questão: Qual das bolas vai chegar ao solo primeiro?

- A) A bola 'A' chegará primeiro ao solo por que possui mais massa.
- B) A bola 'B' chegará primeiro ao solo por que possui menos massa
- C) As Bola 'A' e 'B' chegarão ao mesmo tempo ao solo já que a 'lei dos corpos em queda' diz que todos os corpos caem com aceleração constante, uma vez que o efeito da aceleração gravitacional, ou seja, da gravidade em todos os corpos, à mesma altura, é igual.
- D) Não é possível saber.
- E) Nenhuma das alternativas.

21) Duas crianças estão brincando do famoso "pega pega", em que uma deve alcançar a outra e tocá-la. Arielzinho sai na frente com uma velocidade constante de 3 m/s, enquanto seu amigo Danilo parte do repouso com uma aceleração de 1 m/s^2 , 3 segundos após o primeiro. Quanto tempo, (em segundos), após a partida de Arielzinho eles irão se encontrar?

- A) 8 B) 5 C) 3 D) 15 E) 30

Esta forma de estabelecer a relação com os estudantes e de exercer a autoridade pedagógica não deixou de causar discussões com parte do corpo docente da escola regular, que não participa do cursinho. Uma situação que ilustra estes conflitos foi justamente quando uma professora teve acesso a um dos simulados via direção da escola e estranhou as questões, considerando-as mesmo agressivas e ofensivas a alguns colegas da escola. Foi necessário que o prof. Danilo (coordenador do cursinho e professor da escola regular) fizesse uma reunião com os professores da escola para explicar o mal-entendido.

As diferenças entre os professores do cursinho e da escola se materializam ainda na diferença de idade entre eles. Em geral, os professores do cursinho são mais jovens e são ex-alunos da escola que fizeram ensino superior e se tornaram professores. Estes fatores criaram uma forma de concorrência entre os professores regulares da escola e os professores do cursinho. Como nos relatou o prof. Ricardo Libarino:

-Alguns professores mais antigos não compreenderam nossas brincadeiras e como elas ajudam nas aulas e por terem sempre uma 'desconfiança' de nós por sermos jovens e ex-alunos da escola, não nos aceitam como professores assim como eles. (C.A)(C.Inf)

Algumas características que aparecem no jeito de conduzir a aula com charadas, piadas e analogias (com exceção das referências dos personagens

de HQ), se mostraram muito comuns nos outros 3 professores, além de outras características de suas trajetórias detalhadas adiante.

O número de alunos presentes em 14 de setembro de 2013 nesta sala é de 21 alunos na primeira aula, sendo que 5 chegaram durante as outras aulas. O coordenador do cursinho explicou que em torno de 25% vem de municípios vizinhos ou bairros muito distantes e não conseguem chegar à primeira aula, pela dificuldade de acesso. A escola situa-se no alto de um morro que só é acessível por um ônibus (de intervalos de 25min ou mais) ou fazendo uma caminhada de 30min do centro do município até a escola, subindo a ladeira.

Figura14: Alunos na entrada do cursinho Pré-ETEC. Foto: Eliton Rocha

Boa parte dos alunos não tem dinheiro para pagar o ônibus e moram muito longe. Mesmo com a adaptação de horários que passou de 8h para 9:30, o início das aulas, muitos estudantes não conseguem chegar no horário e isto se manteve até o final do ano letivo do cursinho. Analisando a lista de controle de frequência e matrícula dos alunos, feita no início e decorrer do cursinho, aproximadamente 30% dos alunos gastavam mais que 1h no percurso Casa-Cursinho.

A média de alunos por sala é a mesma e somam 6 turmas ao todo. Ao longo do ano letivo em que observei as aulas do cursinho houve desistências. Entretanto, 62 alunos tiveram uma assiduidade de 100%, mesmo nos feriados e nos dias de chuva, o que entusiasmava os professores participantes do

cursinho, era um argumento utilizado para tentar atrair outros professores ao longo de 2014 e também era um dado utilizado para obter mais respeito dos professores da escola, além de fortalecer os acordos de confiança com a direção.

Estes acordos “não oficiais” que a direção tinha com os “meninos do Pré-ETEC” (como eram chamados pela comunidade escolar) conseguiram garantir que a escola oferecesse também aos sábados a merenda dos alunos, o lanche dos professores e o uso livre de impressoras e de outros materiais didáticos. Garantem ainda o acesso ao prédio da escola livre nos feriados, que também têm aulas.

Na entrada em campo, apesar de ser uma figura que chamava atenção na sala, pela idade, tamanho e aparência, os alunos e os professores tiveram uma boa receptividade da minha presença e da presença dos materiais que eu quase sempre tinha em mãos (caderninho, questionários e gravador). Alguns trunfos me ajudaram nesta receptividade:

1. Ser professor da ETEC. Este fato tornava-me uma figura de desejo de aproximação pelos alunos e professores, já que uns almejavam um dia estudar lá e outros, um dia ser professor lá. Havia ainda a fantasia mantida por muitos alunos de que por ser professor eu saberia todos os caminhos necessários para entrar na ETEC.
2. Ser professor de Filosofia. Esta disciplina é muito respeitada e admirada tanto pelos alunos como pelos professores por ser a matéria que leciona o professor Maurício Vaz, que é o principal referencial do grupo de professores do cursinho e ser muito conhecido entre os alunos também.
3. Ser pesquisador, mestrando da Universidade de São Paulo, já que era a finalidade de quase todos os presentes um dia estudar lá. Além do fato de alguns professores como o Ariel serem da USP, o professor Maurício focalizava quase todos os seus esforços para que seus alunos entrem em universidades públicas, principalmente a USP e a UNICAMP. O valor simbólico destas universidades era muito grande entre os professores.
4. Os professores do cursinho ao me apresentarem nas turmas me pediram para dar uma palestra no dia anterior da prova sobre o condicionamento físico e mental necessário antes de um vestibular.

Ao aceitar este último pedido, surgiu uma relação de troca, como se minha presença desse mais prestígio ao projeto aos olhos da escola e mais mérito perante os alunos. De forma recorrente, os professores e o coordenador compartilhavam suas táticas e experiências comigo como se esperassem dicas, como se eu fizesse parte do grupo, convidando-me para almoçar em suas casas e garantindo minha presença em todas as reuniões do grupo e disponibilizando os recursos que eu precisava. Minha presença no cursinho se manteve nos anos seguintes, 2014 e 2015 em que pude acompanhar melhor o crescimento do projeto e a divulgação dos trabalhos entre os alunos.

O cursinho Pré-ETEC existe desde 2011, sendo que no primeiro ano foi uma iniciativa experimental na procura de saber se havia demanda de público. A iniciativa surgiu a partir de um grupo de estudos de matemática feita por um universitário do programa “Escola da Família” e quando este universitário saiu o professor Danilo Lima, que também era universitário deste programa, resolveu aproveitar este modelo de estudos e criar um grupo próprio para matemática e as demais disciplinas. A partir de sua rede de amigos, resolveu chamar o Ricardo Libarino (estudante de história) e outro estudante que também fazia parte do programa “Escola da Família”.⁵⁹ Segundo Danilo:

[...] no começo a gente tinha aquela ideia fraca de que iria fazer o que a gente pode, mas sem ter a certeza de que daria certo... até o ano passado começava o curso com uma média de 120 alunos e terminava o ano com 10, 8 alunos. Querendo ou não, por mais que eu tenha outra ideia do ‘porquê’ eu estou dando aula, uma outra motivação para estar dando aula aquilo me deixava chateado e me fazia pensar o por que e como melhorar. Já este ano foi tudo muito diferente, porque primeiro que assustou a todos o pré-ETEC com a procura. Esse ano só de inscrições foram 280 alunos, e com tudo isso eu me perguntei: Como vou dar conta de todos eles?” (C.E)

A partir disto ele resolveu procurar todos os seus amigos que estavam na área da educação (em sua grande maioria estudantes), mas, principalmente, procurou aqueles que ele acreditava ter uma perspectiva sobre

⁵⁹ O programa Escola da Família estimula o trabalho voluntário em escolas públicas de São Paulo. O Programa Bolsa-Universidade é parte deste programa e prevê que o estudante que aderir a ele terá 50% do valor da mensalidade da faculdade pago pelo estado e a instituição de ensino completa o restante do valor da mensalidade. A esse respeito, consultar, http://escoladafamilia.fde.sp.gov.br/v2/Subpages/bolsa_universidade.html

o que é um “ser um bom professor” parecida com as perspectivas dele, fato este confirmado posteriormente nas outras entrevistas quando era latente a necessidade dos entrevistados em exaltar a motivação que um bom professor deve ter.

Conseguiram formar uma equipe com: Dois professores de Matemática e de dois História; um professor de Biologia, um de Geografia, um de Física, e duas de Português. Além das visitas esporádicas de outros professores mais antigos da escola para dar aulas extras ou simplesmente como professor substituto. O fato é que ao final do cursinho existia um tipo de lista com mais ou menos 3 professores para cada matéria de pessoas que queriam dar aula no cursinho entre estudantes e professores da escola. O núcleo de professores que se organizaram para tornar o cursinho uma realidade teve o Prof. Danilo Lima como liderança e procurou atrair professores com o mesmo perfil. Atualmente, este grupo de professores tem entre 18 e 21 anos de idade, todos são ex-alunos do Serrano e foram colegas de turma no colegial em 2010.

Curioso para saber como tantos alunos da mesma turma (3°F de 2010) escolheram a licenciatura, e como tantos deles poderiam se enquadrar no perfil de professor que o cursinho buscava, era possível que esta turma fosse a chave para compreender esta “cultura escolar” e a formação em conjunto deste *habitus* escolar compartilhado por estes professores.

Figura15: Senhoras da comunidade que assistem às aulas do cursinho para melhorar sua formação escolar. Foto: Eliton Rocha

3.3 Um longo investimento

Para compreender a emergência do cursinho e a formação desta jovem equipe de professores é preciso voltar à figura do professor Maurício Vaz, de Filosofia, que revelou-se a principal referência de formação e de prática pedagógica destes jovens educadores do cursinho Pré-ETEC.

Nascido em 1980, Maurício chegou a Francisco Morato com apenas um ano de idade, filho de mineiros que vieram trabalhar em São Paulo, o pai como operário qualificado (“soldador de obras”) e a mãe dona de casa, único filho homem do casal que possuía ainda três filhas. Inicialmente morador de uma favela, aos poucos seu pai consegue comprar um terreno e constrói com as próprias mãos a casa para a família. Maurício cresceu em Francisco Morato e estudou nesta mesma escola em que até hoje atua como professor.

Meus pais cobravam muito de mim, que eu estudasse. Meu pai tinha mais claro o que era estudar e minha mãe queria que eu fosse bem na escola, mas também queria que eu fosse trabalhar, então, ela não tinha muito claro qual era a exigência. Meu pai não, ele bateu muito o pé e já projetava como seria o meu futuro. (C.L) (C.E) (Maurício, 35 anos)

Seu pai tentara entrar na Aeronáutica depois de seguir um curso preparatório, mas não conseguiu ser aprovado. Seu maior sonho era que Maurício estudasse e conseguisse entrar na Aeronáutica. Depois de uma tentativa frustrada de passar na prova de cadetes e fazer uma auto-análise sobre a sua má formação no ensino fundamental, descobriu que na igreja católica que sua família frequentava existia uma bolsa de estudos para um seminário em Curitiba, então conseguiu se inscrever pensando principalmente em melhorar sua formação escolar. Maurício optou por fazer filosofia, em princípio, por fazer parte da formação do período de noviciado. Assim voltou para São Paulo após o Ensino Médio para estudar com os Camilianos responsáveis pelo curso em uma faculdade privada, até que mais tarde, percebendo o seu gosto por ensinar e percebendo o seu desejo em ajudar o município em que morou a vida toda, voltou para a escola Geraldi Serrano, agora como professor.

Boa parte deste grupo de professores engajados no cursinho Pré-ETEC foi aluno, durante o seu colegial, do Prof. Maurício que à época desenvolvera um trabalho paralelo às aulas regulares desta escola de preparação para o ingresso em universidades públicas. Renan Damasceno, ex-aluno da escola e professor do cursinho relembra a influência do prof. Maurício, quando em 2010 ele cursava o ensino médio.

Como o foco do Maurício era que os alunos entrassem na universidade pública, ele criou um 'plano de guerra' pra colocar a nossa turma na universidade. E dentro deste plano, um dos trunfos dele foi montar uma sala onde ele escolheu os alunos que tinham o perfil, segundo ele, semelhante. Características e planos semelhantes de prestar o vestibular... não eram os mais estudiosos ou inteligentes, mas o que se esforçavam mais, e assim formou a sala 3°F. Esta sala foi crucificada tanto pela direção da escola quanto pelo corpo docente, por outros alunos... então a minha relação com a escola era muito difícil, mas, isto fortaleceu o vínculo desta turma entre si, com o professor Maurício e com os professores que realmente queriam ensinar. Essa iniciativa valeu muito a pena, pois criou-se um fortalecimento moral e educacional de seus membros muito grande, pois as atividades da turma eram além dos horários de aula...com o N.E.A.F, Núcleo de Estudos Avançados de Filosofia, grupo de estudos criado pelo prof. Maurício e que no terceiro ano teve foco voltado para o vestibular. Nos Sábados de manhã criamos um grupo de estudos para o vestibular e nos Domingos tínhamos o NEAF, e nas férias tínhamos um tipo de congresso que montávamos, que na verdade era mais uma desculpa para estudarmos nas férias. (CE+CA)

Ao buscar compreender melhor como o Prof. Maurício logrou formar esta turma, descobrimos que durante o planejamento do ano letivo de 2010 os professores da escola, como de costume, podiam remanejar as listas de alunos a fim de compor turmas homogêneas, no mais das vezes, esta estratégia tão antiga quanto os sistemas de ensino, visava agrupar em uma mesma turma os “alunos problema”.

O professor Maurício Vaz queria fazer o contrário, gostaria de provar que estudando sério, com disciplina e confiança era possível transpor as barreiras escolares e simbólicas que separam os alunos das escolas públicas comuns das universidades públicas. “Provar que, com iniciativa em grupo, as coisas funcionariam mesmo na escola estadual” (Prof. Maurício, 35). Buscando fortalecer este seu projeto, criou uma série de iniciativas. À época, a escola só aceitou estas propostas sob a condição dele se responsabilizar por quaisquer problemas futuros.

Estas iniciativas se deram por algumas vias:

1. A criação de uma sala de alunos com a disposição para incorporar um “*habitus* educacional universitário”, o “estudo sério” e ter como objetivo ingressar em uma boa universidade.
2. Criar uma rede de estudos compartilhados.
3. Desenvolver um vínculo afetivo entre os alunos.
4. Fortalecer o hábito do saber e da leitura.
5. Servir como modelo para a comunidade escolar para se estimular uma cultura “acadêmica” ainda no Ensino Médio.
6. Criar uma autonomia de estudo nos alunos.

Este projeto, segundo o professor, foi adotado muito antes de 2010. Para atingir estas metas, além de selecionar os estudantes com características semelhantes, Maurício procurou criar entre eles laços de amizade e afeto, incentivando um convívio maior além da sala de aula, que envolvia grupos de estudos nos finais de semana, o que também auxiliava no hábito do estudo.

Com a finalidade de desmistificar a ideia da impossibilidade de se entrar na universidade pública que os estudantes tinham como certo, Maurício decidiu ele mesmo prestar a FUVEST (2009) a fim de cursar novamente o curso de Filosofia, feito anteriormente em uma faculdade privada. Como professor de filosofia na escola e estudante da USP, frequentemente, ele levava seus próprios alunos para assistir aulas na USP.

Paralelamente, com o auxílio de alguns professores, conseguiu bolsas de estudos no cursinho pré-vestibular da Poli (Lapa) para 30% de sua turma da escola regular, sob o acordo de que todo o conhecimento adquirido no cursinho durante a semana deveria ser compartilhado com os demais alunos da escola, durante os finais de semana. Disponibilizou parte de suas aulas semanalmente para que cada aluno fizesse sentado em sua própria mesa a leitura de um livro (escolha livre dos alunos) com o objetivo de criar o hábito da leitura e fazê-los ler, pelo menos, um livro por semana durante um ano e de forma gradual.

Pouco a pouco estas iniciativas fortaleceram o vínculo de um grupo de alunos em torno deste projeto e fortaleceu uma forma particular de pensar e agir com bases no *habitus* do professor Maurício.

Durante as entrevistas com o grupo de professores do cursinho Pré-ETEC todos demonstraram, em algum momento de suas trajetórias, que o plano inicial era ser professor como ele. Em alguns momentos isto aparecia de maneira mais explícita com expressões como:

“- Eu via o Maurício dando aula e pensava, eu quero ser como este cara” (Renan Damasceno)

“- Quando eu comecei a ter as aulas de Filosofia com o Maurício eu entendi que queria ser professor” (Ricardo Libarino)

“- Eu queria dar aula como ele” (Danilo Lima)

“- Sempre que tinha dúvidas sobre uma decisão muito importante eu falava com o Maurício”. (Renan Damasceno)

Vê-se, assim, que estabeleceu-se uma relação de “transferência” entre os alunos e o professor, o que possibilitou uma incorporação mais “visceral” desse desejo pelo *habitus* acadêmico. Isto também explica o vínculo destes jovens professores entre si, não só pelo convívio cotidiano e pelo projeto que partilham, mas pelas vias do afeto e do compromisso político com a educação escolar, com a valorização do capital simbólico que ela pode representar. Entre uma aula e outra é comum emergirem discursos relacionados ao estabelecimento de uma cultura do estudo como libertação e emancipação de uma condição social difícil.

A equipe que levou a cabo a idéia do cursinho Pré-Etec teve início com a chegada de Danilo (22 anos), coordenador do cursinho. O Prof. Danilo é ex-aluno do Prof. Maurício e, ingressou em uma faculdade privada para fazer Matemática. Graças ao Projeto Família na Escola que prevê bolsa de 50% aos estudantes universitários de faculdades privadas em troca do trabalho em escolas estaduais. Danilo estudava Matemática em uma faculdade privada e chegou à escola trazendo consigo seus sonhos de uma escola emancipadora:

[...] a escola que eu desejo é uma ‘ Escola da Liberdade’, o Pré-ETEC ainda não chegou nisso, pois há o direcionamento das disciplinas, mas a escola que eu penso e quero que o Pré-ETEC chegue é que um dia ele não precise existir mais. Ele foi feito na minha ideia, e amadurecido hoje, com a finalidade de

dar um pontapé nestes jovens para eles entenderem que o estudar por conta própria é mais importante do que qualquer coisa. É claro que precisamos de um professor explicando, mesmo como uma figura de suporte e de provocação, mas que ele, mesmo assim, compreenda que estudando por conta própria o Pré-ETEC não precise mais existir...eles precisam entender que o estudar por conta própria a partir do que eles aprendem na escola durante a semana já é o suficiente para que eles consigam passar em qualquer prova. (C.L)(C.E)

Podemos ver neste depoimento os traços e os indícios do *habitus* do “3°F”, a turma criada pelo prof. Maurício, que inclui a necessidade do ensino para além do conteúdo, da matéria e a criação de uma disciplina de estudo. Para ajudá-lo, Danilo convidou

Ariel Velardo, estudante de Física na USP;

Renan Damasceno, estudante de Ciências e Biologia pela UNIFESP;

Ricardo Libarino, inicialmente estudante de História pela FACCAMP e posteriormente pela UNIFESP;

Artur Santos, estudante de Geografia pela USP;

Denis Souza, estudante de Filosofia pela UNIFAI;

Dionatas Silva, estudante de Matemática pela USP;

Érica Ferreira Oliveira, estudante de Química pela USP;

Janaina Ribeiro, estudante de Filosofia pela USP;

Luana Micaelly, estudante de Geografia pela UNIBAN;

Marta Silva Souza, estudante de Letras pela UNIFESP;

Nicolas Libarino, Estudande de Engenharia Mecânica pela UMC;

Pamela Carla, estudante de Ciências Sociais pela USP;

Rafael Pompeo, estudante de Filosofia pela UNIFESP;

Renan Santos, estudante de Matemática pela FACAMP;

Ruan Lima, estudante de Física pela USP;

Rúbia Polido, estudante de Geografia pela USP;

Vanessa Branco, estudante de Letras pela PUC-SP⁶⁰.

O interesse destes jovens por iniciativas como o cursinho está relacionada também ao fato de que, por meio dele, eles se reúnem para estudar para ensinar, criam grupos de estudo e um círculo de professores que

⁶⁰ Dos 17 professores do cursinho mencionados, 14 foram alunos do Maurício na escola Geraldi Serrano e somente 3 deles participavam do projeto Escola da Família.

possuem uma identidade em comum. Com o cursinho Pré-ETEC eles encontraram um meio de continuar com esta forma de estudo e como uma forma de “libertar” os seus desejos enquanto professores, exatamente como foi feito com eles.

Durante as entrevistas e as conversas informais com os demais professores a ideia de dar aula no Pré-ETEC era encarada como uma questão de validação de suas competências como educador, uma vez que a iniciativa, por ser voluntária para a maioria deles, tinha um grande mérito aos seus olhos e dos estudantes, resultando na aquisição de capital simbólico e de capital moral na escola. Isso também pôde ser confirmado pelos questionários, uma vez que muitos alunos apresentavam em suas respostas uma valorização de iniciativas voluntárias de cunho social e quando perguntados sobre os professores e matérias escolares com maior “simpatia” o nome dos professores do cursinho eram predominantes em comparação aos demais professores.

As características dos professores do Pré-ETEC exaltadas pelos alunos (principalmente do quarteto entrevistado) se enquadravam também nas características positivas da escola e do que os alunos gostavam na escola, como “o envolvimento próximo que alguns professores mantêm com os alunos”, “as aulas que buscavam referências de exemplos de acordo com os referencias dos alunos”, “a disposição de atender aos alunos para tirar dúvidas em qualquer horário”.

A iniciativa também servia para os “meninos do Pré-ETEC” como uma forma de ganhar respeito perante a direção e dos professores mais antigos da escola, como uma forma de transformar a denominação de “ex-aluno” em “professor”, uma espécie de rito de iniciação.

De maneira breve, vale citar que a comunidade docente do Serrano era classificada por este grupo de professores em duas partes distintas: os professores amigos do Maurício, que em geral eram professores que apoiavam as iniciativas dele ou dos professores do cursinho, classificados nas entrevistas como os professores que queriam mudar o sistema da escolar. Tratavam e chamavam estes jovens educadores de “professor”, o que carregava uma grande carga simbólica, pois, para estes jovens recém saídos do ensino médio e universitários, essa denominação simbolizava o reconhecimento, aceitação e

igualdade. Eles são chamados pelo Prof. Maurício e pelos professores que partilham de sua visão de educação na escola de os “meninos do Pré-ETEC”.

Por outro lado, há também os professores chamados pelos “meninos do Pré-Etec” como os “Antigos do Serrano”, mais velhos, “conservadores” e que segundo eles, buscam estagnar e restringir o trabalho escolar à mera burocracia. Segundo as entrevistas:

[...] Estes professores fingem que dão aula para alunos que fingem aprender, sentam em suas mesas e pedem para os alunos copiarem a apostila sem nem olharem ou explicarem o que há lá. (C.A) (C.Inf) (Ricardo Libarino)⁶¹

Em geral estes professores não gostavam do professor Maurício, principalmente, pelas inevitáveis comparações que os alunos faziam entre eles e sempre se referiam aos professores do Pré-ETEC como “ex-alunos que estão dando aula” e isto se dava também pela aproximação e ideais compartilhados que eles tinham com seu professor referencial.

Podemos dizer que obviamente o *habitus* destes educadores do cursinho tem diversas origens como a família, o contexto social e a vida escolar, porém, podemos também afirmar que o referencial de *habitus* dominante nas iniciativas e trajetória destes jovens e que a construção do seu “arquetipo de professor” remonta a inserção profunda dentro de um grupo de vínculo muito estreito e com um referencial de capital cultural muito bem determinado e muito particular, mas principalmente reforçado pelo êxito social que ele trouxe dentro de um contexto escolar muito carente de meios de ascensão.

As iniciativas de muitos professores têm finalidades para uma ação social e política, tendo o espaço da escola como ferramenta e isso os configura como agentes engajados no jogo escolar. Para estes jovens, não se trata de divulgação panfletária partidária no espaço escolar, mas de uma transformação social por meio do meio escolar e, principalmente, das mudanças de expectativas de transformação social dos alunos.

⁶¹Esta frase apareceu em 3 das quatro entrevistas, sendo que na entrevista do Renan ele fez questão de exaltar que o que aprendeu com estes professores era ver “o tipo de professor que eu não queria ser” (C.L)

Uma boa analogia para elucidar o que queremos dizer neste trabalho com o conceito de “professor engajado” é a apresentação de uma das frentes de surgimento dos Estudos Culturais. À semelhança do que notamos na história dos Estudos Culturais, tal como a descreve Maria Elisa Cevalco (2003)

4.1 O espírito transformador da WEA e os professores engajados do Ensino Médio Público

Na Inglaterra do pós-guerra (Segunda Guerra Mundial) surgiu a WEA (Worker's Educational Association) como um empreendimento marginalizado do formato e da institucionalização tradicional acadêmica a partir de uma necessidade de intervenção política diretamente nas camadas populares, de forma que a educação fosse mais democrática justamente para aqueles que estavam socialmente privados da oportunidade de ter uma educação formal. Nesta instituição de esquerda, o foco principal era a educação de trabalhadores.

Este empreendimento teve, entre seus percussores e professores, nomes fundamentais para os estudos culturais como E. P. Thompson, R. Williams e R. Hoggart que acreditavam no caráter de intervenção social que uma instituição dessas poderia ter, ou como nas palavras de Cevalco (2003, p62). “ensinar nesse tipo de instituição era mais uma intervenção política do que uma profissão”. O objetivo fundamentalmente político desta instituição nas iniciativas de seus professores era criar um pensar e agir num modelo de educação que pudesse germinar uma mudança social que fosse estabelecida pelo povo, e não como uma incorporação de um modelo estabelecido de cima para baixo:

A WEA procurava construir uma nova consciência social e uma nova civilização que incluísse a classe trabalhadora como um todo. Parte importante dessa iniciativa era pensar que uma nova sociedade só podia ser criada de baixo para cima, e a educação era a ocasião de troca entre intelectuais e trabalhadores, cada um educando o outro, na medida em que os professores tinham de se esforçar para explicar suas disciplinas em

termos que fossem entendidos por pessoas comuns e pudessem ser utilizados em movimentos reais. (Cevasco p 62.)

O objetivo de intervenção social da WEA era o estabelecimento de uma educação que fosse acima de tudo, a matriz para o estabelecimento de uma espécie de cultura em comum entre os trabalhadores e educadores, em contraposição a uma cultura estabelecida por uma elite inglesa.

Os objetivos se mesclavam entre uma formação crítica, politizada, democrática e que buscasse afugentar os fantasmas do Totalitarismo que rondavam a Europa da pós Segunda Guerra Mundial. Em contrapartida das políticas absolutistas dos Nazi/Fascistas, em que a cultura e a educação eram estabelecidas por imposição do topo da hierarquia social, neste projeto, o objetivo era a possibilidade de uma construção cultural e educacional vinda da base desta pirâmide social e, acima de tudo, criar uma consciência de classe para estes trabalhadores, pensamento este fortemente ligado as propostas dos *neomarxistas* da época, mas desconectado da ideologia esquerdista do bloco soviético.

Neste meio educacional, a ação dos educadores está intimamente conectada com o contexto cultural e social de seus alunos, proporcionando a possibilidade dos docentes conhecerem a dinâmica sociocultural dos trabalhadores, proporcionando a eles a percepção do que era relevante nos seus métodos e conteúdos para aquele público, e que neste formato democrático expandia as possibilidades de uma educação democrática.

Portanto, esse caráter fundamentalmente experimental, com finalidades de transformação social de “baixo para cima”, politizado, baseado em uma cultura compartilhada entre o educador e o educando, com vias da construção de um conhecimento democrático, foi fundamental para a consolidação dos Estudos Culturais e para marcar esta disciplina como não sendo somente uma disciplina acadêmica.

Apesar da crise do ambiente escolar nas escolas públicas de ensino médio brasileiras, das relações da sociedade com a escola, da própria carreira do magistério e, fundamentalmente, da violência no ambiente escolar, é possível encontrar professores que desenvolveram um projeto político de educação. Seus trunfos adquirem valor simbólico para os educandos e suas

estratégias no campo escolar vão ganhando legitimidade no jogo professor/aluno e dentro dos seus objetivos enquanto educador.

Nas escolas públicas do Ensino médio, este tipo de educador é cada vez mais raro, porém, analisando com cuidado, podemos encontrá-los. Conseguindo estabelecer esta proximidade com o educando, o campo de comunicação e significação entre o docente e o discente se fortalece, abrindo a possibilidade de uma maior efetivação do processo de aprendizagem, da incorporação do capital simbólico difundido pelo educador dentro da relação professor/aluno, além da incorporação e criação de uma cultura em comum próxima dos valores escolares ou do que se pode chamar de “cultura escolar”¹.

Além disso, dentro da categoria deste tipo de professor, é possível encontrar sujeitos que tenham em seus objetivos profissionais como educador, atitudes e perspectivas para suas intervenções, ideias próximas, ou no mínimo, análogas às propostas do modelo educacional da WEA e de seus educadores, na medida em que acreditam e buscam uma transformação sociocultural nos moldes enfatizados por esta instituição de esquerda, que foi uma das matrizes dos estudos culturais.

Maria Elisa Cevalco (2003), em sua obra: *Dez lições sobre os estudos culturais* apontava para o surgimento de pensadores brasileiros com tendências e pesquisas condizentes com as propostas básicas dos estudos de cultura, assim como o proposto, inicialmente, pelos pensadores ingleses, mas também de uma forma genuinamente brasileira. É interessante perceber estas raízes nas práticas de sujeitos que estão “marginalizados” da atuação nos grandes centros acadêmicos, ou, pelo menos, com o foco ideologicamente voltado para uma ação “de baixo para cima”, num estilo análogo ao da WEA, pois, mesmo com a chamada “Expansão universitária” no Brasil, a grande camada de trabalhadores e futuros trabalhadores ainda está concentrada no Ensino médio das escolas públicas ou com este nível de ensino. Logo, podemos considerar como análoga a ação política e sociocultural dos professores da WEA com os interesses, objetivos e ideologias de muitos professores do Ensino médio público.

Este tipo de envolvimento é reconhecido como uma forma de engajamento. A noção de engajamento que muitas vezes é encarado como um posicionamento partidário, ganha outra configuração em seu surgimento e que

particularmente é a configuração que desejamos compreender aqui. O conceito surge no contexto da ocupação nazista na França, na primeira metade do século XX, mas ganha força principalmente no pós guerra na literatura e na filosofia.

Jean Paul Sartre (1940), maior expoente da filosofia francesa neste período e grande escritor literário, tem grande expressividade na discussão acerca deste conceito “*engagement*”, e a partir de suas noções vamos traçar nosso paralelo de entendimento.

O emprego do conceito se faz principalmente nas discussões acerca do papel do escritor neste período, mais especificamente na obra *O que é literatura?* que seu sentido aparece mais expressivamente. Nesta obra Sartre (1940) parte de uma crítica aos escritores surrealistas e poetas, pois estes, em seu objetivo de fazer a “arte pela arte”, encaram as palavras como coisas (vazias de consequências) e perdem a dimensão dialética e transformadora que as artes literárias podem proporcionar como um “mecanismo de ação”. Segundo (Figurelli, 1987, p12.) na introdução da revista:

de Les Temps Modernes, o leitor encontra uma tomada de posição em prol da literatura engajada. ‘O escritor está em situação em sua época: cada palavra tem ressonâncias’. E acrescenta: ‘Cada silêncio também’. Não importa se a época é boa ou má. Importa que o escritor não perca a oportunidade — ‘sa chance unique’ — de combater apaixonadamente pela sua época. Para Sartre, a literatura só se justifica se tiver uma função social.

A Crítica de Sartre tem como alvo a postura de escritores contemporâneos que defendiam uma forma de expressão alheia do seu contexto histórico e alheia de uma “responsabilidade com o que foi escrito”. A questão do *engajamento* neste sentido está ligada a uma forma de postura ética perante a ação, uma responsabilidade e compromisso com cada palavra dita e não dita. O escritor engajado não pode abrir mão de usar sua ferramenta de ação como uma expressão de seu *ethos* intelectual e moral. Entende-se aqui *ethos intelectual e moral* como categorias que subsistem à natureza da conduta ou ação humana adquirida em determinado campo histórico.

O engajamento, portanto, trata-se de um tipo de postura de compromisso de ação voltada para uma mudança social, a partir da criação de uma autonomia por meio de uma relação entre o escritor como um agente provocador de um despertar para a liberdade, e do leitor em se deixar afetar por esta leitura, na medida em que o ato de ler é um ato livre, prosseguir a obra implica em desejar continuar com a relação autor/leitor.

A relação necessária entre o engajamento professoral seja a *autoria artística*, pensada sobre o ato criativo da aula, ou *autoria técnica*, no ato de ensinar sistematicamente, requer um labor livre e consciente para além da obviedade, além de si mesmo e além do imediato. Na perspectiva macro, o campo escolar em que se configura dialeticamente a relação professor/aluno, revela e sofre a fragilidade: da falta de recursos internos e externos atrelados a investimentos públicos; da dificuldade na execução de uma política contínua, homogênea e eficaz; nos impactos sociais relacionados à crise política causadores da violência estrutural e sistêmica. Tais fragilidades apontadas reforçam a motivação imediatista como um fazer simplesmente funcional protocolar. Segue uma citação da concepção de engajamento entendida pelo professor Cássio Eduardo⁶² que ratifica tal concepção:

Eu já larguei escolas porque eu só conseguia dar aula. Eu posso ter um câncer se eu ficar mais de 5 ou 10 anos em uma escola que eu só possa dar aula. Isso pra mim é um pesadelo homérico (...) pra mim o bom professor é aquele que percebe que o aluno precisa muito mais que a aula dele. O bom professor é o professor engajado, e não aquele que só dá conteúdo. Conteúdo você têm na internet ou numa mesa de bar falando sobre Freud ou Marx(...)o professor tem que ajudar o aluno a despertar a curiosidade(...)o professor bom é aquele que ajuda o aluno a encarar a dor do existir, a perceber que ninguém é mais responsável pelo fracasso e sucesso dele do que ele mesmo. (C.L)

Com isso, podemos entender esse conceito de maneira análoga pensando na ação professoral ligada à intenção social partida de um tipo de posicionamento, de um *ethos* engajado com o trabalho. É a tentativa de não separação dos posicionamentos existenciais da postura profissional. Esse

⁶² Professor da ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar.

posicionamento fica muito claro nas entrevistas com estes professores que entendemos como “engajados”.

Durante uma das reuniões dos professores do cursinho pré- ETEC, sobre suas estratégias de ação, em muitas falas, principalmente dos professores de Biologia e Física, era evidente a preocupação que o conteúdo de suas disciplinas não deveria ser essencialmente técnico, mas que pudessem fazer parte do contexto dos alunos e contribuísse em servir também como uma postura de encarar o conhecimento como libertador de uma condição social. Como disse o professor Renan Damasceno, em uma das entrevistas feitas, no acompanhamento do cursinho:

Para os professores de humanas é mais fácil trazer uma postura ética dentro do próprio contexto da aula, para nós das exatas fica mais difícil a provocação de um posicionamento, isso acaba aparecendo nas entrelinhas no convívio com os alunos...o meu desafio é adaptar meu conhecimento técnico para uma provocação social que gere no aluno uma paixão pelo saber e pela transformação... (C.A)

Esta mentalidade em relação à intenção de desenvolver nos alunos uma autonomia intelectual e uma emancipação pelas vias da educação é o principal ponto focal de semelhança entre a postura dos professores do cursinho e da ETEC.

4.2 Os professores da ETEC

Durante muito tempo me questionei sobre *quais seriam as implicações práticas e reais desta maneira engajada de encarar o magistério? Será que realmente estes professores tinham esta consciência de intervenção social? Qual era o real peso deste perfil de professor no processo de formação dos indivíduos? Qual era a consequência deste tipo de formação nas trajetórias e estratégias educativas dos alunos e nos seus projetos de vida?*

O fato de eu acreditar ser claro na minha trajetória a relevância dos meus professores não me dava clareza conceitual se isto se aplicava em meus alunos e meus colegas de trabalho, e se isto era realmente claro comigo ou uma impressão.

Assim, no cursinho acompanhei de perto o trabalho dos professores da ETEC com o foco em alguns indivíduos que correspondiam mais a este perfil de professor, em geral, mais influentes entre os alunos. O critério para saber quais professores exerciam de maneira mais profunda influência nesta cultura escolar, usei como ponto de partida as respostas dos questionários, principalmente as respostas sobre gostos por disciplinas, relação com professores, escolhas de carreiras⁶³ e as conversas informais com os alunos e com os próprios professores. Em um segundo momento, a partir destas referências a ação voltou-se em conhecer melhor estes sujeitos, suas motivações, trajetórias e suas perspectivas sobre a escola e o seu papel como educador.

Os professores entrevistados da ETEC possuem visões similares em muitos pontos, e a conversão destes pontos em suas ações repercutem diretamente no seu relacionamento com os alunos. Nos questionários dos alunos, muitos deles, ao citarem o que mais gostam na escola, falaram destes professores, e principalmente seu relacionamento com eles. Trata-se de uma aproximação com os alunos e seu universo cultural.

Esta aproximação dos professores é fundada na sua visão sobre a escola e seu papel na instituição. Em suas trajetórias podemos ver o papel que as escolas tiveram e o reflexo deste papel em suas formas de encarar o magistério. O Professor Cássio Eduardo, em sua trajetória alegou que a escola em que estudou não era um local interessante, por não apresentar grandes desafios em sua adolescência. Entretanto, ele sentia que aquele espaço poderia ter um papel mais incisivo em sua vida. Por outro lado, relatou que a sua relação com seus professores era bem intensa e isto se reflete ainda na relação com as escolas que leciona. Sua “angústia” (como ele mesmo enfatizou) é em conseguir fazer o espaço escolar ter um forte significado para seus alunos e seu papel neste meio é de gerar a possibilidade de fazer os alunos tomarem para si a responsabilidade sobre suas próprias vias.

A escola, sobretudo, trabalha com a formação do caráter do aluno naquilo que ele deseja ser na vida. O meu papel como

⁶³ Em muitos casos a relação com os professores se mostrou decisiva na escolha das carreiras profissionais de muitos alunos.

professor não é aliviar a dor dele, e sim intensificar a responsabilidade dele segurar o rojão de suas escolhas. (C.A)

Fica claro uma tendência de sua trajetória escolar e visão de mundo sobre o processo escolar refletido na sua atitude enquanto educador e sua forma de encarar os alunos.

A professora Maria Cristina, por sua vivência na juventude enquanto militante de grupos estudantis de esquerda relatou em sua entrevista que, inicialmente, como a carreira do magistério derivava de sua carreira de militante política, via os alunos como potenciais militantes. Por mais que esta postura, segundo ela, tenha mudado, algumas experiências da militância permanecem vivas na sua prática pedagógica. Como ela deixa claro na entrevista, “a rigidez que tive nos tempos de militância, moldaram minha rigidez na cobrança de responsabilidade dos alunos” (C.A) (C.Inf). Apesar da postura de “professora brava”, as relações com os alunos são estreitas e o trabalho intenso juntamente com a cobrança exercida. Por mais que muitos alunos se incomodem em muitos momentos, eles reconhecem a sua importância no processo de formação e de aquisição de maior maturidade intelectual.

O professor coordenador Marcelo Gomes por ser o filho mais velho dentre 4 irmãos, teve que começar a trabalhar muito cedo, adiando durante alguns anos seu desejo de entrar no Ensino Superior. Seu objetivo enquanto professor se baseia na sua experiência das dificuldades enfrentadas nestas circunstâncias citadas, buscando dar prioridade para desenvolver nos alunos, desde cedo, a chance de entrar em uma grande universidade, antes de assumir as responsabilidades da vida adulta. Enquanto coordenador busca o contato constante com os pais para estimulá-los a garantir a exclusividade de tempo dos filhos para o estudo e o compromisso com a escola.

O professor Diogo Borreio tem um histórico semelhante ao do professor Marcelo, passando por muitas dificuldades financeiras em sua família abandonou a escola muito cedo para trabalhar, voltando posteriormente depois de adulto para concluir os estudos no EJA (Educação de Jovens e Adultos). No EJA desenvolveu uma relação muito próxima com seus professores e por isso resolveu continuar os estudos e, mais tarde, seguir a carreira do magistério. Enquanto professor acredita na mudança de perspectiva social que a escola

pode proporcionar e usa sua trajetória como referência para motivar suas intenções pedagógicas:

[...] Eu fiquei muito tempo sem estudar e pela minha experiência de vida eu sei o valor que os estudos têm, então na sala de aula eu sinto que posso ensinar e usar a minha experiência de vida para motivar os alunos (C.A)(C.E)

Para figurar melhor as similaridades e diferenças entre os docentes entrevistados para esta pesquisa, segue um quadro abaixo sobre os professores da ETEC e do cursinho.

Quadro 9 – Comparativo entre os professores, Idade, Tempo de magistério, formação e visão sobre o papel da escola

Nome	Idade	Tempo de magistério	Formação Trajetória acadêmica	Visão sobre o papel da escola (magistério)
Danilo Pré-ETEC	22	2 anos	Escola pública regular; Matemática – FIG; Pós graduação Matemática - UFSJ	A escola tem um papel social e os professores são o alicerce que dá vida para esta função. A escola publica tem o papel de mostrar possibilidades de melhora de vida para os alunos.
Ariel Pré-ETEC	20	2 anos	Escola pública regular; Técnico em informática- ETEC; Física- USP	A escola é um espaço onde deve preparar os jovens para a vida e para a universidade. A escola deve ser o fundamento da formação
Renan Pré-ETEC	22	2 anos	Escola pública regular; Biologia- UNIFESP	A escola pública deve ajudar aos alunos a conhecer suas vocações e suas possibilidades de crescimento
Maurício Geraldi Serrano	35	15 anos	Escola pública regular; escola de padres; Enfermagem- CUSC; Filosofia - UNIFAI; Filosofia- USP	O papel da escola e fazer o aluno criar autonomia para a plena realização da sua liberdade no meio social, para que seja um sujeito mais completo e consciente de si e das potencialidades que sua vida pode ter.
Maria ETEC	45	15 anos	Escola pública regular; História- USP, Mestrando em História PUC	A escola era entendida como um lugar de potenciais militantes políticos. Um espaço de desvelar as ideologias dominantes para a consciência de uma classe.

Marcelo ETEC	36	9 anos	Estou em escolas públicas; Técnico em mecânica; Geografia USP	A Escola deve proporcionar a autonomia dos sujeitos e preparar os alunos para uma formação mais completa com vias para o vestibular e a escolha profissional dos alunos
Diogo ETEC	40	22 anos	Supletivo em escola pública; Ciências Físicas e biológicas- PUC; Matemática- PUC; Pós Filosofia e pedagogia- PUC; Mestrando em Matemática- PUC	O papel da escola e do professor é poder ajudar o aluno a se formar cidadão e conseguir ter uma boa formação para a vida adulta. A escola deve ser um meio de dar suporte para o aluno se emancipar socialmente.
Cássio ETEC	31	8 anos	Escola Pública regular; Filosofia – UNIFAI	A escola trabalha com a formação do caráter do aluno naquilo que ele deseja ser na vida. Seu papel principal é despertar a autonomia e a responsabilidade do aluno sobre suas próprias escolhas.

Pela tabela, percebemos que todos os professores entrevistados, tanto do Pré-ETEC e da ETEC, estudaram em escolas públicas, muitos deles, em uma instituição de ensino superior pública. Este movimento de ascensão pelas vias escolares em suas trajetórias está estreitamente ligado com a perspectiva que eles têm sobre o papel do espaço escolar e do magistério, relacionado com a ideia de ascensão social, crescimento pessoal, maturidade e uma educação para a liberdade.

Tanto no cursinho quanto na ETEC estes aspectos, citados acima, estão presentes na relação dos professores com sua função e com seus alunos, mesmo não havendo uma relação direta entre estes dois grupos de educadores, em suas iniciativas.

Para concretizar de maneira sintética a mentalidade destes educadores com suas atividades profissionais, cabe a citação do professor Cássio,

[...] a gente trabalha muito mais de graça do que recebendo, passamos muitas vezes o dia inteiro na escola, o dia inteiro com os alunos. Um dia desses eu fui dormir de madrugada porque os alunos estavam com dificuldade em um questionário sobre uma dinâmica que eles iriam fazer, então eu passei a noite explicando Hobbes e Rousseau para esses alunos pela internet e aí eu disse: O tesão que eu sinto em estar meia noite respondendo sobre Hobbes e Rousseau ou qualquer outro teórico com estes alunos é maior do que o que eu sinto pelo

dinheiro que eu ganho por estar em sala de aula dando aula para 40 alunos que podem não ver sentido em Hobbes e Rousseau.(...) nosso trabalho vai muito além da sala de aula é isso que me motiva á ser professor. (C.L)(C.A)(Cássio Eduardo)

Esta perspectiva, apontada pelo professor neste depoimento, é uma síntese das características em comum entre estes professores, o prazer pelo aprendizado alheio, uma intensa vontade de ver um crescimento intelectual em seus alunos e uma transposição do seu trabalho para além das salas de aula.

Estes professores do cursinho e da ETEC possuem uma mesma mentalidade em relação à educação, decorrente de uma mesma trajetória social de ascensão, partindo de famílias sem condições de arcar com os custos de uma escola e universidade particular. Buscam uma relação estreita com o universo educacional e cultural de seus alunos e estabelecem uma relação de responsabilidade pelo ensino como uma forma de gratidão por aqueles que despertaram o seu desejo pelos estudos.

A escola tem que fazer o papel de mudar a história dos alunos.
(Diogo)(C.L)(C.E)

Considerações Finais

O bom professor é aquele que consegue perceber o que o aluno tem de melhor e investir nas potencialidades de cada aluno, respeitando seus limites. (Marcelo)(C.L)(C.E)

Pra mim o salário resultado de uma má formação para os meus alunos é um dinheiro sujo. (Cássio Eduardo)(C.L)(C.E)

O retrato geral preocupante do ensino médio público no Brasil levanta vários questionamentos sobre o entendimento dos problemas desta estrutura e, em muitos momentos, a culpa recai sobre o desinteresse dos alunos e dos professores, da falta de estrutura física, dos salários dos docentes, das famílias desarticuladas e tantos problemas que podemos encontrar nas mais diversas pesquisas.

Este panorama problemático da educação nunca pode ser entendido como um problema de uma face só, no qual um pequeno ajuste legal ou institucional possa dar conta de solucionar, como o debate sobre o Ensino médio integral e os cursos técnicos, escolas de ciclo único, aumento de aulas de Matemática e Língua portuguesa. As dinâmicas das culturas escolares são muito complexas e sem um acompanhamento minucioso, a implantação de qualquer estratégia para a sua melhoria fica comprometida antes mesmo de sair do papel.

Esta pesquisa buscou apresentar alguns pontos das relações de uma cultura escolar específica como a ETEC de Franco da Rocha em relação ao cursinho Pré-ETEC, que pode ser usada para expandir pesquisas e discussões posteriores sobre espaços de dinâmicas similares ou análogos. Alguns pontos, apresentados aqui, podem servir de pistas para tendências e referências de mudanças de concepções.

O primeiro ponto a ser enfatizado, por esta pesquisa, é uma reflexão sobre os pré-julgamentos feitos acerca do magistério público, em que, muitas vezes, os discursos são encaminhados para uma total falta de interesse de professores e alunos, acerca da educação. Pelo que foi apresentado neste estudo, torna-se evidente que qualquer generalização a este respeito é

incoerente, visto o grande envolvimento engajado dos sujeitos desta pesquisa. Procuramos, ainda, examinar as evidências passíveis de serem identificadas entre as experiências educativas dos professores e sua prática e engajamento no magistério. Mesmo se considerarmos as limitações da pesquisa, acreditamos ter trazido elementos importantes para confirmar esta hipótese.

Um segundo ponto a ser enfatizado é a crescente procura de alunos de escolas públicas e privadas para as ETEC's de excelência e escolas do mesmo gênero, podendo representar uma tendência em regiões onde estas escolas se relacionam, apontando também uma mobilidade de alunos tendo como referência a qualidade escolar.

Outro ponto destacado é a valorização e reconhecimento de escolas públicas bem estruturadas e iniciativas de professores engajados, apresentando as consequências em diversos aspectos dos investimentos feitos por estes dois aspectos cruciais da educação de qualidade. Neste trabalho, uma pista central é a consequência de criação e demanda dos cursinhos Pré-ETEC, também, uma necessidade cada vez mais precoce de estratégias de preparação dos jovens para exames de seleção como os vestibulares ou vestibulinhos.

Tanto a criação dos cursinhos para a entrada nestas escolas, como o reflexo destas iniciativas nos alunos, nas escolas públicas e particulares, exigem atenção e o olhar de futuras pesquisas, uma vez que a proposta desta dissertação era explorar e apresentar este universo presente nas culturas escolares em uma periferia da região metropolitana de São Paulo.

Por fim, as iniciativas de engajamento remontam as influências e a historicidade dos indivíduos, alunos e professores, fortalecendo os vínculos que criam os trunfos destes espaços escolares.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

ALMEIDA, A. M. F. *As escolas dos dirigentes paulistas: ensino médio, vestibular, desigualdade social*. Belo Horizonte, 2009.

BEAUD, S.; PIALOUX, M. *Retorno à condição operária*. Investigações em fábricas da Peugeot na França. São Paulo, Boitempo, 2009.

BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007

_____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *Coisas Ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.

BRASIL, *As Desigualdades na Escolarização no Brasil: Relatório de observação nº 5*. Brasília: Presidência da República, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES, 2014, p. 60. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/development/wp-content/uploads/2014/11/CDES_Relat%C3%B3rio_de_Observa%C3%A7%C3%A3o_5_2014.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2014.

CAMELO, R. *A educação privada em São Paulo: expansão e perspectivas*. 1ª Análise Seade, nº 19. São Paulo : Out. 2014. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2014/11/primeira_analise_n19pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2014.

CASTRO, M. H. G.; TORRES, H. G.; FRANÇA, D. *Os Jovens e o gargalo do Ensino Médio no Brasil*. 1ª Análise Seade, nº 5. São Paulo: Ago. 2013. Disponível em:

<https://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2014/06/Primeira_Analise_n5_a_gosto_2013.pdf>. Acesso em: 25 de Maio de 2014.

CEVASCO, M. E. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

COSTA, G. L. M. *O ensino médio no Brasil: desafios à matrícula e ao trabalho do docente*. R. bras. Est. pedag., Brasília, v. 94, n. 236, p. 185-210, jan./abr. 2013. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbeped/v94n236/10.pdf>>. Acesso em: 27 de Maio de 2014.

COSTA, C. M. O. *Sucesso escolar de jovens egressos da escola pública: do ensino médio para o superior*. Dissertação de Mestrado. Educação: História, Política. Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

DUBET, F. *Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor*. Entrevista cedida à ENGUITA, M. F. *A face oculta da escola. Educação e trabalho no capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DURKHEIM, E. 1973. *Da divisão do trabalho social*, São Paulo, Editora Abril.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-57.

FERNANDES, L. L. *O intelectual engajado no pós-guerra: o debate de Sartre e Camus em Les Temps Modernes*. In: *XIII Encontro Estadual de História do Ceará*, 2012, Sobral.

FRAGO, A. V; ESCOLANO, A. *Currículo, Espaço e Subjetividade: A Arquitetura como programa*. Rio de Janeiro, Editora DP & A. 1998, p. 152.

FIGURELLI, R. Sartre e a literatura engajada. Revista Letras, [S.l.], v. 36, out. 2010. ISSN 2236-0999. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/letras/article/view/19255>>. Acesso em: 13 Jan. 2015.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2005. _____ . *Vigiar e punir. história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

FRIGOTO, G. *Concepções e mudanças no mundo do trabalho e o ensino médio*.

FRIGOTTO, G., CIAVATTA, M.; RAMOS, M. *Ensino Médio Integrado: Concepção contradições*. São Paulo, editora Cortez, 2005. Disponível em: <<http://www.unesco.org.uy/educacion/fileadmin/templates/educacion/archivos/Documento%20Concepciones%20Port.pdf>>. Acesso em: 4 de Julho de 2015.

INSTITUTO UNIBANCO. *Como aumentar a audiência no Ensino Médio?* Coletânea de artigos produzidos para o seminário realizado em 25 e 26 de novembro de 2010 – São Paulo. Disponível em: <http://www.institutounibanco.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/como_aumentar_a_audiencia_no_ensino_medio.pdf>. Acesso em: 4 de Julho de 2015.

INSTITUTO UNIBANCO. Seminário: *A crise de audiência no Ensino Médio*. 2ª edição|dezembro/2011. Disponível em: <
http://www.institutounibanco.org.br/wpcontent/uploads/2013/07/revista_a_crise_do_ensino_medio.pdf>. Acesso em: 4 de Julho de 2015.

JULIÁ, D. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação. São Paulo 2001, p. 9-44.

KRAWCZYK, N. *Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil hoje*. V.41 N.144 SET./DEZ. 2011. Disponível em: <
<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>>. Acesso em: 23 de Abril de 2015.

MARCO, O.; E. P. *Les classes moyennes ET La ségrégation urbaine*. DeBoeckUniversité | Education et sociétés no 14– 2004/2, p. 135-153.

MARQUES, E. P.; PELICIONI, M. C. F.; PEREIRA, I. M. T. B. *Educação Pública: falta de prioridade do poder público ou desinteresse da sociedade?*. Rev. bras. crescimento desenvolv. hum., São Paulo , v. 17, n. 3, dez. 2007. Disponível em: <
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-128220070003000003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 de Abril de 2015.

MAQUIAVEL, N. *O Príncipe*. 1ª ed. SP: Abril, 1973. col. Os Pensadores.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*. Disponível em: <
http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20514:consulta-publica-ao-relatorio-educacao-para-todos-no-brasil-2000-2015&catid=454&Itemid=86>. Acesso em 23 de maio de 2015.

PALMER, B.D.; E. P. *Thompson: objeções e oposições*, Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1996.

PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. Espaço Aberto, nº 5 e nº 6, 1997.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S.; MARCON, H. S. *Distinções nos grupos populares e oferta escolar em São Paulo*. Revue Brésil(s), 2015.

PEROSA, G., LEBARON, F., LEITE, C. *O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo*. Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 27, 2015, p. 77-97

PEROSA, G. S. ; COSTA, TALINE DE LIMA E . *Uma democratização relativa? Um estudo sobre o caso da expansão da Unifesp*. Educação e sociedade, v. 36, 2015, p. 117-137.

PETRUCI, M. G. R. M. *CEFAM - Uma proposta de formação e aperfeiçoamento de professores para o 1º grau. Paidéia (Ribeirão Preto)* [online]. 1994, n.6, pp. 9-25. ISSN 0103-863X.

Radar Seade: uma visão das estatísticas de São Paulo em alguns segundos. São Paulo – Seade, nº 1, Maio/2015. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/produtos/midia/radar/radar_seade_n1.pdf>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática / organização Jose Clovis de Azevedo, Jonas; Tarcísio Reis. — 1. Ed. — São Paulo: Fundação Santillana, 2013. Disponível em: <http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_reestruturacao_ensino_medio.pdf>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

SANTOS, B. S. *A Gramática do tempo: para uma nova cultura política*. São Paulo, Cortez, 2006.

SARTRE, Jean Paul. *L'imaginaire*. Paris, Gallimard, 1940.

_____. *Situations*, II. Paris, Gallimard, 1948.

SILVA, L. D. *Engajamento e Projeto: a dupla raiz de uma possível ética da liberdade*. Revista Estudos Filosóficos , v. 1, p. 1-15, 2014.

SOUZA, L. A.; GARNICA, A. V. M.. *Formação de professores de matemática: um estudo sobre a influência da formação pedagógica prévia em um curso de licenciatura*. Ciênc. educ. (Bauru)[online]. 2004, vol.10, n.1, pp. 23-39. ISSN 1980-850X.

SOUZA, R. F. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890 – 1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Prismas)

TOMIZAKI, K. *Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista com Bernard Pudal*. Pro-Posições [online]. 2009, vol.20, n.2, pp. 129-138. ISSN 0103-7307.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Abandono da escola é mais preocupante no ensino médio e na educação de jovens e adultos*. Disponível

em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/005102.shtml>>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

VIAMONTE, P. F. V. S. *Ensino profissionalizante e ensino médio: novas análises a partir da LDB 9394/96*. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 1, p. 28-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/67/47>>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

VIDAL, D. G. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIEIRA, A. M. *A arquitetura no espaço-tempo escolar*. Olhares & Trilhas (UFU), Uberlândia, v. 4, p. 43-54, 2003.

VINCENT, G.; LAHIRE, B; THIN, D. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. Educação em Revista. Belo Horizonte- 33, jun.2001, p. 7- 48.

WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, São Paulo, Martin Claret. 2001.

OUTRAS REFERÊNCIAS DA INTERNET

Ranking IDHM Municípios 2010. In Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013. (Com dados dos Censos 1991, 2000 e 2010.) Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/ranking-idhm-municipios-2010.aspx>>.

Acesso em 10 dez 2013

Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 dez 2013

Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2009/07/8964/comment-page-1>>. Acesso em 10 dez 2013.

ANEXO 1

(Questionário de amostra aplicado nos alunos do Pré-ETEC)

1) Indique no quadro abaixo qual foi a sua escolaridade: (estabelecimentos e séries):

	Nome da escola (ou das escolas) que você passou nestas séries.	Cidade e Bairro	Pública ou Particular
Creche			
Educação Infantil			
Ensino Fundamental I (de 1ª a 4ª série)			
Ensino Fundamental II (de 5ª a 8ª série)			

Sobre você:

- a) Qual é a sua cor? () Parda (o) () Negra (o) () Branca (o) () Indígena () Amarela
- b) Qual é o seu sexo? () Feminino () Masculino
- c) Quantos anos você tem? _____

2) No quadro abaixo indique com um X no espaço correspondente, quais são os esportes que você pratica, onde e com quem.

	Na escola	Na rua ou praça, quadra,	No CEU ou em um clube	Com os amigos da escola	Com vizinhos, primos

		campinho	(especifique)		
Futebol					
Skate					
Basquete					
Vôlei					
Handebol					
<i>Parkour</i>					
Ciclismo					
Capoeira					
Dança					
Natação					
Tênis de mesa					
Rugby					
Outros. Quais?					

3) Quais são os jogos que você possui/joga?

	Informe o nome do jogo	Durante quanto tempo?
Vídeo Games		
Jogos de computador		
Jogos de baralho (Ex: Truco, UNO)		
Jogos de tabuleiro (Ex: Banco Imobiliário, Monopoly, Perfil, Detetive)		
Quebra cabeça		
Damas/Xadrez		
Nenhum		

Outros		
--------	--	--

4) Você já foi de férias para outro estado do Brasil? Sim () Não

Se sim:

a) Informe qual(is) _____

b) Se você já foi, indique:

c) Fui visitar minha família

() Não, fui para visitar minha família

5) Indique se você tem (ou já teve) aulas de:

	Com um professor particular	Com alguém da família (indique quem)	Centro de Ensino Público	Centro de Ensino Particular
Aula de reforço				
Aulas de preparação para o trabalho				
Línguas (Ex: Inglês, Espanhol)				
Informática				
Música/Instrumentos				
Desenho ou pintura				

Capoeira				
Danças em geral				
Nenhum				
Outros. Quais?				
Lutas orientais (judô, karatê, etc)				

6) Você está inscrito em uma biblioteca de empréstimo de livros?

Sim () Não ()

Se sim indique com um (x) os tipos de biblioteca:

() Biblioteca Pública

() Biblioteca da Escola

() Ambas

7) Você gosta de ler?

() nunca

() de vez em quando

() sempre

8) Marque com um X o que você gosta de ler:

() Histórias de amor

() Histórias de aventura

() Histórias de suspense

() Histórias de terror

() Livros de séries (Ex.: Harry Potter, Percy Jackson, O Diário da Princesa, etc.)

() Livros da minha igreja

() A Bíblia

() Gibis Quais.....

() Revistas Quais?

() Somente os indicados pela escola

9) Quantos livros você leu no mês passado? _____

Cite o nome dos livros que gostou, por favor.

10) Você lê jornal? () Nunca () Raramente () Regularmente

Se você lê jornal, informe o título. _____

11) Você possui em casa (marque quantas alternativas forem necessárias):

() uma mesa para fazer meus deveres () um quarto para mim () um computador

() Vídeo-game () Máquina fotográfica () Celular () Ipod () Bicicleta

() Skate () uma TV para mim () Outros.....

12) Marque quais os tipos de músicas que você mais gosta:

	Cite o nome de cantores e bandas preferidos
Funk	
Rap	
Rock nacional	
Música eletrônica	
Rock Internacional	
MPB	
Pagode	

Samba	
Sertanejo	
Reggae	
Forró	
Música pop	
Música clássica	
Jazz/Blues	
Outros	

15)Onde você escuta música?

() Na escola () No trem () No ônibus () Em casa () No carro () Na rua () a todo momento com fone de ouvido

16) Você gosta de assistir filmes? Se sim, escreva ao lado do tipo de filme que você gosta alguns exemplos de filmes que gostou.

	Dê um exemplo
Musicais	
Comédia	
Terror	
Documentários	
Aventura	
Ação	
Animação/Desenhos	
Romance	
Drama/Suspense	
Ficção Científica	
Biográficos	
Outros	

17)Onde você assiste?

	De vez em quando	Sempre	Nunca
Na TV aberta (Globo, SBT, Record, etc.)			
Na TV paga (NET, SKY, etc.)			
No DVD da minha casa			
Na casa de amigos/parentes			
No cinema			

18) Você assiste televisão? () Sim () Não

19) Se você assiste TV: Até que horas em geral

() Todos os dias _____ horas

() Apenas alguns dias _____ horas

() De vez em quando _____ horas

20) Indique numerando por ordem de preferência (1,2,3) os três tipos de programa que você prefere:

() Jornal/Notícias () Futebol () Novela () Programas de auditório () Filmes () desenhos animados

() Outros.....

21) Você já foi ao cinema? () sim () não

22) Se sim, em geral, você vai:

() Sozinho () Com os amigos () Em família () Namorada(o)

23) Aqui vai uma série de associações para jovens, indique se você frequenta (já frequentou) ou não, escrevendo na linha correspondente o nome da associação.

Nome da instituição ou associação	
Igreja	
Torcida organizada	
Partido político (seção jovem)	
Grupo de jovens	
Banda ou grupo musical	
CEUs	
SESC	
Parques e praças	
Outras associações	

24) Segue uma lista de diferentes espetáculos e atividades culturais, as quais você pode assistir ou participar no CEU (ou centro cultural) . Para cada uma indique se você gostaria que ela fosse mais, menos ou já é o suficiente:

	Menos	Mais	Suficiente	Precise o nome e o tipo
Peças de teatro				
Shows				

Aulas de dança de rua				
Programa de Iniciação Artística				
Filmes no cinema				
Aulas de Ballet				
Aulas de violão				
Aulas de capoeira				
Aulas de Tae Kwon Do				
Exposições de pintura				
Dança do ventre				
Exposições de fotografia				
Ateliê de fotografia				
Atividades circenses				
Desfile de carnaval				
Competições esportivas				
Oficina de desenho				
Aulas de Teatro				
Aulas de Hip hop				
Festas e comemorações				
Coral				
Eventos Populares				
Apresentação de dança				
Concertos de música sinfônica				
Passeios				
Palestras				
Debates				

25)Além destas atividades, quais você gostaria de ver se desenvolver na sua Cidade?

26)O que você faz nas suas férias escolares?

	Sim	Não	Em família	Com amigos
Fico descansando em casa				
Saio para passear				
Vou à casa dos meus amigos ou parentes				
Jogo futebol ou vou ao parque				
Vou ao shopping				

Vou ao cinema, à shows, teatros e museus				
Viajo				
Faço trabalhos temporários (bicos)				

27) Durante as aulas, você:

	Sim	Não	Em família	Com amigos	Precise o nome e o endereço
Faz trabalhos temporários (bicos)					
Vou ao teatro					
Vou ao campo de futebol					
Vou ao shopping					
Outras manifestações culturais					
Outras manifestações esportivas					

28) Seus pais te dão dinheiro? () Sim () Não Se sim:

a) Com que frequência?

() Regularmente (por semana ou por mês) Em torno de quanto? R\$ ____

() Quando você pede

b) Quando foi a última vez? _____ Em torno de quanto? R\$ ____

29) Você utiliza esse dinheiro para:

() Saídas e passeios () Revistas e jornais () Livros () Coisas pessoais (Ex. Roupas)

() Material para escola () Presentes

30) Você guarda dinheiro?

() Sim, regularmente (um pouco todos os meses, ou todas as semanas)

() Sim, de vez em quando

() Sim, as vezes, para comprar algo específico ou um presente

() Não

31) Em sua opinião a partir de que idade um adolescente pode sair à noite sem adultos, se for:

a) Menino

() 11 anos () 12 () 13 () 14 () 15 () 16 () 17 () 18 () acima dos 18

b) Menina

() 11 anos () 12 () 13 () 14 () 15 () 16 () 17 () 18 () acima dos 18

32) Qual profissão você gostaria de exercer mais tarde?

33) Você consegue imaginar o que você estará fazendo daqui a cinco anos?

34) Você já teve algum tipo de emprego remunerado ou trabalhou com alguém da família de forma não remunerada?

Sim () Não ()

Se sim, informe em qual trabalho?

35) Você gostaria de votar? () sim () não

Por quê? _____

Se você pudesse votar, em teria votado prefeito de SP?

36) Você tem religião? () Sim () Não

Se sim, qual?

37) Você pretende se casar? () Sim () Não

38) Qual a idade que você acha que:

a) Um menino deve se casar: _____

b) Uma menina deve se casar: _____

39) Você gostaria de se casar na igreja? _____

Você e sua escola (meio escolar em geral incluindo o cursinho)

40) Você poderia dizer se, sobre cada um dos pontos seguintes, se você acha satisfatório ou não (indique porque) as condições reais na sua escola:

	Sim	Não	Por que?
O tratamento dos professores com os alunos			
Quantidade de aulas dadas			
As refeições			
O horário			
A biblioteca			
A sala de informática			
As atividades esportivas			
O conteúdo aprendido na escola			
Estrutura física da escola			
Relações entre alunos das diferentes séries			
As lições feitas em sala de aula			
A preparação para as provas			
A ordem e a disciplina			

Outros: _____

41) Aqui tem uma lista de exercícios praticados pela escola. Indique para cada uma se você os faz, e se você desejaria fazer mais ou menos:

	Você Faz		Você gostaria	
	Sim	Não	Mais	Menos
Exercícios de matemática				
Redação				
Trabalho em grupo				
Debates				
Leitura em voz alta				
Leitura silenciosa				
Lição de casa				
Experiências (Atividades Práticas)				
Provas				
Chamada oral				
Trabalhos de arte				
Ver filmes				

42) Você pode dizer qual é a situação escolar dos seus cinco melhores amigos, coloque um X em cada coluna na frente da resposta:

	1º amigo	2º amigo	3ºamigo	4º amigo	5º amigo
Aluno da mesma classe que você					
Aluno de outra classe da mesma escola que você (indique a serie)					
Aluno de outra escola					
Aluno de escola técnica					
Aluno de ensino médio					
Aluno de uma escola primária					
Já trabalha					

43)Você já repetiu de ano? () sim () não

Se você já repetiu. Em qual, ou em quais séries e quantas vezes?_____

44)Porque você estuda nesta escola?

45)Você gosta da sua escola? () sim () não () mais ou menos

46)Escreva nas duas colunas abaixo o que você gosta e o que você não gosta.

O que você gosta	O que você não gosta

--	--

47)Quais são os defeitos que te parecem mais graves em uma pessoa, enumere por ordem de importância, atribuindo 1 para o defeito mais grave: Ser preguiçoso

- () Ser esquecido
- () Não ser inteligente
- () Ser mal-educado
- () Ser irresponsável
- () Ser mentiroso
- () Ser metido
- () Outros.....

48)Em sua opinião é preciso punir ou não, nos casos seguintes e, se você achar que é preciso punir, como? Enumere: de 1 a 4 (punição leve), de 5 a 7 (punição média) e de 8 a 10 (punição severa).

- () Um aluno que sempre chega atrasado ; () Um aluno que é grosseiro com o professor; () Um aluno que não entende a lição e tem notas ruins; () Um aluno que não faz as lições; () Um aluno que se recusa a participar da aula () Um aluno que se recusa a ajudar o amigo nas lições; () Um aluno que ouve música alta na Escola; () Um aluno que bate nos outros colegas; () Um aluno que incomode os colegas e os professores durante as aulas

49)Aponte as diferenças entre a sua escola e a escola que você gostaria de estudar:

50)Quais são as melhores escolas da Região (Caieiras, Franco da Rocha, Mairiporã, Francisco Morato) na sua opinião?

51)Quais são as três matérias que você tem mais facilidade?

52)Quais são as três matérias que você tem mais dificuldade?

53)Você acha que as notas que você tem nessas disciplinas são justas? Por quê?

54)Fora os períodos de aula, quantas horas por dia você estuda?

55)Você faz os deveres de casa dados pelos professores?

() Raramente; () Todos os dias; () Algumas vezes por semana; () Somente quando preciso de nota; ()Somente das disciplinas que gosto

56)Indique quais os professores que você mais gosta e por quê?

57)Você saberia indicar os motivos pelos quais você estuda nesta escola?

A) Indicação de amigos

B) Indicação de parentes

C) Indicação dos pais

D) Por ser a mais próxima de casa

E) Pela qualidade da escola

F) Outros: _____

Sobre o Pré-ETEC e as ETEC's

58)Como Ficou sabendo do cursinho Pré-ETEC?

() Um amigo da escola me disse ; () Fiquei sabendo pelo FACEBOOK; () Meu professor me disse; () Um familiar da minha casa me disse; () Outro: _____

59)Já fez algum outro tipo de cursinho pré-vestibulinho (vestibular)?

() Não () Sim, aqui na escola () Sim, em outra escola () Sim, cursinho particular

60)Você considera que quanto tempo de cursinho seria necessário pra você conseguir passar BEM na prova da ETEC.

- () Menos de 5 Sábados
- () Entre 1 e 2 meses
- () Entre 3 e 5 meses
- () Mais de 5 meses
- () O tempo que temos já é o suficiente
- () O tempo de todo o cursinho foi pouco, precisaria de mais
- () Teria que ser _____ meses de cursinho para eu me sentir preparado.

61) Para qual ETEC você irá prestar o Vestibulinho?

- () ETEC de Francisco Morato
- () ETEC de Franco da Rocha
- () ETEC de Campo Limpo Paulista
- () ETEC de Jundiaí
- () ETEC _____.
- () Não vou prestar o Vestibulinho, estou fazendo o cursinho para: _____.

62) Em qual ETEC você mais gostaria de estudar? Por quê?

63) Qual curso você deseja fazer na ETEC?

- () Ensino Médio
- () Outro. Qual? _____.
- () Nenhum.

Obs.: Questões **64** e **65** só precisam ser respondidas pra quem respondeu **ENSINO MÉDIO** na **questão 63**.

64) Por quais motivos você quer fazer o ENSINO MÉDIO na ETEC? Escreva Abaixo os motivos principais na ordem de importância:

Motivos
1°
2°
3°
4°
5°
6°
7°
8°

65) Quais pessoas você acha que foram mais influentes na sua escolha de querer entrar na ETEC? Por quê?

66) Cite algumas aulas que foram marcantes pra você no pré-ETEC?

67) Que tipo de ações você acha que deve ter mais no cursinho? Ou deveria ter?

68) Quais suas expectativas para realizar depois do Ensino Médio?

Você e sua família

69) Em qual bairro você mora? _____

70) Você tem irmãos? () Sim () Não

Se sim, aponte o sexo e a idade de cada um (caso você tenha mais que 5 irmãos, utilize o espaço em branco para colocar informações deles:

IRMÃO 1: _____

IRMÃO 2: _____

IRMÃO 3: _____

IRMÃO 4: _____

IRMÃO 5: _____

71) Qual é a profissão do seu pai, seja preciso, por exemplo: vendedor de uma loja grande (ponha o nome da loja ou explique loja do quê, de carros, de alimentos, de roupas, etc.), pedreiro por conta própria, secretário administrativo do metrô, operário qualificado na FIAT, diretor comercial de uma empresa de roupas, em caso de aposentadoria ou de morte, indique a última profissão exercida. _____

72) Qual é a profissão da sua mãe, seja preciso, como na questão anterior _____

73) Quem mora na sua casa?

74) Você ajuda sua família? Sim () Não ()

Se sim, informe como, por favor. _____

75) Você saberia dizer qual é a renda da sua família?

() Até 1,5 salário mínimo (= R\$ 900)

() Entre 1,5 e 3 salários mínimos (= entre R\$ 900 e R\$ 1800)

() Entre 3 e 6 salários mínimos (= entre R\$ 1800 e R\$ 3600)

() Mais de 6 salários mínimos (= mais de R\$ 3600)

76) A sua casa é: () Alugada () Própria – Autoconstrução () Própria – Comprou pronta

77) Qual o nível de escolaridade dos seus pais:

Pai	Mãe	Escolaridade	Público	Particular
		Nenhuma		
		Até a 4ª série do Ensino Fundamental		
		Até a 8ª série do Ensino Fundamental		
		Até o Ensino Médio		
		Ensino Técnico		
		Até a faculdade		
		Até a pós-graduação		

78) Acrescente no local certo:

No próximo ano você pretende:

() estar cursando a primeira série do Ensino Médio na minha escola e em período diurno

() estar cursando o EM na minha escola no período noturno

() Cursar o EM de manhã na ETEC e depois entrar no curso técnico em outro turno.

() trabalhar de dia e estudar à noite.

() Cursar o EM de manhã na ETEC e deixar o restante do dia livre para estudar e fazer outras coisas.

() Coloque outra alternativa, caso estas não correspondam ao seu caso.

ANEXO 2

(Roteiro guia para entrevista com os professores)

Sobre a trajetória no espaço educacional:

Qual foi a trajetória escolar?

Qual o motivo da “escolha” da instituição de ensino?

Qual o motivo da escolha do magistério?

O que é ser um professor pra você? Qual é o seu papel? E qual o alcance de influencia que você imagina que o professor tem em seus alunos?

Quais as figuras de influência na escolha da carreira profissional?

Qual a relação manteve com a escola durante a formação?

Qual a relação tinha com os professores da escola durante a formação (os professores de “contatos positivos” e “relações conflituosas”)

Quais dos melhores amigos eram da mesma escola ou mesma turma?

Qual a visão que tem sobre “ser um bom professor” e qual a visão que se tem sobre os seus professores.

Como era a relação entre os alunos fora do ambiente escolar e quais suas atividades em grupo?

O que você acha que ficou em seu jeito como professor que você pode dizer que foi resultado da influência de sua formação no Ensino Médio? *O que ficou do Ensino Médio?*

Qual é a relação da família com os professores mais próximos do Ensino Médio *ou a visão que eles tinham sobre a aproximação e influência dele em você?*

Como foi a mudança no processo de entrada na universidade e na mudança de ambiente.

Quais as noções que existiam sobre a vida universitária e sobre o egresso na instituição de ensino superior. *E quais existem atualmente?*

Como se construiu a visão sobre “a entrada na universidade” e as “ascensões” que ela pode oferecer e seu conhecimento sobre as possibilidades no espaço universitário (bolsas, convênios e etc.)

Quais as projeções de futuro *no âmbito acadêmico e de vida* e como educador.

Quais as relações mantem com a antiga escola durante a formação universitária?

Qual é a visão dos pais sobre sua escolha acadêmica ;*existe estímulo, reprovação ou indiferença por parte deles?*

Sobre a trajetória escolar e de vida dos pais e avós:

Qual é o nível educacional dos pais

Qual é a origem (geográfica) da família e os motivos da migração

Qual é o nível de aproximação com os avós e qual influência estes exercem?

Qual a ocupação de origem dos avós e a ocupação após a migração

Quais as condições econômicas e sociais de antes e depois

Como os pais se conheceram

Ocupação dos pais (antes e depois da migração)

Renda familiar e condições financeiras em geral

Quais as orientações e práticas religiosas da família e individual?

Quais as pessoas mais influentes da família em sua formação? E qual sua relação com elas?

Fora da Escola

Quais suas atividades de lazer?

Quais Estados conhece e quais as motivações da viagem? (família, turismo, trabalho...)

Quais cursos você fez além dos limites escolares e acadêmicos

Qual o motivo de escolha desse (s) cursos(s)

Frequenta bibliotecas

Qual o gosto literário? E por quê?

Media mensal ou anual de leitura?

Hábitos e gostos ligados a TV

Cinema; *gostos e gêneros musicais.*

Música; *gostos e gêneros musicais, hábitos e locais de ouvir*

Instituições e locais de frequência: clube, igreja, academia, teatro; *e quais tipos de atividades gostaria que tivesse mais na cidade*

O que você gosta de fazer durante as férias?

Você faz ou tem algum planejamento econômico?

Qual é a motivação que você tem em lecionar no cursinho “Pré-ETEC”?

***Perguntas extras:**

Qual pergunta gostaria que eu tivesse feito e eu não fiz?

Qual pergunta eu fiz e você não gostou de responder?

*Estas questões extras são com o objetivo de perceber o que mais que o entrevistado ficou com vontade de dizer sobre si mesmo e que pode ser um elemento importante no entendimento de suas motivações, e para saber quais (ou qual) questão pode ter lhe deixado constrangido de responder.

ANEXO 3

(Entrevista com um professor relacionado ao cursinho⁶⁴)

Entrevista com o Mauricio, 25 Janeiro de 2015. Realizada na casa dele em Francisco Morato.

Bem, então Mauricio, primeira coisa, vou pedir para que você se apresente e fale um pouco sobre... é engraçado

Eu lembrei daquela cena do Incrível Hulk e do homem de ferro, começa com o Homem de ferro contando toda a história, tudo começou em nova York... Vai lá Hulk pode continuar.(risos)

É esquisito, por isso eu queria que a minha orientadora fizesse a entrevista com você, porque é muito esquisito eu te entrevistar né? Mas ta bom.

Também é esquisito você me entrevistar, você já sabe tudo porque você tem que me perguntar? Bem...eu tenho 35 anos de idade...

Você pode começar falando sobre sua história, da sua família, da onde você veio.

Tudo começou quando eu tinha 6 anos de idade, você devia ter feito essa entrevista há uns 10 anos, a história ia ser mais curta.

Nasci em São Paulo, mas vim para Francisco Morato com 1 ano de idade. Nasci, a minha família morava em uma favela conhecida como favela da Pedreira, não sei se na época tinha outro nome, ai passou um ano meu pai conseguiu comprar um terreno aqui em Morato e a gente veio pra cá, para o bairro mais longe que tinha, que você já foi lá para ver. Eu tenho 3 irmãs, cresci com meu pai minha mãe e minhas 3 irmãs, meus parentes são todos de Minas e aqui em Morato só estava a gente.

Você é o mais velho?

⁶⁴ Apresento neste anexo uma entrevista como exemplo de aplicação de roteiro. A singularidade dos entrevistados e o clima das entrevistas sempre criam caminhos diversos na conversa. O crucial é buscar conhecer os professores, suas trajetórias, "*habitus de educador*" e as motivações que previmos no roteiro.

Eu sou o terceiro, eu tenho 2 irmãs mais velhas e uma caçula, todos professores, elas todas fizeram faculdade de filosofia depois de mim, porque queriam um emprego.

Qual é a relação que você tinha com sua família?

Começo falando sobre dos pais, no que diz respeito ao conhecimento? Meus pais cobravam muito de mim que eu estudasse, mas meu pai tinha mais claro o que era estudar, minha mãe queria que eu fosse bem na escola mas ao mesmo tempo quando eu cheguei na oitava série ela também queria que eu fosse trabalhar, então ela não tinha muito claro qual era a exigência. Meu pai não, ele bateu muito o pé e já projetava como seria meu futuro, ele queria que eu fosse piloto da aeronáutica, então como ele tinha tentado ser e não tinha conseguido ele sabia que ia ser muito difícil, aí cobrava muito de mim e eu cheguei a fazer as provas pra entrar na academia da força aérea, que foi a minha primeira ambição.

Mas qual foi a formação do seu pai e da sua mãe?

Meu pai terminou o básico e minha mãe não terminou a quarta série lá nos anos 50, lá em Minas na roça. Meu pai era soldador, a vida inteira ele trabalhou na construção civil e lá na construção civil ele aprendeu realmente a profissão. Minha mãe sempre ficou dentro de casa com a gente, muito trabalhadora, a gente criava porco, criava galinha, plantava roça, cuidava de pato, porque era um bairro, Morato era muito pouco ocupado na época, eu não sei se essas coisas eu já te contei.

Não.

Então eu cuidava dos porcos, cuidava da galinha, meu pai construiu praticamente a casa inteira com a minha ajuda, eu era pequenininho e a gente fazia a casa, porque a gente não tinha dinheiro pra pagar o pedreiro então a casa ficou toda torta, porque era ele que fazia, eu e ele fazíamos. Ele trazia restos das construções onde ele ia e com os restos a gente ia fazendo a casa. A casa tinha cara de casa normal não era tipo um barracão, você foi lá, antes da reforma você foi, tinha cara de casa, mas tipo as madeiras pra poder fazer as vigas ele trazia tudo, então várias vezes eu virei madrugada com ele

carregando madeira pra poder colocar na casinha. A gente morava tipo em uma fazendinha mesmo, porque tinha uma casa de madeiras enorme, tinha uma casa de ferros, tinha uma horta gigantesca na minha casa, então, a gente não tinha grana, mas a gente tinha muitas coisas, por exemplo: a gente sempre matava porco então sempre tinha carne lá em casa, sempre tinha a roça da onde a gente estava colhendo alguma coisa, batata doce, abóbora, feijão, milho, os meus pais eram muito articulados. Depois a gente fez amizade com o bairro inteiro e eu buscava lavagem em todas as casas, para servir para os porcos, minha mãe fazia eu lavar o chiqueiro dos porcos todos os dias, eram minhas tarefas diárias, buscar lavagem, lavar o chiqueiro, dar comida para os porcos, dar comida para as galinhas, cuidar da roça, consertar a cerca, porque os porcos sempre comiam a cerca, fazer massa pra tampar os buracos do chão que os chiqueiros abriam, daí limpava a casa, daí estudava e ia pra escola, foi assim até o final da oitava série.

Você estudou onde?

No bairro Jardim mesmo, na época a escola chamava Bairro Jardim, o mesmo nome do bairro, não era batizada. E aí na oitava série foi quando eu comecei a estudar para fazer as provas pra academia da força aérea e meus professores eram muito ruins, eu levava equação de segundo grau pra escola pra me ajudarem a resolver e eles não conseguiam me ajudar a resolver, aí eu achei que era ruim porque era uma escola de bairro, daí eu resolvi vir pro centro, foi quando eu vim pro Belém da Serra que era pior ainda porque eu fui estudar a noite.

Na época tinha reprovação, daí eu tinha 13 anos e fui pra oitava série a noite. Porque era onde eu consegui vaga, na época não tinha muito lugar com vaga ainda, nós estamos falando de 1993, não tinha muita vaga em escolas pra cá. E eu fui a noite, tinha uma galera de 17 anos todo mundo fumava e tinha umas meninas muito mais velhas e eu fiquei muito deslocado, eu estudei em uma escola que tinha 3 salas de aula e fui pro Belém da Serra que era aqui no centro, e tinha lixão do lado da sala de aula, mas eu era arrogante e não quis voltar pra trás quis ficar lá porque eu não ia dar o braço a torcer nem a pau porque eu tinha feito uma péssima escolha, sofri pra caramba. Porque eu

estudava a tarde e ai estudar a noite não dava mais pra assistir Doug Funny, eu assistia todas as noites Doug Funny. Ai quando terminou, Morato antigamente só tinha 3 escolas com ensino médio, é uma outra era né cara, tipo idade média de Morato, eu nasci na pré-história da cidade. Ai no sorteio, dizem que tinha sorteio eu nunca soube se era sorteio mesmo, fui parar na escola mais longe de todas, tinha o Doutor Morato e o Celestina, que eram mais ou menos aqui no centro.

Doutor Morato é aquela pracinha velha ali. É o coreto, é ali, que era a escola onde o Miguel dava aula já nesse ano. Ai no tal do sorteio, eu fui o único do Belém da Serra e do Bairro Jardim que eram as únicas turmas que eu conhecia, a parar lá no Geraldi, em 1995. Nisso eu fiz a prova para o colégio naval.

Nossa, então você atravessava Morato, porque da sua casa pro Geraldi é longe.

Não tinha asfalto na cidade inteira, então, eu cortava o cabelo a cada 4 meses porque eu não tinha grana, ai eu descia em um poeirão enorme, o cabelão ficava todo grandão tipo BlackPower, só que na verdade Yellow Power né, porque ficava amarelo por causa da poeira. Enfim. Ai fui pro Geraldi. No Geraldi a escola era ruim demais também e eu continuei estudando por conta, nessa época eu fiz a prova para o colégio naval, que para a minha idade era a única coisa que tinha, não era academia da força aérea ainda, era o colégio naval. Eu fiz 20 questões de matemática, chutei as 20 eu não sabia nenhuma e eu tinha estudado, tinha estudado só que não tinha rendido. Daí eu fiquei desesperado achei que não ia dar em nada minha vida, um baita conflito. Apareceu na época a chance de eu ir para um seminário lá em Curitiba, eu soube que esse seminário era na verdade um colégio interno que tinha também a função de seminário, ai eu menti pra todo mundo que eu queria ser padre e deixaram que eu fosse, lá a gente estudava pra caraca.

Quem te falou desse seminário?

Um dia eu fui pra igreja, lá no Bairro jardim, a gente sempre foi muito católico, eu nem queria ir na verdade aquele dia, porque eu tinha perdido

naquele dia na escola de 17 a 3 no futebol de salão, cheguei em casa muito triste, foi no mesmo final de semana que o Ayrton Senna morreu, eu estava abatido porque o Ayrton Senna tinha morrido e não queria ir pra igreja, daí a minha mãe falou pra mim assim: “porque você está deitado ainda?” Tinha um sofázinho velho na sala e eu estava deitado, “você não vai pra igreja?” ai eu falei pra ela assim: “ah hoje eu não vou não” ai ela disse: “O que?”, “acho que eu já estou indo, vou tomar banho e vou” ai eu fui não prestei atenção em nada da missa, ai quando chegou no final o padre que estava lá, só tinha ido lá porque o irmão dele morava lá no bairro, ai ele foi visitar o irmão e fez a celebração, mas eu não prestei atenção em nada, mas no final tem aqueles recados e no final ele falou que ele representava os São Camilianos, eu nem sabia que existia o hospital São Camilo, faculdade São Camilo, nem nada, a frase dele eu lembro inteira, que ele representava os Camilianos, e que tinha um colégio lá em Curitiba e tinha outro em Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, onde meninos podiam estudar e se tivesse alguém interessado era só falar com ele. Porque os meninos eram muito puxados, estudavam 10 horas por dia mas era um bom colégio, ele só falou isso, eu falei assim: “eu quero ir pra esse lugar, um lugar que estuda 10 horas por dia, eu quero estudar velho” porque eu tinha ido muito mal na prova do colégio naval ai pedi pra minha mãe e pedi para o meu pai e eles não levaram muito a fé que eu ia, porque tipo, eu era um pirralho, daí eu falei com o padre, levei o padre lá em casa ele perguntou se eu queria mesmo ir e eu disse que sim, ai fui pra Santa Catarina fiz um encontro, pra mim eu ia na hora, ai ele disse não você tem que passar por um ano de experiências pra saber se você aguenta mesmo ficar fora de casa, ai ele perguntou assim: “você tem certeza da sua vocação?” foi ai que eu me toquei do que estava acontecendo, ai que eu me toquei que para ir pra lá tinha que ter vocação para ser padre. Ai eu falei sim, muita vocação eu tenho. Ai eu fui pro colégio de padres lá em Curitiba, eu fiz só o primeiro colegial no Geraldi, o segundo e o terceiro colegial eu fiz lá. Cheguei lá e tomei um pau lascado no primeiro bimestre, fiquei com duas notas vermelhas, era muito puxado mesmo e eu não tinha ritmo de estudo e a saudade era horrível, enfim. Só quem morou fora de casa para saber, daí eu terminei o ensino médio lá e aquilo cara, essa experiência de morar fora de estudar pela primeira vez na vida pra valer, nossa você vai me fazer chorar aqui de lembrar umas coisas

que faz tempo que eu não remexia, é, me mudou muito, mudou muito as minhas convicções, eu lembro que eu levava muito a sério estudar todas as matérias, e inclusive história, psicologia e filosofia, eu já tinha filosofia na época, há de se dizer que foi a única matéria na vida que eu cabulei uma aula, ai como castigo virei professor de filosofia. Eu levava muito a sério física e matemática porque eram as matérias que eu menos sabia quando eu fui pra lá e eram as mais cobradas pra entrar na academia da força aérea, mas história me mexia muito também, e um dia o professor começou a passar um documentário pra gente, que passou na Tv Cultura inclusive, chamado anos de chumbo, foi tipo um bimestre inteiro assistindo sobre a Segunda Guerra Mundial, eu nunca tinha visto aquelas imagens nós estamos falando de uma época que aqui no Brasil, que tinha 4 canais abertos, e era só o que eu tinha na minha casa, não prestava a televisão dos anos 80 e 90, era a época da Xuxa era esse mundo que eu tinha, não tinha revista, não tinha jornal, não tinha filme, não tinha cinema, fui pro cinema porque meu pai sabia que essas coisas eram importantes.

Eu amava, você não entendia nada porque estava tudo em inglês, meu pai não queria nem saber ele me levava mesmo assim, mas foi esse tipo de filme que meu pai me levou pra ver, então eu falava: “não já fui pro cinema”, foi legal, mas não tinha uma formação, enfim, quando ele levou esse documentário eu fiquei fascinado, e fiquei perturbado, aquilo mexeu muito comigo porque eu era um menino de 15 anos, e ver todas aquelas cenas daqueles cadáveres judeus, sendo jogados dentro daquelas valas, um dia você deve ter visto cenas assim. Ai eu falei cara eu não quero ir pra forças armadas, eu não quero ser das forças armadas, porque, eu ficava pensando no avião que tinha ido pro Japão e jogado uma bomba lá e eu era ingênuo ainda, mas não me arrependo não porque nesse sentido eu continuo com o mesmo pensamento, porque quando você entra nas forças armadas você tem que dar tiro em quem você nunca viu, e eu não queria isso, ai surgiu um problema porque eu não sabia mais o que eu queria fazer da minha vida. Eu tinha feito toda essa viagem pra poder virar militar e no meio do caminho eu descobri que não queria ser militar de jeito nenhum. E ai deu uma crise assim, eu não sabia mais o que eu ia fazer da minha vida, como eu era muito bom em exatas,

matemática e física, porque eu tinha ficado bom né? Porque eu só estudava isso, eu decidi que ia fazer engenharia, só que aí eu fiquei com medo porque minha família era pobre demais e eu ainda estava em Curitiba, se eu voltasse pra São Paulo no mês de outubro e falasse aí não quero ser padre e viesse pra cá fizesse vestibular e não passa-se já era, estamos falando de 1996, 1997 não tinha nenhum tipo de bolsa, não tinha cursinho popular, não tinha nada, não sei o que ia dar, e a outra possibilidade era eu vim pra São Paulo não falar que eu não queria ser padre e vim pra São Paulo fazer filosofia, e eu era muito novinho e eu lembro fiz as contas na época e na pior das hipóteses..

Porque filosofia faz parte da formação.

Você tem que fazer filosofia primeiro, depois um ano de noviciado e depois mais 4 anos de teologia. Eu pensei, na pior das hipóteses eu vou ter 20 anos e vou ter um diploma que na minha família era a coisa mais rara do mundo, ninguém tinha. Eu pensei, melhor do que nada com vinte anos dá pra fazer muita coisa depois ainda, e quando eu estiver lá em São Paulo é mais fácil prestar vestibular, eu saio em um final de semana vou lá e faço prova da USP ou da UNICAMP, aí vim fiz o vestibular, era puxado o vestibular até, minha turma toda passou e a gente veio pra São Paulo fazer filosofia, eu não sabia ainda o que era filosofia.

Mas qual vestibular você prestou?

O da FAE, todas as faculdades até as privadas nesta época ainda tinham vestibulares, porque também era uma época que não tinham muitas faculdades nem particulares, depois teve um bum de faculdade particular, mas até particular eram poucos números, foi ali pro ano de 2002 que começou sair e teve que começar a aumentar a quantidade de vaga no Brasil, não tinha vaga nem pra particular, você era garoto ainda você não é dessa fase, você veio logo depois quando começou a ter vaga, eu morava ali atrás da faculdade São Camilo, na Avenida Nazaré, atrás da faculdade São Camilo fica o seminário São Camilo.

Aí morei lá, quando chegou no final do segundo ano da faculdade, me deu uma crise de cristianismo assim e de honestidade, aí eu chamei o padre e

falei que não queria ser padre, daí ele me deu uma semana pra ir embora, aí eu fui embora do seminário, fui morar com o Antônio.

Você já estava em qual parte do curso?

Estava no final do segundo ano. Daí tinha um mês ainda de faculdade, daí nesse um mês comecei a fazer um monte de coisa pra sobreviver, fazia trabalho pros outros na faculdade, cobrava oitenta centavos por pagina, ganhei muito dinheiro, quase morri de torcicolo de tanto trabalho, mas ganhei dinheiro, dava pra pagar o aluguel e comer alguma coisa, daí eu comecei a tocar violão nas igrejas, pra poder ganhar, nas missas né me pagavam pra cantar, na época me pagavam pra cantar velho, já teve uma época assim. Enfim, chegou as férias a vaca murchou né, foi aí a primeira vez que eu fui dar aula, porque quando chegaram as férias, teve um projeto no governo do estado de São Paulo que tinha recuperação de férias,daí eu peguei naquelas férias de janeiro, todo mundo foi embora e eu fiquei lá no Ipiranga, foi as escolas por onde eu comecei dar aula. Comecei pra ganhar grana mesmo, é, historia, geografia, sociologia, psicologia e filosofia, com as turmas que tinham ficado de recuperação, e cara foi fantástico, foram 4 semanas esplêndidas assim, eu era bom na coisa, a primeira vez que eu dei aula , quando a aula terminou eu falei assim:“caramba”, a sensação que eu tinha era que eu tinha feito aquilo a minha vida toda, a minha existência inteira, e não foi à toa, lá em Curitiba eu tinha estudado muito, durante a faculdade eu tinha estudado muito, eu sempre dei aula para os meus colegas de sala, então eu nunca tinha feito aquilo como profissão, mas eu já tinha feito várias vezes, enfim, aí eu estou lá trabalhando,daí eu vi em uma escola o cursinho da Poli em um cartaz, eles iam inaugurar o cursinho da poli na Lapa, aí eu fui lá e me matriculei no cursinho da poli, e minha vida ficou fantástica, porque eu estava no último ano da faculdade fazia faculdade de manhã, cursinho da poli a tarde e ia pra casa à noite pra estudar pros dois, eu já tinha feito uma parada parecida no primeiro ano da faculdade, porque eu fazia faculdade de manhã, curso de enfermagem à tarde e ia pra casa à noite estudar pros dois.

Porque você foi fazer curso de enfermagem?

Porque os Camilianos tem como principal carisma, o principal da vocação deles, é o cuidado dos hospitais, e dos doentes, o São Camilo foi um homem que dedicou a vida dele para aqueles que tinham problemas de saúde e não tinham como se cuidar, e daí os Camilianos vieram para o Brasil no final do século XIX e tem hospital esparramado no Brasil inteiro e faculdade de saúde esparramada pelo Brasil inteiro. De um tempo pra cá eles começaram a abrir outras frentes também de trabalho, agora eles tem colégio de ensino médio, eles tem curso de filosofia na faculdade, tem administração na faculdade, antigamente era só na área da saúde, agora eles estão abrindo mais. Ai eu fiz curso de enfermagem também e me formei e tudo, aliás uma das primeiras tentativas que eu tive de arrumar emprego, foi em enfermagem, porque na época ainda professor ganhava mal demais e trabalhar como auxiliar de enfermagem ia pagar mais, ainda bem que não deu certo pra mim né, enfim,daí no terceiro e último ano da faculdade eu fazia o cursinho lá, eu ia prestar pra engenharia, eu não queria ainda ser professor porque eu tinha uns ideais burgueses ainda, apesar de eu ter vindo de uma classe muito, muito pobre, Morato estava tipo abaixo da linha da miséria, talvez até exatamente por isso assim né, tinha um lace de buscar auto afirmação no mundo ainda e eu não queria ser professor, na minha cabeça era assim, nossa eu estudei tanto, fui tão longe pra depois virar professor, era como se fosse um prejuízo apesar de eu ter gostado muito daquela primeira vez que eu dei aula. Aí não vou fazer engenharia, ai fazia o cursinho, ai chegou o final do ano eu prestei na Unicamp engenharia física, porque eu também era metido a besta, eu não queria só fazer faculdade não, eu queria fazer uma coisa difícil, ai passei na primeira fase e quando eu fui fazer a segunda fase, estudei muito , estudei muito, pra segunda fase, eu não levei o certificado de inscrição e fui fazer a prova na Sumaré na faculdade Sumaré, quando eu entrei pra fazer a prova estava lá um cartaz falando não deixar de trazer certificado de inscrição, sai desesperado telefonei pra casa, enfim meu pai chegou lá atrasado, minha irmã na verdade caçula chegou lá atrasada e eu não pude fazer a segunda fase porque eu perdi a prova, daí eu já tinha me inscrito para dar aula e fui dar aula, resumo da história é esse. Daí quando eu comei a dar aula eu gostei muito, e estava muito cansado pra fazer outra coisa, eu tinha perdido 12 quilos em oito meses na reta final da faculdade, e fui levar a sério, quando eu comecei a gostar demais, a

minha própria aula de filosofia fez com que eu começasse a me rever, me repensar, e tentar pensar os meus valores, eu nunca tinha parado pra fazer isso de maneira longínqua, e pensar nas minhas aulas pra poder pensar com os alunos fez eu acabar pensar em mim mesmo, enfim eu decidi ser professor.

Em que ano foi isso?

2001, foi o ano que eu decidi virar professor. Eu decidi que se eu ia ser professor, eu ia querer ser o melhor professor possível, foi quando eu decidi fazer o mestrado em Ciências da Religião lá na PUC, porque vários dos caras que tinham me dado aula na FAI de filosofia, o Pondé, o Ênio o Zamanha davam aula no programa de pós graduação da PUC em Ciências da Religião. E eu pensava que eu ia conseguir uma bolsa mais rápido se eu fosse pra lá e não deu outra, como eles me conheciam e eu tinha sido um bom aluno na faculdade, eu fui pra lá e rápido eu consegui, eu paguei a matrícula só e depois não paguei mais nada, a bolsa pagou tudo pra mim, foi quando eu fiz uma formação mais fundamentada porque na época da faculdade foi tudo muito tumultuado, daí na PUC eu me fundamentei melhor, e no final do mestrado eu resolvi fundar um cursinho pré-vestibular popular aqui em Morato. Isso consumiu um tempo enorme, eu me empolguei pra caramba.

A gente resolveu fazer um cursinho tipo Poli aqui em Morato e funcionou, a gente tinha mais de 100 alunos mas eu era um péssimo administrador, porque eu não cobrava dos alunos, o cara falava que não podia pagar e eu falava tudo bem, aí o cursinho faliu, resumo da história, durou dois anos e faliu, serviu só para eu formar a minha esposa que estudou lá, as minhas irmãs que estudaram lá também, os meus principais amigos da época estudaram lá e aí quando deu dois anos eu fechei o cursinho. Daí eu decidi levar pra dentro da escola pública a experiência desses dois anos de cursinho, porque o nosso grande problema era a infraestrutura, fui pra escola pública, aliás levei pra escola pública toda essa experiência e aí comecei a me dedicar muito ao trabalho, então de 2004 a 2008 eu só trabalhei em muitos lugares, foi a época que eu trabalhei pra tudo quanto é lugar, e mais ou menos comecei resolver minha vida materialmente falando, aí senti uma saudade tremenda de estudar, eu queria estudar qualquer coisa, daí foi quando eu voltei pro cursinho

da Poli, no embalo eu levei um monte de aluno, eu queria estudar porque eu queria estudar, já não era mais porque eu queria fazer algum curso universitário. Quando chegou no final daquele ano eu prestei pra economia porque eu precisava de uma motivação pra ir até o final do ano, lembrando de outra coisa agora também, naquele ano o governo simplesmente acordou e tirou filosofia do terceiro colegial e eu fiquei com muito medo porque filosofia voltou pra grade a pouquíssimo tempo antes de você sonhar a ser professor não tinha filosofia né, não tinha sido aprovada ainda como matéria obrigatória, e eu fiquei pensando assim, cara já pensou se um dia o governo acorda de mau humor e tira da grade? Eu vou fazer o que da minha vida, aí eu passei a querer ter um plano B e fui fazer economia prestei lá na USP, passei fiz um semestre, odiei e larguei e o dia que eu tomei a decisão de não voltar mais na faculdade foi assim, já fazia umas duas semanas que eu estava cabulando aula lá em baixo na economia na FEA e indo lá em cima na FFLCH assistir aula de filosofia, aí eu falei assim cara eu sou muito trouxa, eu saio de Morato pra cabular aula na faculdade pra vim para filosofia, aí eu larguei a faculdade, no final do ano eu prestei o vestibular de novo pra filosofia, passei, isso foi em 2009 aí em 2010 comecei a fazer a faculdade de filosofia, porque eu queria fazer o mestrado em filosofia e pra ter o meu plano B a faculdade, enfim era pra eu fazer um ano só acabei ficando lá cinco anos e nesses cinco anos, foi que eu tapei muitos buracos que eu tinha e saquei que eu não ia conseguir tampar todos, aí essa caminhada nas escolas, eu nunca sai da escola, e nas faculdades e universidades foi cada vez mais amadurecendo dentro de mim a minha relação com a educação. Daí agora nessa reta final foi quando eu decidi me dedicar para as pós graduações na área da educação, então eu desisti de fazer mestrado e filosofia, simplesmente abandonei a faculdade de filosofia agora, e estou fazendo processo seletivo para o mestrado em educação lá na FEA. Era isso que era pra falar? Mas essa sequência toda você mais ou menos conhecia né?

Mais ou menos, tem umas coisas que eu não sabia. Mas você acha que você teve alguma referência assim, que te estimulasse a querer estudar? Assim, quem touxe os referenciais?

O primeiro de todos foi o meu pai, que não era o conhecimento pelo conhecimento, era o conhecimento para entrar nas forças armadas, depois como deu pra perceber na historinha eu caí de paraquedas na faculdade de filosofia, e aquele curso me destruiu e me reconstruiu até o final, e tem uns pedaços que estão desmontados até hoje, na faculdade eu conheci uns professores espetaculares, a primeira vez que eu lidei com o conhecimento de uma maneira mais séria, mais profunda e aí as minhas referências foram os professores da faculdade mesmo, e alguns autores né como o Descartes e o Pascal, eram os caras que me deixavam perturbado, Schopenhauer e o Nietzsche, esses caras mexeram muito comigo, era como se eu os conhecesse e o Freud. O Pondé me deu aula lá na faculdade de psicologia científica, e foi um semestre inteiro o Ponde dando aula de psicanálise pra mim, foram as primeiras obras que eu peguei de conhecimento clássico pra ler, peguei Moisés e o Monoteísmo, Totem e Tabu, O Mal-estar Na Civilização, Os Conceitos de Psicanálise, Uma Breve Introdução à Psicanálise, que não é nada muito profundo e rebuscado tal, mas pra mim era o primeiro contato, então foi ali, e aí eu comecei a sacar que eu gostava daquilo, não foi bem alguém, foi uma circunstância, dali pra frente já não era mais, é, eu nunca tive pessoas que fossem modelos pra mim, foi essa primeira experiência com a faculdade de filosofia que me fez despertar uma angustia com a vida, essa angustia é que me moveu todos esses anos, até agora, a angustia com várias coisas, com a feiura do mundo e com a beleza que o mundo tem, paradoxalmente, então eu acho que foi por aí.

Os seus amigos de infância algum teve alguma trajetória próxima, qual foi o rumo deles?

Depois que eu fui embora para Curitiba, eu perdi contato absolutamente com todos meus amigos de infância, os dois mais próximos fizeram SENAI, um virou eletricitista e o outro virou mecânico, bem sucedidos, mas, a gente está em mundos completamente diferentes, daí a gente não consegue mais conversar, a gente até tentou se encontrar duas ou três vezes, mas, os nossos assuntos eram de mundos muito diferentes, então, eu gosto deles ainda, mas, a gente não tem mais relação, não tem mais contato. Os amigos do ensino médio eram todos de Santa Catarina, então eu os perdi todos também, os da faculdade a

gente de via de regra não encontra, então perdi todos também, atualmente os meus amigos foram os meus primeiros alunos de quando eu vim para Morato, quando eu voltei para Morato, são os caras pra quem eu fui dar aula quando eu tinha uns vinte e poucos anos e eles estavam no primeiro ano do colegial, e agora são eles que são os meus amigos, via de regra são assim, tirando você que não foi meu aluno, todos os outros foram, até minha esposa foi minha aluna, eu tipo tive que construir um mundo e entrar nele porque eu não tinha, quando eu voltei pra Morato eu não tinha um mundo. Não tinha um planeta pra mim aqui, ai agora tem, construí meu próprio nicho ecológico, social e psicológico.

Qual é a sua visão que você tem hoje sobre o ser professor? A sua ação?

É de uma beleza assustadora assim, porque quando a gente é professor os alunos estão ali sobretudo os do ensino médio e fundamental, que são muito ingênuos e abertos e puros, eles estão completamente desarmados contra você que está dando aula, eles estão ali prontos pra ficar te ouvindo toda semana, então você consegue tocar na alma daquele sujeito que está ali na sua frente e aquilo vai alterar pra sempre a vida dele, é de uma responsabilidade assustadora, mas também de uma beleza tremenda, porque você está ajudando um sujeito a se construir, demorou muitos anos pra eu entender melhor, afinal de contas pra que eu estava formando os alunos né, qual que era a trajetória que eu estava ajudando eles a construir, não tinha isso claro, há poucos anos, há três anos, isso amadureceu mais, foi muito graças ao Kant, é, foi pensando Kant, porque eu acho que educar pra liberdade passou a ser assim, a minha grande visão, e isso implica em criticidade, implica em autonomia, implica em liberdade, é, esses cinco anos que eu passei na faculdade também de novo, fazendo filosofia, refazendo o curso de filosofia, tem a ver com isso, é você ir dando condição para que esse sujeito vá verbalizando o pensamento dele e verbalizando tome consciência dos processos que estavam inconscientes, e isso na pratica significa você ir dando vocabulário pra ele, pra ele ir dando nome para as coisas que ele não sabia que estava dentro dele, então você instrumentaliza ele, com um certo conjunto de vocabulário, pra que ele vá sabendo dar nome para o que está acontecendo com ele e assim ele possa fazer escolhas com mais qualidade. É sempre um

desafio muito grande, apesar que a pratica ela é, ela já está feita né, porque eu não estou inventado a roda e tem um monte de gente interessante e inteligente que escreveu e falou sobre isso, por outro lado, as condições materiais que eu trabalho são muito precárias né, quando a gente trabalha ensino médio noturno na periferia, você tem muito pouco tempo com alunos que chegaram com muitos problemas, então várias vezes eu tive que abandonar os conteúdos de filosofia, aliás é a atual fase da minha vida está nisso, pra trabalhar questões anteriores ao conteúdo de filosofia, para alfabetizar as vezes, que nem você está com o 3º G agora, que um pedaço dele era do 2º H do ano passado, o 2ºH era absolutamente analfabeto, tem o Henrique, um negro, gente boa demais, bonito, que todo final de semana está lá estudando, era o melhor da turma e ele já tinha muita dificuldade, ai eu tive que comprar joguinhos de 12 ou 13 anos de idade, você estava lá quando eu fiz isso eu acho, para poder começar a alfabetização deles, e tem toda essa jornada agora de ficar levando livro para sala de aula pra ajudar esses meninos a lerem, então eu estou muito longe de poder pegar os textos de filosofia, pra pensar criticamente, mas é uma etapa que esta, então é um trabalho desgastante mas eu não queria nada menor do que isso não, a vida já é muito chata, muito tédio, se fosse mais fácil do que é eu iria ficar entediado, eu acho que eu me interessei exatamente porque é extremamente complexo dar conta de coisas tão difíceis, com tão poucos recursos, porque a gente tem 600 alunos por ano em média, cada um de nós, e como é que se resolve isso né? Na pratica é verdade você não consegue resolver muitas vezes para muitos alunos, de vez em quando acontece um milagre, várias estrelas ficam alinhadas no céu e um aluno acaba virando um ser humano muito completo, muito autônomo, e a coisa funciona, você tinha perguntado como é que eu via a profissão e como era a minha pratica? Eu acho que desse jeito as duas coisas ficam respondidas, do ponto de vista técnico e político assim eu acho que é menos interessante de descrever.

Qual é a sua visão sobre o que é um bom professor e um mal professor?

Para responder isso, eu tenho que dividir em pontos. O primeiro ponto é o da formação, a formação não é garantia de que exista um bom professor, mas sem formação é a certeza que tem um mal professor. Então o sujeito que se vê

professor ele tem que se ver anteriormente como um intelectual, o professor ele é um intelectual ele tem que ser um intelectual, isso não garantira que ele será um grande professor, mas é um fator necessário para que ele seja um bom professor, não dá para ser um bom professor sem isso. Ter essa formação intelectual, implicara, por exemplo ele ter posicionamentos políticos, ele tem que ter posicionamentos políticos, rever esses posicionamentos continuamente, mas ele tem que ter posicionamento político. O segundo ponto uma identificação com a humanidade, uma identificação de afeto com a humanidade, uma relação de eu vejo no outro ser humano a mim mesmo, essa compaixão que tenho pelo outro, essa capacidade de me colocar no lugar do outro, faz com que eu desenvolva um respeito por ele, porque quero que minha vida seja boa, então entendo que a vida desse garoto que está aqui na minha frente tem que se boa também. Então o primeiro ponto é a formação e o segundo ponto é o afeto. E o terceiro ponto é a pratica cotidiana mesmo, o professor tem que estar buscando continuamente, como eu falei na outra pergunta ajudar esse aluno a se elevar de um estado de menos autonomia para um estado de maior autonomia, isso não acontece de outra maneira que não aumentando a racionalidade dele e acontece esse aumento de racionalidade com o aumento de vocabulário. Então isso é um bom professor , sem isso não é possível , e o inverso disso é o que eu considero um mal professor , alguém mal formado , alguém que não gosta dos alunos e alguém que não entende qual é o papel central na educação na vida de um ser humano , que é a autônima , que é a liberdade e a criticidade, não é a faculdade, ele pode ir para a faculdade ou não, esse sujeito vai ter que chegar no final do terceiro colegial e se perguntar para onde ele quer ir e então a decisão é dele , é lógico que eu estou falando o tempo inteiro de faculdade , mas é porque aqui em Francisco Morato ninguém nunca fala disto , se você que gerar isso como opção pra ele , você tem que falar , mas eu não vejo essa como a única opção de existência, mesmo porque na faculdade tem um monte de idiota, tanto estudando quanto dando aula ,não é garantia de que ele vai ser um sujeito realizado e pleno ele ir para a faculdade ,tem que ser mais uma das opções, por isso eu fico falando de faculdade o tempo inteiro , porque se eu não falar pouca gente vai falar para ele. Então eu vejo assim o mal professor e bom professor, acho que é simples assim.

Quais são suas atividades de lazer?

Muito filme, nenhum filme muito sério, a filosofia já me gera angustia o suficiente, de um tempão pra cá os animes japoneses, muito anime, de vez enquanto vídeo game tudo isso graças ao Wellington, eu sempre joguei futebol, sempre fui para a academia, mas eu gosto mesmo de jogar bola, e só isso é lazer. Agora o que eu gosto mesmo é de dar aula, então quando eu estou no final de semana e não tenho nada para fazer eu arrumo uma turminha para dar aula de qualquer coisa, eu gosto de dar aula as pessoas podem fazer a análise psicológica que quiser eu estou nem aí, eu acho divertido dar aula eu nasci para estar lá na frente falando, eu sou um ser humano melhor quando eu estou lá na frente falando, é mais divertido é onde eu me divirto mesmo, vou para aquele cursinho de sábado todos os anos que pude eu fui, e fico lá da uma da tarde enquanto tiver gente para me ouvir, faço isso nas férias de sábado de domingo enquanto estiver alguém querendo ouvir eu estou querendo falar, deve ser algum processo narcisista profundo que não consegui dar jeito ainda.

Gosto literário ?

Filosofia, eu leio filosofia, eu até leio literatura também, leio política, ficção bem menos mas acho um porre. Os textos de filosofia eles estão *hard* e cadeados, e cada vez que termina um uma nova dimensão se abre na minha cabeça, então você pensa por exemplo na Republica de Platão, é gostoso demais ler a Republica de Platão, quando você pega Santo Agostinho pra ler, Platão para ler, você lê Genealogia da Moral, todo o restante fica acinzentado não tem graça nenhuma, pode pegar Dostoiévski para ler, até Machado de Assis que eu tenho um respeito, uma consideração tremenda e um carinho pessoal pelo Machado, não é a mesma coisa, não chega nem perto da complexidade da coisa, porque pelo menos eu estou em uma fase que eu estou adorando a alguns anos, que eu quero ler coisas que me ajudem a responder os enigmas que estão postos na minha vida assim, não tenho leitura comum de diversão, como lazer, é um problema, eu estou com um problema na mão, de um tempo para cá a filosofia é atrelada em pensar em educação. Então até Paulo Freire eu acho meio água com açúcar perto de outras coisas assim, eu leio

mesmo, porque vai cair no curso de diretor então eu estou lendo, mas eu desenvolvi o gosto para esta leitura, essa escrita mais rigorosa, dessa escrita que segue um desenvolvimento racional argumentativo, me cansa ficar lendo aquele conflito do humano cotidiano, seus problemas e coisas assim. É lógico também que eu não tenho mais a janela do aprendizado para ler filosofia lógica medieval, fui me meter ali Erasmo de Roterdã quebrei a cara, porque aquilo é de uma outra dimensão, não dá, mas os modernos os antigos, os caras que vão discutir no nosso planeta vão, metafísica vai lógica que não dá mais.

Qual é a sua relação com a escola?

Com a escola que estou durante esses anos, com os alunos ótima com o resto tudo péssimo, eu não consigo articular trabalhos com eles, eu não os admiro, eu não me identifico com eles, não tenho histórico de trabalho com todos eles, não os vejo como boa influência para os alunos ,acho mesmo um sacrifício ficar na sala dos professores ou participar de reuniões que eu tenho que ficar com eles , a maior parte esmagadora, tem as exceções, Eliton, Wellington, em uma escola de cento e quarenta e oito ,dez professores e professoras, mas a grande maioria foram dar aula, porque não conseguiram fazer mais nada da vida e a sala dos professores ou as reuniões são onde você encontra as maiores manifestações de preconceito,de falta de educação, de falta de respeito, de falta de informação e eu não tenho paciência para ouvir tanta bobagem, eles estragam o ambiente dos alunos, eles propiciam poucas situações de aprendizado, eles se perdem na própria vida deles, tem umas vidas bagunçadas. Enfim já que é uma entrevista para ser honesto, honestamente em uma escala de seres humanos com quem eu gostaria de passar um tempo eles estão fora da lista, prefiro ficar sozinho. Minha relação com os alunos, parte deles inclusive virou professor, quando eu começo a pensar em professor agora minha visão, meu sentimento assim, minha realidade imagética, muda, porque agora eu já começo apensar nesses professores que apareceram na escola, nos meninos que fundaram o Pré-etec, os meninos que estão agora no pré-vestibular, os meninos que saíram que foram para a faculdade e estão voltando como professores, eles são apaixonados pela a educação, eles gostam de aprender, eles gostam de ler, as áreas deles, porque foram para as mais diversas áreas, eu adoro conversar

com esses meninos, minha casa volta e meia eles sempre vem aqui, minha casa fica cheia eles sai em daqui uma hora da manhã. Agora o professor não, via de regra, o professor do estado de São Paulo é um porei.

E por que você acha que tão certo o esquema de formação desses meninos?

A formação deles é muito em coerência sobre aquilo tudo que eu já falei e formação deles extrapola os muros da escola, a minha relação com esses alunos todas extrapolam a relação que tem dentro dos muros da escola, a relação profissional eu não acredito nessa relação, ela não funciona, sobre tudo quando você vai trabalhar na periferia que os alunos são carentes de todas as coisas, se você não está disposto a extrapolar a relação profissional (professor e aluno) isso vai dar muito pouco fruto, se você quer de fato que esses meninos vão além, você vai ter que envolver com eles ou não vai funcionar, porque você vai ter que conhecer esse cara, vai ter que conhecer a família dele, vai ter que ir lá na casa dele, alguns deles vão acabar vindo na sua casa, você vai ter que sentar com eles no intervalo para bater papo, terá que jogar bola com eles, passear com eles, você vai ter que ser simplesmente com o ele um ser humano completo e não uma ferramenta técnica que transmitira alguns conteúdos, se você não der essa abertura para eles, eles não iram criar essa relação com você e no final da história eles acabam te tomando como referência e eles não querem te decepcionar , não querem fracassar, porque não querem te deixar desgostoso e como você entregou muito para eles, eles querem entregar muito de volta. Os meninos ficavam aqui em casa estudando no terceiro colegial deles, eu saia para trabalhar o dia inteiro, dava a chave da minha casa e eles vinham estudar, não dá para pensar nisso, eu não consigo imaginar alguém defendendo isso como projeto político do estado para o São Paulo, seria interessantíssimo ver a cena, mas eu acho que nem eu teria coragem de defender isso assim, porque eu não tenho como olhar pra cara de alguém e falar assim “ deixa os seus alunos estudar na sua casa”, eu entendo mil motivos para as pessoas não querem deixar , mas eu deixo, eu deixo, deixava, deixo, deixarei, meus alunos podem vir na minha casa a hora que eles quiserem, podem me chamar fora do horário a hora que eles quiserem. Então eu diferencio muito radicalmente modéstia e humildade, eu

detesto modéstia, aliás não sou eu não, vou dar aqui o credito a Aristóteles que faz a diferenciação e Ética a Nicômaco. Modéstia é quando você diminui o tamanho do que você é para as pessoas ficarem numa boa com você, é você não assumir ser o que ser. A vaidade é o quando você aumenta o que você é para as pessoas também ficarem numa boa com você, então a modéstia e a vaidade são exageros distorcidos, desequilíbrios, são vícios. A humildade é você ser o que você é. Acho que em última estância assim esses alunos foram muito bom assim, porque eu fui um professor muito bom, nessa minha construção do que é ser um professor muito bom eu dediquei absolutamente para essa atividade, isso foi o que fez esse resultado todo, não teria acontecido se não fosse assim, não acho que teria acontecido mesmo, também tiveram a sorte de me pegar em uma fase que eu já tinha amadurecido bastante, porque eu estou dando aula desde Janeiro de 2000 e de daquele ano para cá foram vários processos de tentativa e eles chegaram em uma hora que as coisas começaram a se acertar mais, que começou a ficar mais maduro para mim como é que funcionava e para onde tinha que ir todos os alunos que passaram antes, não foi, porque eu quis mas viraram cobaia né, deu errado, deu muito errado, aquela galera que eu levei várias vezes para Serra Leira, não deu em nada aquilo, vários daqueles meninos inclusive viraram traficante depois, outros viraram viciados em cocaína ,não dá para achar que um processo assim funcionou né, mas foi exatamente, porque errou tão feio lá que eu descobri que aquilo não funciona e então eu fui para outra direção, o que importa final cara é isso, é você conseguir ,ganhar esse sujeito afetivamente para colocar ele sentando, calado, estudando, é isso ele gosta de você e vai estudar para te agradar e ai um dia ele começa a estudar, porque descobre que estudar é bom, no começo é ele gostar de você e estudar, porque ele tem um pacto moral com você, esses meninos que vão no final de semana, quando eles não vão eles pedem desculpa pra mim, eles ainda não entenderam que eles estão estudando para eles e não para mim, eles não sacaram ainda, quando eles não vão ir eles me procuram e dizem “professor esse final de semana eu não vou poder ir “, porque eu fico o tempo inteiro na sala deles e faço uma choradeira dizendo que eles tem que estudar, que a escola está lá... Quando eles não vão, eles pedem desculpa pra mim, eles ainda não têm autonomia ainda, mas é um processo que se espera. Esse processo de ganhar

autonomia, no começo eles não vão ter autonomia, por isso até que eles precisam ganhar, então é isso.

Qual é o diferencial que você acha que seu trabalho tem em relação aos outros professores?

Acho que para mim, por exemplo, eu não tenho problema nenhum em identificar como professor 100% do meu tempo, não é pra mim assim eu deixo o trabalho lá e na minha casa não, eu sinto um prazer enorme em deixar essas coisas misturadas, isso não me atrapalhou em nada pessoalmente assim, na verdade minha vida ficou mais rica e eu acho que o fato de eu não ver o trabalho como um estante de sofrimento e peso de fato contribuiu muito, porque daí de fato não me é desgastante, aliás eu acho que só funciona para mim, porque não é desgastante isso não é um sacrifício, fisicamente é, segunda-feira eu estava um bagaço aqui em casa e o sono vai para o brejo, mas emocionalmente é gostoso. Esse engajamento ele vai acontecer na contingência de uma série de fatores, por exemplo, eu não tenho dúvida de que ter passado quatro anos morando em um seminário todos os dias em contato com os valores cristãos, de doação, de generosidade e amor ao próximo, isso mexeu na estrutura da minha personalidade de um jeito determinante, aí uma coisa levou a outra.

E ainda tem coisas da sua família, você falou que a sua mãe tinha uma horta e distribuía alimento, ajudava na igreja...

Minha mãe por ser muito religiosa, a vida toda esteve preocupada em, mesmo a gente sendo muito pobre em cuidar de quem era mais pobre ainda, então quando era fim de ano nos saímos entregando uns bilhetinhos digitados na máquina de datilografia, me lembro até das frases que ela mandava nós quatro entregávamos no bairro “quem dá aos pobres empresta a Deus”, nada tendenciosa, gananciosa a frase, a gente datilograva vários recortava e entregava nas casas de quem a gente achava que podia dar, as pessoas iam lá em casa entregavam os produtos e minha mãe fazia cestinhas básicas, para no dia do natal as pessoas irem buscar as cestinhas de natal e de fato a gente matava os porcos, cortava os pedaços e entregava nas casas, eu nem sabia que eu era tão pobre, eu não sabia, porque além da gente dar muitas coisas

para os outros quando eu era pequeno, todo mundo era muito pobre no Brasil, então você não tem noção do quanto é pobre até você sair daquele nível de miséria, pra mim era normal ter quatro canais de televisão, era normal ninguém ir para piscina, estrada de terra, o mundo é assim, seu mundo é assim, eu não via aquilo como um sofrimento, não olhava para aquela minha realidade “nossa como a gente é pobre”, eu inclusive achava que era um aluno muito bom, achava que eu tinha uma formação expandida, meu pai me perguntava “você acha que vai passar na prova”, e eu respondia assim “com o pé nas costas”, na verdade foi um pé na bunda, passei longe de conseguir entrar no colégio naval. Foram essas minhas viagens para fora que começou a criar outros referencias outros parâmetros, que inclusive me criou outros parâmetros quando eu voltei para o Geraldi para dar aula, porque eu tinha morado em Curitiba, morado no Ipiranga, viajado muito para Santa Catarina, o sul foi muito pesado na minha vida, e mesmo na época dos seminários os professores quem iriam dar aula, porque tinha as aulas da faculdade, as aulas do curso de enfermagem e as aulas no seminário, os professores que iam dar aula no seminário eram padres que tinha morado na Itália, que tinham morado na Alemanha e vinham dar aula, as professoras de Italiano eram todas italianas mesmo, porque a maior parte dos camilianos é descendentes dos italianos. Então cria um monte outras referências, o sul é muito rico comparado com a periferia que eu vivi aqui, você tem a impressão que está viajando para Europa, e foi me mostrando assim como o mundo podia ser, e que o mundo que eu estava não era tão bom assim, era injusto, era produtor de violência, depois dos colégios particulares que eu estudei e os cursinhos, eu vim para uma escola pública eu tinha um ganham assim de munção de coisas para oferecer diferente, e com o tempo eu fui formando gente que foram se juntando comigo e foi deixando a coisa mais forte e pegando no embalo . Mesmo agora que eu não acho que está bom se você somar o Pré-ETEC com o ETEC dá quase 415 pessoas, é um colégio inteiro isso são 250 no Pré-ETEC mais 116 que apareceram lá com probabilidade de aumentar, digamos que venha uns 150 não dobre só aumente um pouco, dá uns 415 alunos, e estamos com uma em uma equipe de aproximadamente 20 pessoas e é legal, porque no atual momento que está esse movimento, pois é um movimento que foi desencadeado quase um renascimento em Francisco Morato, as pessoas ficam sabendo das coisas que

está acontecendo e começa a vir dos mais diversos lugares para trabalhar pra gente, o Cezinha trouxe quatro universitários lá da USP que ajudaram no cursinho, eu passei de domingo pra cá recebendo telefonema de gente querendo dar aula no cursinho do final de semana, tem gente marcando entrevista comigo no sábado, agora para eu saber se o sujeito tem condições,"mas você sabe que é voluntario, né ? " , "é isso que eu quero", tem esse povo no mundo, tem gente que quando descobre onde está acontecendo alguma coisa assim quer ir lá ajudar, tem um monte de candidato assim, só está procurando a liga da justiça para começar a atuar, então, eu levo muito a sério a ideia de montar um colégio, porque quando a gente mostrar o que a gente que fazer , os parceiros iram aparecer .

ANEXO 4

(Entrevista com um professor da ETEC)

Dia 11 de julho de 2014, entrevista com Maria Cristina A entrevista foi realizada no café do Centro Cultural São Paulo durante uma tarde.

Você nasceu em que ano?

68, tô com 45.

Você cresceu em Santos?

Morei em Santos até os 10, dos 10 até os 15 moramos em Marília, aí dos 15 aos 17 voltei pra São Vicente e dos 17 até agora tô em São Paulo.

Por que essas mudanças ?

Meu pai era bancário, ele foi subgerente do banco do falido, extinto banco Noroeste e ele viajava a serviço e aos 17 eu vim pra São Paulo porque eu entrei na USP pra fazer História, menina de tudo.

Antes desses 17, quer dizer, quando você tava fazendo o Ensino Médio que na época acho que nem chamava Ensino Médio...

Então eu fiz o primeiro era Colegial né, eu sou do Colegial. Primeiro colegial eu fiz em Marília, peguei uma escola no último ano de funcionamento de uma escola que era período semi-integral, 3 dias por semana, 2 dias por semana. A gente tinha laboratório, tinha aula de manhã normal, levava marmita, tinha aula de laboratório de física e química a tarde num dia, no outro dia tinha aula de manhã normal, levava marmita e tinha aula de biologia e inglês em laboratório. Era aquela escola foi, era encantadora. É Antônio Inácio Bicudo que eu fiz só o primeiro ano e foi o último ano que ia ter esse projeto de período integral, 2 vezes por semana. Aí quando acabou o projeto coincidentemente eu voltei pra

São Vicente, consegui vaga na melhor escola de São Vicente que era o Martin Afonso.

Como é que era isso, conseguir vaga nessa escola?

Ah, isso daí é coisa da minha mãe.

Então me conta um pouco da sua mãe?

Mas eu não sei direito, porque a minha mãe é nascida em Santos e toda a família dela assim, os meus avós são da Paraíba, os pais da minha mãe já são falecidos. O meu avô veio em 40/42 na Guerra, na Segunda Guerra Mundial ele saiu da Paraíba, ele tinha uma mula, ele vendeu a mula dele aprendeu a tabuada do 0, do 1 e do 2 e veio pra Santos. Trabalhou no Porto como ensacador, foi um dos fundadores do Sindicato dos Ensacadores de Santos. Ele era do partido Comunista e ele foi presidente da Associação dos moradores do Morro do Bufo, lutou pra levar água, luz ele era depois que ele rompe com os comunistas em 45 ele se aproxima do Covas e vem pra aquele Partido Social Cristão, aquele do PSC. Então assim, ele teve 3 filhos nascidos na Paraíba que ele deixou lá com a minha vó, depois de um ano que ele tava aqui em Santos ele foi, voltou, a minha vó disse que ela e as crianças viveram, porque ele voltou numa virada de ano, aí tava tendo festa na vila, ela morava num alto de um morro, tava tendo festa, aí diz que ela vivia com uma tia dele aí diz que a tia virou e falou “Maria vai lá na festa, ta tão bonito né”, porque minha vó tava na janela olhando a festa, aí diz que falou “não, melhor não”, dito e feito, naquela noite meu avô chegou, se ela tivesse ido na festa tinha tido uma tragédia, ele era da linha, porque assim, tem umas histórias bem legais, quando ela nasceu ele tinha 7 anos, não, 5 anos, é 5 ou é 7 anos não lembro direito, aí a primeira cachaça que ele tomou foi pra comemorar o nascimento da mulher dele, e era ela e ela sabia também como é que ele era entendeu ? Aí o quê que aconteceu, então assim aí nós perambulamos pelo estado, fomos pra Marília, voltamos tal, mas os irmãos, as irmãs, cunhado tão tudo lá na baixada, então esse pessoal parece que ajudou.

E a família da sua mãe era grande?

Ela teve 7 irmãos, com ela 7, um só faleceu e os 6 sobreviveram.

Então quer dizer que esse pai dela que teve todo esse engajamento, então veio pra Santos trabalhar e com esses filhos todos?

Não, já tinha nascido 3, aí veio, eu acho que a minha vó veio grávida, não, veio com os 3 e engravidou aqui, porque o quarto filho é minha mãe, a primeira mulher, aí a minha mãe foi gerada lá na baixada nasceu lá, aí teve mais a irmã dela, minha tia e depois o último caçula que é o Valdir. Isso! Ah então foram 4 lá na verdade, 1 morreu e 3 aqui em Santos.

E ele trabalhava então como ensacador, e a sua mãe qual foi a formação dela?

Ela foi fazer o antigo primário só com 9 anos, mais tarde, porque uma que ela foi a primeira filha mulher tinha 4 meninos na frente, então desde os 5 anos ela ajudava a mãe dela, então tinha essa coisa do trabalho doméstico pesado né, muito forte, e ao mesmo tempo assim, ela não era muito forte, ela era franzina, preocupação com a saúde, nessa coisa de ser muito miudinha, alguém pegar tal né, aí então ela foi estudar aos 9, ela diz que ela era muito caprichosa e até hoje né, ela já tá com mais de 70 anos e tudo que ela faz ela procura fazer bem feito e aí a escolaridade dela foi até a quarta na infância, aí ela foi a prender a ser costureira, ela terminou a quarta série, era a época da admissão lembra do exame de admissão, aí ela não fez porque não tinha como continuar, então ela foi aprender a ser calceira de alfaiate, ela quis, ela aprendeu várias atividades manuais, todas ligadas a essa coisa de fonte de renda: ponto cruz, bordar, costura. Mas ela não gostou da parte artesanal, gostou só da costura, e aí ela ficou toda a adolescência dela trabalhando só pra alfaiates. Aí teve uma época que ela trabalhou registrada nas Lojas Americanas, ela trabalhava na parte de almoço, aí tinha um homem que ia almoçar todo dia e começou a

achar aquela morena muito simpática, meu pai, aí ele tinha cabelo branco já, ele foi 7 anos mais velho que ela, ele já faleceu e só que ele começou a ter cabelo branco com 16 eu comecei com 19, aí começou aquele flerte né, tal, tal, tal, aí eles marcaram encontro tipo numa praça, aí eles começaram a conversar ela exigiu o RG dele, porque ele tinha eu acho que 26 anos e ela tinha 19, ela não acreditou que ele tinha 26 ela achou que ele era bem mais velho e que ele tava mentindo pra ela, aí ela fez questão que ele mostrasse o RG e diz que rindo ele abriu a carteira e deu o RG aí ela fez as contas aí ela viu que ele não tava mentindo aí ela aceitou continuar saindo com ele, aí o namoro ficou sério assim ele começou acompanhar, porque ela moravam no morro em Santos, ele começou leva-la até perto da casa dela, ele morava em Santos mas não no morro, morava na praia.

E os pais dele como é que eram?

Aí a família dele é complicadíssima. Os pais dele, a minha vó era de 14, a Angelina, a minha vó estudou até os 18 pra ser professora, mas isso coincide com, não, ela não é de 14 ela é de 10, 14 era o pai da minha mãe, ela é de 10, ela estudou até os 18, bom, enfim, ela estudou até 1924 o pai dela perde tudo na Revolução de 1924, eu acho que ele era anarquista, porque ele ficou do lado dos Trentistas, ele perdeu tudo.

Mas ele fazia o quê?

Ele era agricultor no interior do estado de São Paulo. E ela tava aqui em São Paulo. Ele pai da mãe... Meu bisavô, o avô do meu pai. Aí o quê que aconteceu, aí ela voltou pra Regente Feijó, ela gostava de um cara aí o cara veio pra capital pra ser dentista aí o meu avô gostava dela, trabalhou na prefeitura e diz que roubou todas as cartas do dentista, aí ela perdeu contato com o cara, com o dentista e casou com o meu avô, Valdomiro Gonçalves, aí o meu avô, era político profissional ladrão, foi prefeito da região de Regente Feijó na época da Ditadura Vargas por indicação, né eu acho que ele era meio nazi, não, não ele era filho de espanhol com índia laçada a força, parece que ele era ruim pra dedel, nossa, é bem complicado.

Então esse foi o casamento aí do seu pai e da sua mãe certo?

Isso das famílias deles, eu não sei se é sorte ou azar mais assim, eu fui atrás dessas histórias com 10, 12 anos eu pegava os veios e entrevistava, existia aí um novelo. Então assim, essa informação de que o Valdomiro Gonçalves era ruim ela é não é confiável, porque ela vem da minha avó da ex-mulher dele, eles se separaram né, por causa que ela reencontra o tal do dentista, aí descobre das cartas e aí.. Mas o meu avô teve um padrão de vida elevadíssima, ele chegou a ter vilas de casas em Sorocaba, tinha a única loja de discos da época daqueles RP 33 né, chegou a ter essa loja, meu pai jogou basquete, fez natação...

Depois tinha o que de profissão seu pai?

Bancário. Ele começou contabilidade ele só não terminou contabilidade né, mas ele foi ser bancário tal, só que aí eu não sei né, eu acho que em função até da separação dos pais ela escolheu uma mulher de classe social abaixo da dele, tem a ver com submissão, obediência, tem a ver com um monte de coisa que ele já viu na casa dele né...

Certo, e aí eles tiveram quantos filhos?

Eu e mais a minha irmã só. Porque a minha mãe veio da experiência de ter muitos irmãos e passar muitas necessidades por uma família grande, e ele num era um homem que gostava de ter recursos para o seu próprio prazer, por ter uma família muito grande o impediria disso.

Mas eles contavam isso que não quiseram mais filhos? Vocês sabiam disso?

Eu cheguei a questionar e eles sempre falaram da questão de dificuldade esse balanço é meu, né, de que a minha mãe optou por não ter mais por causa das dificuldades, porque depois economicamente a família vai decaindo esse padrão de vida que meu avô teve, meu pai não conseguiu manter, uma que ele

não tinha dom pra negócio e outra que depois ele virou alcoólatra, então ele num, nos traumas lá dele ele não conseguiu manter entendeu? Como eu falei, digamos assim, ele não foi um bom provedor, pra mim ele foi um bom pai né, mas assim hoje uma mulher adulta eu não ficaria casada com um homem daquele nunca entendeu? Ele não foi um bom provedor né, nessa relação mesmo de né, até pela idade deles, pelo papel que eles dividiam entre eles, a responsabilidade da provisão era dele e ele não foi um bom provedor.

E ele trabalhava no banco e a sua mãe trabalhava também?

Não. Depois que ela casou ela ficou um tempo trabalhando ainda quando eu era pequena, tipo prestando serviço pra alfaiatarias, mas serviço em casa né, então fazia: caseado, pregar zíper, fazia as barras, sabe esse trabalho mais manual até né...

Então quer dizer, ela trabalhava mais em casa?

Isso, mas depois quando a minha irmã nasceu, a minha irmã teve muitos problemas de saúde aí ela parou ficou do lar mesmo, a gente morava no apartamento numa área legal de São Vicente, teve que vender o apartamento pra comprar uma casa na periferia porque a minha irmã não se desenvolvia, então nós compramos um loteamento bem no bairro dos trabalhadores comprou a maior casa, até hoje a maior casa do loteamento, a maior área porque ela precisava disso, precisava de espaço pra correr, pra brincar, pra andar de bicicleta, ter cachorro, entendeu... Enfim pra ela se desenvolver e graças a Deus deu certo.

No começo a gente tava falando por que você tava contando que você estudou em Marília e sua mãe que descobriu essa escola né?

Isso, não lá em Marília sim, lá em Marília eu estudei numa escola, fiz o, terminei o ginásio, o antigo ginásio, numa escola pertinho de casa que coincidentemente era muito boa também, assim o interior não vive até hoje os problemas que boa parte da grande São Paulo vive né, os professores são

efetivos, os professores moram relativamente próximos, meio que todo mundo se conhece né, todo mundo sabe onde todo mundo mora, então assim esse acompanhamento ele não era ruim e eu gostava, eu sempre gostei de estudar, ate porque eu mudo o circulo de amizade né numa idade né que você ta saindo da infância e ta ficando pré-adolescente então tem um problema de adaptação eu tenho dificuldade pra me adaptar e a minha saída é estudar né, é o que eu vai me satisfazer é o que vai me dar conta e é um recurso que eu uso até hoje né assim, um departamento de problemas apita, vamos estudar, solução pra todas as partes, pra mim graças a Deus tem sido, e ai o quê que acontece, pra mim era legal.

Então você tava me falando Maria, eu queria entender como é que vocês viam as escolas e essa percepção da sua mãe “olha você tem que escolher a escola”?

Então, essa era porque era próxima. Olha os dois eles tinham um acordo único, que estudo era prioridade, engraçado né, eles viviam uma relação que ela era dependente dele, mas eu fui educada pra não ser dependente de homem né, então, quando é que uma mulher não é dependente de homem? Quando a mulher tem estudo, certo? Nisso eles tiveram um acordo, então a escola do bairro era boa, eu fiquei na escola do bairro, aí como ele era bancário ele tinha boas relações na cidade, né, ele era subgerente, acertava fácil lavagem de dinheiro, e assim qual era a melhor escola da cidade a escola estadual o Antônio Bicudo, então vai pra lá, entendeu, com quem fala pra ir pra lá, eu acho que vaga naquela época não era tão difícil, entendeu, então quando a gente mudou pra São Vicente qual era a melhor escola de São Vicente, ah é o Martin Afonso.

Você se lembra disso?

Lembro, na verdade chegava meio quando a gente meio ia fazer as mudanças as coisas já estavam certas, porque o irmão mais velho, meu tio mais velho, o mais velho que sobreviveu, então ele ficou nessas décadas todas, irmão da minha mãe, ele é diretor aposentado, quando nós voltamos a morar em São

Vicente, quando eu tinha 15 anos ela já era coordenador, professor de inglês em uma escola importante onde a minha irmã fez curso técnico, minha irmã fez técnico de contabilidade nessa escola estadual que meu tio era professor de inglês e coordenador.

Os irmãos da sua mãe estudaram?

Todos estudaram como ela, ela também voltou estudar depois de adulto, todos, todos.

Então, mas esse que virou diretor também?

Também, também. Então ele foi o único que fez exame de admissão, não, ele e o caçula, os dois fizeram exame de admissão e passaram, mas nenhum do dois meu avô pôde prover ai esse meu tio trabalhou como sapateiro, ele, sabe coisa de pneu, fazia chinelo pra família toda, e ai quando veio o Golpe ele passou na escola dos sargentos do exército, os amigos do meu avô morriam num forno de Cosipa e o filho foi estudar como sargento do exército. O meu avô logo depois, meu avô infarto. Ai só no meu casamento meu tio soube que o pai dele tinha sido comunista, meu avô já tava falecido claro né, eu fui a neta mais velha, eu convivi bastante, eles foram os meus padrinhos né, ai eu convivi bastante, todas as férias de Marília era na casa dos meus avós, então eu convivi bastante.

Ele melhorou um pouco assim de vida esse seu avô?

Claro. Todo mundo criado né, ai todo mundo ajuda. Ajudaram mesmo assim né, uma coisa muito legal deles foi que assim né, os meus avós moraram com a minha mãe, quase 30 anos, todos ajudavam e no final minha vó morreu com 92 anos nos meus braços, ela tinha quem cuidasse dela dia e noite.

Mais ou menos quando ela ficou viúva né?

É mais ou menos, teve briga né tal, mas assim nessa coisa de cuidado tem da gente né, como um todo entendeu, se eu vo lá toda detonada ai fica uma de mulher no meu ouvido, ah faz a unha, faz isso, faz aquilo agora, né assim tem essa coisa mesmo entendeu.

Ô Maria e ai bom, então você fez esse primeiro colegial na escola em Marília?

Isso, no Antônio Inácio Bicudo.

Depois vocês foram pra São Vicente de novo?

No Martin Afonso, estudei no Martin Afonso.

Que era essa escola, escola estadual?

Escola estadual.

Com colegial certo?

Com colegial e tinha técnico também, tinha técnico de magistério, mas eu não quis fazer, porque eu já queria fazer História na USP.

E como que você decidiu isso?

Com 7 anos parece. A minha mãe diz que com 3, ela tavalá costurando ai a TV tava ligada e tinha uma mesa de fórmica, ai ela colocava um tapete e eu ficava tipo, tava uma tendinha né, ai eu ficava em baixo desse tapete dessa mesa e meu pai trazia revista do banco e eu rasgava tudo, detonava tudo né, diz que coisinha de colorir não dava pra mim, era comprar e acabava. Ai diz que deu uma vez...

Você é a mais velha?

Sou, da filha e dos netos da família da minha mãe. Aí diz que uma vez ela tava na cozinha eu puxei a roupa dela e mostrei a revista, ela falou que era uma múmia, diz que eu tava mostrando a fotografia de uma múmia, aí ela falou ah filha isso é uma múmia e diz que eu fiquei mumumumu, desde os 3, eu não sei porque que é História, mas eu sei que é História. Aí com 7 anos...

Mas você não teve professor, como é que foi isso assim?

Eu já queria. Quando chegou nessa coisa de ter professor eu já sabia. Eu lembro de um a um...

Você ia bem na escola ?

Isso, ia. Eu tive dificuldade no início, na alfabetização, eu trocava o P de pato pelo T de tapete e pelo B de bebê, eu trocava o P, o T e o B. Diz que tem uns estudos que explicam essas trocas aí, é uma discussão na alfabetização, aí eu tive professora particular e foi uma briga, disso eu lembro, que o meu pai não queria pagar escola particular, ele achava que não precisava e ela falou “não senhor, a menina não vai crescer trocando letra, vai pagar e você vai pagar”, e aí foi legal porque ela deu também de matemática, porque no começo eu tinha dificuldade em matemática, depois disso nunca mais, quer dizer, não a ponto de ter professora particular, aí o quê que aconteceu foi o seguinte, lá nessa, em Marília já, eu fiquei em sexto lugar na região na Olimpíada Brasileira de Matemática, isso em 82, fiquei em sexto lugar, aí o quê que aconteceu, fiquei em sexto lugar lá na região, o quê que aconteceu começaram os problemas de grana, geopolítico dele deu um salto.

Mas ele continuava no banco?

Não, aí ele sai do Noroeste, vai pro BMG, era do Seabra né, da família Seabra, e aí assim a coisa de grana começou a apertar e o Antônio Inácio Bicudo era longe da onde a gente morava, tinha que pegar ônibus, eu comecei da...

Na época você tinha seus 15?

Menos, 13 pra 14, que eu entrei com 6, aí eu comecei dar aula particular de matemática, aí eu passei o colegial inteiro dando aula de matemática, comecei na oitava, então da oitava até o terceiro ano do antigo colegial dei aula particular de matemática, depois dei aula particular de física e de química. Pra FUVEST eu não estudei matemática, eu acho que também não estudei física, porque depois no colegial eu cheguei até a segunda fase da Olimpíada Brasileira de Física, aí só no finalzinho...

Isso você não tava em Santos?

Já.

Então foi em Santos que você foi nessas Olimpíadas?

Não, a de matemática foi em Marília. E depois a de física foi em São Vicente. Aí só no finalzinho que rolou uma dúvida em relação a matéria de matemática né, isso, porque aí é assim, lá na época o Objetivo era a única escola preparatória para o vestibular, nos anos 80, em 85 só tinha em site, aí eles davam uma bolsa de estudo pros melhores alunos das melhores escolas do estado, então no Martin Afonso quem ganhou foi o Alberto Pereira da Silva.

Seu colega?

Coleguíssimo, entramos juntos na USP né, ele era do Centro Cívico e eu era da Base de Apoio do Centro Cívico, aí ele foi pra Diretas, minha mãe não deixou eu ir, enfim, a gente né, PT, Juventude Católica eu ia lá com ele, num monte de coisa, mais ou menos ele era de Santos, mas tinha todo uma turma que era do mesmo bairro que eu morava.

Vocês faziam o colegial juntos?

Isso e fazia também teatro amador tal, o diretor, tava contando pra ele agora, o meu ex-diretor ta trabalhando com vitrinismo em Milão, mas ele era metalúrgico e era do Partido Comunista e aí ele era da diretoria dos metalúrgicos e cuidava da parte de teatro e fazia aquele trabalho social do partidão né, infiltrado no PMDB de fazer teatro popular nas periferias e eu fiz parte do grupo né, um grupo grandão tal, e a gente fez um espetáculo Bailei na Curva, então eu tive contato com o cinema nacional, com teatro nacional, literatura nacional.

Ainda no colégio?

Tudo no colégio. É tinha tempo né, minha mãe ela falou assim né, em vez de você trabalhar normal você fica dando as suas aulas, banca sua condução, banca sua coisas o que sobrava eu dava pra eles, desde que eu comecei, desde a oitava, sobrou dois reais ta aqui, o que seria hoje dois reais né, sobrou 50 ta aqui, e nunca questioneei aquela criação bem, tem que dar, tem que dar, aí que mais...

E aí todos esses grupos de teatro, de militância você conheceu nessa escola pública?

Isso, no Martin Afonso, aí o José Alberto...

Tinha professores que também incentivava?

Ah os professores eram muito legais, mas eles eram um pouco como eu sou hoje, bem legal, é, eles não entravam muito nesse aprofundamento dessa vida fora, eles entravam assim né, ah cêta indo? Que legal né, cê deu conta aqui do estudo, deu conta aqui dessa lição? E tinha uma coisa ainda né, a coisa da ditadura ainda era muito presente, a prô de filosofia trabalhou Descartes

entendeu, então né, não tinha muito debate, deu que forçava, mas era só eu que forçava e tinha um outro problema, a professora de História do Martin Afonso, ela era concursada, mas ela tinha sido torturada então ela era pirada, ela andava sabe saco de estopa, ela andava pela escola arrastando um sacão de estopa cheio de livro, então, ninguém tinha paciência com ela, quem tinha mais paciência com ela era eu né, mas mesmo assim era difícil porque ela era pirada, diz que ela foi altamente torturada, o marido morreu nos altos fornos da Cosipa, então assim ela era bem grave entendeu, a única vez que eu consegui que ela desse aula pra sala toda foi na manifestação das Diretas já, que aí eu tava com aquele pique forte do interior, opa leite quente, aí eu falei ô povo, isso aqui é importante, cala a boca, presta atenção e aí ela falou das Diretas, foi a única vez que a sala realmente ouviu aquela aula dela é uma zona, uma zona né, em Marília que no antigo ginásio eu tive uma professora legal, mas ela não saia de Brasil colônia, porque ela conversava, conversava, conversava, mas ela assim foi uma professora que acompanhava a vida fora da gente e ela discutia ditadura, a Teresinha, isso professora de História, ela tinha feito UNESP, em Assis que é ali pertinho né.

E aí como é que foi essa decisão? No colegial então você estudava em Santos certo? De fazer faculdade em São Paulo, como é que foi?

Não, isso já era desde Marília, por causa da condição, porque era USP, porque meu, não tinha como pagar, em Santos só tinha universidade paga, Marília tinha UNESP, mas não tinha História se tivesse que ir pra uma outra cidade pra estudar eu tinha que me bancar, então Assis, Franca, esses lugares né, tem que vim pro centro econômico do país São Paulo, então eu costumo dizer que eu não vim para a USP eu vim para São Paulo e aí junto tinha a USP.

Então aí você teve um pouco de dúvidas entre matemática e história?

Mas aí foi história mesmo. Porque assim o que aconteceu que eu falei do José é o seguinte, o José ganhou a bolsa no Objetivo, aí ele conversou em casa e a família falou não, nós podemos pagar o cursinho, devolve a bolsa para a escola e da pra uma pessoa que a família não pode ajudar, a bolsa veio pra mim, quer

dizer eu era a segunda melhor aluna da escola certo, e aí que ganhei 6 meses de bolsa do cursinho, então eu fazia de manhã o colegial terceiro ano, a tarde eu fazia o cursinho e a noite eu dava aula de particular e no final de semana eu estudava e tinha o teatro, então quando por exemplo eu não tava em cena, eu não tava passando as minhas falas eu tava fazendo lição, aí eu ia pra um canto do teatro lá no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos que é aonde a gente ensaiava, e ficava fazendo lição, Maria é você agora aí eu ia lá passava as minhas cenas aí voltava e fazia as minhas lições, e a noite eu dava as aulas particulares.

E seu pai e sua mãe, sua mãe principalmente pedia pra você estudar em casa, como é que era em relação a isso?

Ah Graziela, tem coisas assim que as pessoas não precisam falar né, se abre a geladeira a geladeira tá vazia, se você cresceu com a geladeira sempre cheia, você tá acostumado a ter, né, desde que você se lembra na sua casa a geladeira sempre teve fruta, teve queijo, né, teve leite, aí você a sua geladeira e a sua geladeira não tem o que você sempre teve...

Não, não, eu sei, mas na verdade eu não tava falando dessa ajuda financeira, eu tava falando se você tinha encargos no serviço doméstico?

Não, o que ela viveu, ela não deixou eu viver. Não, ela liberou pra estudar, inclusive é essa uma das discussões que eu tenho com algumas alunas lá em Franco, que é bem difícil, ah eu tenho obrigação de ajudar, aí eu falo ó você tem obrigação de ter um futuro melhor né, mas assim é bem complicado, até porque eu não sou muito diplomática né, eu tenho um jeito meio seco de falar né, aí, aí eu tenho ultimamente procurado evitar um pouco isso, mas assim eu acho que é um crime né. Eles me liberaram, não tinha discussão sobre isso, a única vez que eles discutiram foi então essa vez da professora particular no primário e depois no ginásio quando eu praticava esporte eu praticava basquete era pra eu ter sido da geração daquela Hortência, eu queria muito, muito, muito nós fomos pela escola campeãs mini mirins de basquete na região, aí a minha mãe bateu os peitos da mesa, falou não vai fazer basquete.

Que ela não queria que você se afastasse dos estudos?

Não, porque a técnica da seleção brasileira era homossexual, não sei se você lembra, meu pai virou e falou assim sua mãe não quer que você conviva com lésbicas, sua mãe não quer que você conviva com homossexuais lésbicas.

Mas ele usou esses termos?

Ele usou, ele falou, falou, ah porque também eu já perguntava de um monte coisa, já sabia de um monte de coisa, aí eu perguntava pra ele mesmo, assim eu conversava muito mais com ele do que com ela, e porque ele também tinha mais estudo né, aí ele virou, eu falei assim, mas isso aí é ignorância da parte dela não tem nada a ver se ela é, né, eu não vou ser tal, nossa chorei horrores, aí ele falou assim, olha filha foi a única coisa que a sua mãe ameaçou de separação, eu não vou separar da sua mãe por causa disso, você tem que arranjar outra coisa pra você fazer, aí eu olhei e falei ta bom, aí voltei pra história.

Ta aí, bom, aí você então resolveu fazer vestibular?

Isso, aí eu juntei a grana, paguei minha inscrição, tinha dinheiro pra passagem, na época não tinha prova na baixada, fiz a prova em Osasco, nessa época meu pai tava trabalhando em Osasco, a gente morava em São Vicente, mas ele trampava em Osasco, eu conhecia razoavelmente Osasco, fiz a minha inscrição lá, fiz a prova lá, fui sozinha, voltei sozinha, passei na primeira chamada.

E aí quando você chegou na USP como é que foi?

Foi assim, do grupo de teatro tinha um menino Francisco que a irmã dele a Dagmar fazia artes na USP, e a Dagmar morava numa moradia estudantil, aí eu fui morar nessa moradia estudantil por indicação da Dagmar.

Lá no CRUSP mesmo?

Não, na Caducô, não existe mais, a casa da Politécnica, é aonde tá virando o Arquivo Municipal da cidade de São Paulo, lá no Bom Retiro, uma moradia estudantil que era da Poli, era casa do Caducô, morei lá, morei lá uns 7 ou 8 anos, morei até o fim assim, até a decadência total. Eu fui trabalhar, eu trabalhei num monte de coisa entendeu, fui comerciária, trabalhei em lotérica, trabalhei com venda de roupa, trabalhei com venda de sapato, cheguei a ser faxineira, fui esse povo que entrevista na rua sabe, tipo Instituto Data Folha, Data Folha começou que mais que eu fui, fui bancária, aí eu odiei, odiei, odiei, fui militante profissional, mas isso já foi em Franco, em São Paulo trabalhei muito com essas coisas e também dei aula, só que aula era uma...né, era horrível, eu dei aula em escola particular, dei aula em escola pública, tudo de história, um pouco de geografia também, mas assim bem irregular, atividades bem irregulares, aí eu fui em São Paulo, deixa eu me lembrar ainda, aí também me envolvi com coisa da militância, eu fui militante da corrente do trabalho do Partido dos Trabalhadores 18 anos, tudo bem que começou com 19, mas sei lá, com 19 já tinha 1 ano que eu tinha entrado nessa coisa.

Mas essa sua entrada no PT foi posterior à entrada na universidade?

Foi, foi posterior, foi 1 ano depois.

Foi lá que você conheceu o PT?

Foi, foi lá, lá tinha na minha época, tinha já articulação do 113, tinha o trabalho antigo LIBLU, Liberdade e Luta né, antigo SI, e tinha a convergência Socialista, aí das 3 eu me interessei mais pela corrente do trabalho, achei que eu concordava mais com as posições deles, aí eu discuti, fiquei uns 6 meses, aí eu parei com o teatro, parei com a perspectiva de ser arqueóloga, e comecei a ler o material do trabalho, eu, um cara que hoje é professor de história da USP o Everaldo de Oliveira Andrade, o Everaldo entrou em novembro de 87, eu entrei em março de 88, na corrente de trabalho e transformamos um círculo né

na história USP, e fiz o movimento estudantil, sei lá quantos anos, fiz um tempão de movimento estudantil.

Quanto tempo você ficou fazendo a graduação na USP?

Ao todo foram 20 anos.

Fazendo a Graduação?

Mas eu tive problema de saúde, calma. Não, primeiro eu parei depois de fazer o movimento estudantil fui fazer o movimento sindical.

Mas peraí, por quê?

Porque uma organização precisava de organizadores pra atua pela ação sindical, porque foi assim no movimento estudantil, dentro do movimento estudantil, é, com o passar dos anos fui adquirindo uma determinada experiência, e comecei a discutir internamente a linha política nacional e internacional da organização, em 92...

Do PT ou da corrente do trabalho?

Não, da corrente do trabalho. Os Marxistas, os autodenominados Marxistas leninistas né, é aquela piada de estabilista, juntou 3 trouxas não racha, mais ou menos isso, aí tem problemas mesmo né, tem divergências, tanto que eu não ligo mais, ai se eu soubesse tinha parado antes, mas enfim, eu não ligo mais, não quero militar, não volto.

Por que você não quer militar?

Porque é uma organização que se diz revolucionária e não é revolucionária, entendeu, e eu me dediquei de corpo e alma dentro de todas as minhas

limitações, porque eu sonhei em fazer parte da geração, mas sonhei de verdade Graziela, não é sonhar de mesa de bar tomando cerveja, eu não fui comunista de mesa de bar de tomar cerveja, eu fui comunista da minha casa ser sede regional da organização entendeu, a minha biblioteca ser uma biblioteca marxista a disposição dos militantes pra formação de quadros, não, é dedicação mesmo, e aí eu demorei muito pra perceber que sei lá, 95%, 93% das pessoas daquela organização, são comunistas de bar, são comunistas de levantar cerveja, é prestígio, é prestígio entendeu, é uma relação de prestígio, prestígio social, prestígio intelectual, e é isso, e aí eu falei, e aí quando eu finalmente acordei eu falei pô, não preciso disso, eu fiz USP, entendeu, se eu quero ter prestígio intelectual eu volto pra academia e eu não preciso dessa merda entendeu, e aí decidi resolver minha vida.

Mas aí você rompeu? Como é que foi?

Foi um processo lento né porque você não vai descobrir que você doou toda a sua vida do dia pra noite e você não vai romper com pessoas que você confiava, acreditava, admirava, e achava que era uns putas de uns revolucionários também, você vai ver que é um bando de burguês safado, só quer saber do seu nobre padrão de vida, se a farinha é pequena, minha cumbuca primeiro, sabe essas coisas, né, rápido né, ainda mais quando você é meio boba idealista, é romântica, eu não era romântica no romantismo homem e mulher, mas essa relação da revolução eu fui muito romântica, eu desejei profundamente fazer parte da geração que ia viver uma revolução nesse país, eu acho, até o Impeachment, até 92, nós vivemos uma situação em vários momentos ela variou de pré revolucionária para revolucionária, né, então assim, poderíamos ter vivido talvez não uma revolução, mas choques de rompimento constitucional muito mais profundo do que nós vivemos, em particular em 92, se o Lula não tivesse entregue, porque aquele momento limite era o momento de votar eleições gerais de cabo a rabo e ele não deixou a votação ir a Congresso Nacional, e empossou o Itamar Franco e ali começa a nova era do PT.

Ele como deputado?

Não, ele não era nada em 92, ele era o presidente do partido, ele foi chamado em Congresso Nacional, falou que nós vamos fazer essa meleca que tá aqui e aí a principal proposta qual era, eleições gerais de cabo a rabo, porque o PT ia ganhar de cabo a rabo inclusive ele, ele vai lá e fala, não vamos manter o quadro institucional concreto, então né, o que eu discuto com os meus alunos hoje, que o nosso desenvolvimento é um desenvolvimento conservador, nós temos uma modernidade que caminha 10 passos pra trás pra dar um pra frente, de forma conservadora, bom enfim, mas isso daí de 92 eu só fui descobrir bem mais tarde, aí o quê que aconteceu, não dá pra negar que a minha formação em história foi muito influenciada pela minha formação marxista, apesar de todas as divergências políticas que eu tenho com a corrente de trabalho hoje, eles, no ponto de vista teórico, eles eram profundos conhecedores do marxismo e da sua vertente trotskista ligada ao grupo francês liderada pelo Pierre Lambert, que na fundação da Quarta Internacional, foi o secretário geral do Leon Trotski, mas o principal problema só pra ficar bem claro, você já ouviu falar do programa de transição, vocês já leram? É um texto do Leon Trotsky, é o programa político da Quarta Nacional, o Trotsky ele afirmou uma verdade histórica muito, que demonstrava um profundo quadro intelectual do marxismo que ele era né, não é à toa que precisaram assassiná-lo, em que ele diz o seguinte: que nos momentos de grande crise, de profunda crise de crash, de quebra, de guerra, as direções contra revolucionárias podem ir além do que elas desejam, as direções do movimento operário, contra revolucionárias podem ir, avançar politicamente mais do que elas realmente desejam. Então por exemplo se você for ver Revolução Cubana, Revolução Chinesa, Revolução do Vietnã, Revolução é, do Vietnã... Coreia, todas essas Revoluções elas não como a de 1917 que tem né, o dia da tomada de poder, elas são a libertação nacional e depois um processo que caminha pra estatização econômica, então isso significa o quê, que os indulgentes do partido comunista foram obrigados pela profunda crise a ir além do que eles desejavam, porque se não, não teria um dia de libertação nacional, teria um dia como a Rússia, um dia ligado a tomada do poder, para o Estado socialista,

para o Estado de economia planificada, deu pra entender? Qual o problema, o meu problema central né, minha divergência central, um grupo do Pierre Lambert no Brasil é a corrente de trabalho, que faz intrismo no Partido dos Trabalhadores, hoje é um intrismo tão profundo que eles tão até na administração do Haddad, um líder revolucionário, qual é o problema, o problema que o Trotski fala, e isso é uma possibilidade histórica porque descreve 139, mas é o papel dos revolucionários, o papel dos revolucionários é construir um partido revolucionário, o partido que vai aplicar o programa revolucionário. O que acontece de 44 até hoje, a alternativa teórica que ele colocou entendeu, essa geração, a geração que sobrevive ao massacre Stalinista, ao massacre Nazista das fileiras da Quarta Internacional, ela não vive um processo revolucionário vitorioso, como foi a Rússia, ela só vive a alternativa teórica do Programa de Transição, então essas gerações de uma forma ou de outra elas são acomodadas a aconselhar a direção oficial do movimento operário, elas não querem fazer realmente o caminho das pedras, não quer construir realmente um verdadeiro partido revolucionário, é que é muito difícil né , você pode ter gente como um país como o nosso e pode dedicar a vida toda e não ver isso construído né, então aí eu parei.

Ô Maria, mas então bom, mas foram longos anos aí de militância, de formação na USP e de militância dentro do PT e dentro dessa corrente e você não se casou com nenhum companheiro?

Eu tive vários companheiros. Eu era uma namorada, eu não vou falar disso se não vou ter saudades. Eu só casei mesmo, eu só fui estabilizar um relacionamento, eu sou casada, na perspectiva de casar quando eu realmente parei de militar, porque eu era muito dedicada.

Você era casada com a militância?

Isso. E aí eu tive companheiros.

Durante essa militância?

Isso.

Mas não tive nenhuma relação marital?

Não, claro, completa, esse negócio de viver sozinha não dá, tem que morar junto, dormir de conchinha é gostoso né, é verdade não é, não vejo nenhuma mentira, todo mundo é de maior não é? Bom teve o Nicolas, assim os mais importantes né, teve o Paulo, quando eu vim pra USP que ele também era de São Vicente.

Também fez História?

Não não, o Paulo era militar, era tenente, era tenente, mas ele era do mesmo grupo lá do centro cívico, né ele era o mesmo grupo do centro cívico, ele era do PT.

Mas ninguém te acusou de trair o movimento namorando um militar?

Não, muito pelo contrário, ele me contou que passou uma circular que apareceu o nome de um amigo nosso que foi diretor da UNI88 e eu comuniquei a organização e a circular foi proibida de ser passada para os tenentes, quer dizer então tinha alguém infiltrado na organização.

Virou agente dupla?

É, não eu, aí ele que era meu agente duplo foi cortado né. Aí o Paulo não deu pra casar, porque o Paulo era muito galinha, ele é lindo, ele é um negro lindíssimo até, nós nos encontramos tem pouco tempo agora em abril, eu vim, eu fiquei na Páscoa com a minha mãe né, aí meu marido foi, ele voltou antes pra trabalhar, olhar a casa, cuidar dos bichos né, que a gente não tem filhos mas tem bichos, tenho um cachorro e dois gatos, aí o Édson veio pra cuidar dos bichinhos e eu fiquei, aí eu saí de lá numa segunda acho que logo depois do feriado, pegar o primeiro ônibus 4 e meia, 5 horas da manhã, quem tava na

fila, quem vai pegar o mesmo ônibus? O Paulo, então o Paulo ta com 48, tem 3filhos e ele casou bem depois do nosso namoro, inclusive na viagem ele tocou, ele sempre faz isso quando a gente se encontra, mais ou menos há uns 5, de 5 em 5 anos, aí ele fica assim:a gente não casou né, aí eu falo assim: Paulo, meu a gente já falou disso né, já falamos disso Paulo, a gente nunca casou porque você era muito galinha.

E você não quis ter filhos? Como foi isso?

Não, não, num deu certo. Eu tenho esterilidade de primeiro grau.

Mas você gostaria?

Muito.

Durante um tempo você tentou?

Não, até hoje, eu ainda ovulo, é por isso que eu tenho cabelo branco, mas ao mesmo tempo não to toda maracujá, porque eu ainda to ovulando, ah então é, eu ainda me esforço, to com problema sério em casa porque meu marido ta com 160 quilos, e aí eu to assim meio...

E ele também veio da militância?

Sim, aí eu vou, calma, aí foi o Paulo, aí foi o Nicolas, o Nicolas fazia física na USP, ele era da área de influência do nosso trabalho estudantil e ele era da moradia estudantil, o Nicolas foi, o Nicolas eu posso dizer que foi assim, foi o meu primeiro marido né, ele chegou a me pedir em casamento pro meu pai, meu pai deixou, mas o Nicolas tinha um problema, o Nicolas ao longo do relacionamento ele se envolveu com cocaína e ele bebia, aí uma vez ele ameaçou me bater, a gente teve um estremecimento meio sério, e ele tava alcoolizado...

Você sabe mais ou menos por quê?

Ciúmes, ciúmes.

E ele concluiu a física?

Ah ele já tem mestrado, tá casado, ele tá...

Mas na época ele tava no mesmo estágio que você?

No mesmo nível isso, e aí logo depois ele tava se envolvendo com cocaína e ele não tava só consumindo ele se envolveu com o pessoal do Bom Retiro, inclusive uma gangue liderada por um judeu, lindo, diga-se de passagem, mas um bandido, tava levando cocaína pra USP, eu falei to fora, esquece.

E aí você separou dele?

Separei e aí do Nicolas eu fiquei um bom tempo sozinha, fiquei um bom tempo sozinha, não sei se foram 3 ou 4 anos, eu tive um caso aqui um caso acolá. Aí eu fui fazer trabalho sindical.

Aonde?

Eu fui fazer primeiro no ABC, não no ABC eu fui dirigir um trabalho estudantil, construímos uma união municipal de estudantes de secundárias, eu cheguei a dirigir um grupo de 40 jovens, 20 militantes orgânicos, 40 próximos, dirigimos a união municipal de estudantes de São Bernardo do Campo, aí tava começando acumular...

Aí você já tava começando a ficar mais velha também, atuando com pessoa mais jovem?

Isso, isso, coordenando, uma responsável né.

Uma professora também né?

Sim. Não, total, porque discuti sexualidade, fiz curso sabe aquele livro do Wilhelm Reich? Do orgasmo, na verdade eu dei curso até dizer chega daquilo lá, né, aí paquerava os moleques também, né não tinha muito, eu não tinha nenhuma preconceito, né, mas eu não fiquei com ninguém fixo aí do movimento no ABC, porque em 92, é em 91 pra 92, antes do Impeachment o trabalho rachou, nessa cisão eu fiquei com um grupo um pouco menor e nós fechamos por causa da posição em relação ao PT, as eleições, a crise em questão..

Uma questão momentânea?

É a conjuntura. Mas a atuação, essa atuação, problema ligada a evasão, hoje eu tenho clareza que era o trabalho do caminho das pedras, qual era a discussão da época eu não lembro. Aí eu fui pro ABC, fiquei responsável por esse trabalho, e aí a partir desse trabalho surgiu oportunidade de atuar no Vidreiros São Paulo.

Mas você já tinha se formado em História era isso?

Não, tava fazendo tudo devagar. Aí eu fui jubilada, aí uma ex-camarada que ainda era do trabalho, não saiu do trabalho na cisão, um dia ela mandou recado, falando, ela viu, ela trabalhava no administrativo, na parte de informática da USP, ela viu que eu tava sendo jubilada e mandou pelos ex camaradas pra me avisar, eu fiz o processo, ganhei, porque nesse meio tempo eu desenvolvi uma enfermidade chamada endometriose, então meu ritmo de saúde era muito irregular, então eu cheguei, no final eu cheguei a ficar 15 dias sem andar e 15 dias fazendo tudo que eu não tinha feito no mês, imagina as intensidades, mas enfim, então isso também dificultou, aí com o jubramento eu fui fazendo uma matéria por semestre, fui fazendo, fui fazendo, aí eu fiz, aí eu tirei um 10, tirei um 9,5, aí tirei 9, aí tirei outro 10, aí eu fiz, eu já tinha mato, teve uma vez numa pesquisa na minha matrícula que falou porque da

dificuldade, uma questão sobre maturidade e naquela pesquisa eu entendi que antes eu não tinha maturidade, naquele momento eu tava tendo maturidade, porque eu trabalhava, eu militava e consegui ir bem, eu consegui me focar né, amadureci.

Já tinha quantos anos aí?

Já com 25, 26, foi quando eu encontrei esse companheiro, o Édson, que me levou pro Sindicato dos Vidreiros e foi com ele que eu comprei a minha casa em Franco da Rocha, a casa que eu moro é minha.

E por que Franco da Rocha?

Porque ele tinha família lá né e tinha um monte de gente da base do sindicato que morava lá e trabalhava ali na Santa Marina da Água Branca, isso nos anos 90, e ele fazia um trabalho por fora da fábrica, de ir indo na casa das pessoas né e um monte de gente morando em Franco, entendeu, então...

Esse é o companheiro que você ta até hoje?

Não, aí o Édson eu fui a segunda mulher, nós ficamos juntos né, a casa ficou no meu nome, começamos a construir a casa, ele me ajudou uma época, aí ele voltou pra ex, pra mãe dos filhos dele, aí ele queria que eu fosse amante dele, aí eu falei ó, tchau, né, pô eu achei que a gente ia casar no papel, aí eu fiquei de novo uns 3 anos, 2 ou 3 anos sozinha, e aí uma fase que eu tava muito fragilizada, uma amiga minha que hoje ta na Federal do Rio de... Na Federal de Niterói, nós se, o contanto de distanciou, a Ana Lúcia Ferraz, ela é socióloga, ela trabalha na Federal de Niterói, ela foi coordenadora do Programa Integração da Confederação Nacional do ramo químico, que era um programa de elevação de escolaridade dos trabalhadores no ramo químico e era um projeto inovador, era um professor poli valente para o antigo ginásio, né, então um professor a partir de um tema gerador, visita varias áreas do conhecimento, e aí eu fiz isso, eu trabalhei com ela e aí o meu esposo era aluno desse programa.

Seu atual esposo?

Não, esse é meu esposo, porque eu nunca casei no papel, só casei com esse. Ele é o meu marido, é com ele que eu casei no papel.

E ele que era aluno desse programa?

Ele foi meu aluno.

E aí você já tinha se formado em História?

Já, já era Bacharel, depois, eu terminei o bacharelado em 2000, e terminei a Licenciatura plena em 2004, por causa, aí tudo um problema de saúde foi pesando. Em 99 eu fiz uma cirurgia, mas não resolveu muito, na verdade eu melhorei bastante da endometriose de 2003 pra cá, quando eu cheguei a chegar na casa da minha mãe, quase sem andar, aí eu fiz um tratamento no Álvaro Penteado, um hospital público da baixada né o Ersa da baixada, como se fosse o Juqueri, tinha várias especialidades, lá na baixada, aí eu fiquei 6 meses e meio em tratamento lá, aí então de 2003 pra cá é que começou a estabilizar e eu faço tratamento até hoje da endometriose, hoje é um tratamento mais suave, não preciso ficar fazendo aquele monte de exame né, de meses em meses, é só tomar o Provera né, tem as datas certinhas pra tomar e fazer um pouquinho de repouso.

Maria como é que você se tornou professora?

Foi com o programa da CUT né, porque eu não, quando eu era militante, eu não conseguia dar aula em escola normal.

Por que, falta de tempo?

Falta de tempo pra preparar aula, mas aquilo me prendia, aquilo não tinha sentido, eu me sentia o que o professor do estado burguês é, um reprodutor da

ordem, né, aquele horário, aquele tema pré-definido, você não tinha liberdade única, liberdade intelectual, não tinha muita autonomia de cátedra mesmo né, o nome correto, e eu vi aquela molecada e cada menino, menina que entrava eu via um militante em potencial, eu não queria lecionar, que queria que todo mundo virasse revolucionário.

Aumentar o exército?

Com certeza. Aí isso não dá muito certo né, são objetivos bem distintos, e aí na experiência da com a CNQ, eu consegui ter o contato teórico necessário e um ambiente de trabalho de debate pra conseguir ver que também era possível construir uma alternativa né, em que houvesse mais liberdade de cátedra, que a questão do ser histórico fosse mais valorizada e tivesse expressão e ao mesmo tempo o papel de educação, então que quê é a educação, o que quê é instruir, né, como realmente o ensino é uma ferramenta para o cidadão se tornar um sujeito histórico, e aí toda aquela repulsa que eu tinha com a formalidade dos conteúdos ela muda o foco, não, ela num é só a reprodução, claro que essa dimensão existe, mas ela também é uma ferramenta necessária, porque sem essa ferramenta como é que essa pessoa vai se constituir, vai se auto constituir um sujeito histórico, né, sem saber ler, sem saber escrever, sem saber interpretar, sem ter raciocínio abstrato, como é que isso vai se dar, então né, eu consegui desenvolver as minhas potencialidades razoavelmente nisso.

Lá nesse programa da CUT ?

Isso, não eu como pessoa, ao longo da minha história consegui desenvolver, então como é que eu quero que todo mundo vire revolucionário e a pessoa não vai ter, né, dois pesos, duas medidas, é o que eu tava comentando com você da ambulância e da autocrítica de começar a perceber aonde você tá sendo autoritária, aonde você tá sendo, nesse processo todo ele vai cada vez mais corrompendo a minha confiança na minha crítica do trabalho, e vai me afastando e vai me afastando, entendeu ?

Nesse tempo que você trabalhou na CUT, que a CUT teve um período auge assim né, foi investido muito dinheiro, muita verba pra fazer esses cursos, sua escola sindical, uma série de coisas né nesse período que você trabalhou ?

Foi, foi em 2001, 2002, e aí eu volto pra sala de, aí eu volto pro curso de Licenciatura plena e agora eu vou terminar.

Na História? Na USP?

Na USP, na FFLCH.

Quer dizer, você já tinha concluído o Bacharelado e aí você volta pra fazer Licenciatura?

Isso, e aí eu passo no concurso do Estado, não consigo assumir porque atrasou 6 meses, mas aí eu entro como eventual e vou fazendo e aí eu...

Você passou como p3 primeiro?

Eu passei como professora de História, passei no concurso, aquele concurso que a primeira vez que assumiu no meio do ano lá com o Alckmim, aí faltava 6 meses pra eu conseguir aí eu fui no Sindicato, já tava morando em Franco, aí a menina do Sindicato falou: ah fala que você... Porque assim quando eu fui pra baixada, existia o diagnóstico de câncer, né, a endometriose tava tão desenvolvida que tinha essa suspeita, inclusive dois tipos, aí o tratamento transcorreu, o exame final que ia dizer, veio com a resposta final dizendo ó não teve o material coletado suficiente pra caracterizar e graças a Deus não é nada disso, aí o quê que aconteceu, é que lá na baixada também houve um outro processo, eu ainda era militar do trabalho mas eu conheci Jesus, outro dia eu lembrei do Dialely , aí o Dialely perdão, quer dizer aí o Dialely falou do filme, aí eu conheci uma amiga, aí eu tenho uma amiga que ela era Trotskista e virou uma apaixonada por Jesus e foi presa vendendo ... Valeu vamos prestar atenção. Eu achei tão engraçado.

Mas você conheceu Jesus, como assim que aconteceu isso na sua vida?

Porque esse rapaz que é o meu esposo, o Webster, rapaz é porque ele é 10 anos mais novo que eu né, esse homem o Webster, ele foi meu aluno e ele era evangélico, e eu tive um monte de aluno evangélico no programa entendeu, inclusive assim eu não suportava evangélico, né, eu tratava mal, não tinha paciência, eu era...

Tinha preconceito né?

Tinha, tinha, não vo negar né, eu tinha mesmo e esse programa além de ele ter mudado a minha visão sobre a educação, ele mudou...

Qual programa é esse que você tá falando?

Da CUT, o programa Integração, ele me ajudou a ter uma outra visão sobre a educação, ele também mudou a questão do preconceito, então assim se é importante pra ele se constituir como sujeito histórico que ele domine determinados instrumentos intelectuais, então ele tem que ter um compromisso pra adquirir esse conhecimento, correto? E os melhores alunos eram os evangélicos, os que eram os mais comprometidos, os que mais topavam as oficinas, que mais topavam mesmo sendo temas gerador, entendeu? Que mais se engajaram, que mais queriam que a partir daquele tema realmente fosse pras diferentes matérias né, dividiu geografia, história, matemática, português, trabalhar dicionário, construir mapa, enfim né, uma aula você fazia um puta passeio bem legal, era esse pessoal, então meu, tem alguma coisa errada comigo né, se eles são os mais, então eles não são tão ruins né, não, muito pelo contrário, eles não os melhores, entendeu? Aí o quê que aconteceu...

Aí você começou a namorar esse menino?

Não, aí ele se formou. Porque assim, lembra que eu falei pra você que eu do uns fora, ele vinha conversar comigo e eu num... né, aí as representantes de

sala já tinha percebido, aí um monte de gente já tinha, acho que até minha chefe já tinha percebido e eu hum, legal ele é bom aluno, esforçado, aí toda redação que ele fazia ele vinha conversar comigo depois da redação, aí eu ficava assim ah não se preocupa né você tem todo direito de ter seu pensamento tal, e ele mas o quê que a senhora achou, o quê você achou ? O quê você achou? O quê você achou? Eu falei ah achei legal né, não é o que você pensa? Tá bem escrito, tá legal né, eu demorei assim né, entendeu? Eu demorei bastante pra perceber que tinha outras intenções, aí ele começou ir na minha casa com o negócio de emprestar filme, ver livro, emprestar livro, aí passamos, começamos a conviver, até que um dia ficou combinado que ele ia passar um domingo comigo, ele ia levar uns livros da Agatha Christie, que eu gosto de romance policial, aí antes ele ia no domingo a gente tinha combinado no outro final de semana, no dia seguinte chegou uma carta, aí na carta ele se declarou, aí ele veio no domingo aí eu falei ó meu, eu já tenho 33 anos se eu namorar é pra coisa séria, não da pra ficar né, porque se for namorar pra ficar eu to sozinha e vo continuar sozinha porque eu to bem, ele não é pra casar.

E aí é que você se converteu ou como é que foi?

Não aí foi aos poucos, aí quando nós começamos a namorar o problema da endometriose piorou horrores, né, é... Piorou mesmo, aí eu precisei ir pra baixada, cheguei lá quase sem andar, minha mãe já tava frequentando a Universal, eu tava lá comecei o tratamento nesse hospital, e eu fui piorando, fui piorando, minha mãe ia com uma mulher que já cuidava da minha vó, a Mirian, aí a Mirian falou pra minha mãe: leva sua filha na Universal que a sua filha tá piorando. Minha mãe: ai você não conhece minha filha, ela odeia crente. Mas a minha mãe já não sabia do processo lá, entendeu? Aí não tinha contato, não tinha aquele contato, é uma coisa da minha relação com os meus alunos. Aí passou mais uma semana, a Mirian falou: Zilda sua filha tá quase assim, vai morrer, leva lá? Ela chamou eu fui, aí eu fui e não parei mais.

Começou a gostar?

Sim, assim é, eu não tinha formação religiosa.

Nunca teve?

Não, eu cheguei a fazer catecismo, mas achava aquilo horroroso, né, achava aquilo uma...

Seus pais não eram religiosos?

Meu pai era católico, minha mãe era de umbanda, eu achava tudo horrível, achava tudo uma ignorância, com 14 anos mandei todo mundo pra aquele lugar, sai né... Aí a minha fé virou a ciência né, na prática, o conhecimento, a ciência, uma que meu pai não era muito praticante, ele era católico mas ele não era praticante de verdade, então era uma hipocrisia, e a coisa da umbanda assim, eu achava muito complicado aqueles rituais todos né, conheço até hoje, até hoje quem tinha feito um santo, eu conheço um monte, conheço bastante, mas assim eu acho um, eu não quero faltar o respeito entendeu? Mas como é que eu vo dizer, do ponto de vista místico eu acho muito complicado uma coisa que precisa de tanto sacrifício, entendeu?

Isso te incomodava?

Sim, né, pra que tanto sacrifício? Pra que tanto ritual? Pra que tanta oferenda? Apesar que as festas eram uma delícia, mas assim né, entendeu ?

Isso você teve contato via a sua mãe?

Sim, né, via mamãe e a família dela, né, minha mãe, minha tia, minha vó.

Ô Maria, bom e aí, aí então ta, você teve esses problemas de saúde, teve que...

Comecei frequentar tal, e aí junto com o tratamento medicamentoso, tratamento formal, medicinal, eu fui melhorando.

E aí você já começou a ser professora, como é que foi isso?

Não aí e, eu tava sendo professora então pra valer desde 2000, aí eu paro, em 2003.

Na escola pública regular?

No projeto da CNQ né, o Programa Integração, aí eu volto pro Estado, e aí no Estado depois que eu termino a plena eu fico até 2009, aí eu fiquei 2004 como eventual, 2005, como eventual, 2006 eu pego aulas livres, 2007 eu pego aulas livres, 2008 e 2009 todos esses anos eu peguei aulas livres.

Ou seja, você não era professora...

Porque quando eu me formei não dava mais pra pleitear o cargo, lembra disso, eu fui aprovada, mas passou o prazo, eu não sabia dessa coisa de segunda chamada, nem fui atrás fui pegando como aula livre mesmo. Já como eventual eu já eventuei via projeto, então, desde 2004 até hoje, eu tenho trabalhado com projeto, entendeu? Aí, eu fiz um projeto no BEFAMA, com as quintas séries a tarde que era assim, o BEFAMA é uma escola estadual que é uma das mais antigas da cidade não é isso? Que tem uma biblioteca bem legal, que sempre ta uma zona, aí eu consegui junto a direção, o Ricardo Costa e o Marcelo Reis na época, a autorização, fui na biblioteca, peguei uns livrinhos de história, qualquer professora de história dava em qualquer aula, eu trabalhava o mesmo conteúdo via desenho, eu levava os livrinhos né, paradidáticos, as crianças liam e faziam um desenho, eu tenho tudo isso guardado.

E como é que você foi fazendo essa prática, da onde você tirava essas ideias, como é que foi isso?

Muito da experiência do Integração né, muito da experiência da CUT. E depois assim, em 2006, uma porque era eventual e como eventual você não tem experiência nenhuma, então se você quer realmente trabalhar, tem que criar

alguma estratégia que seja legal, pra quinta, sexta e sétima série, desenhar é legal, e aí como eles tinham que ler o paradidático, de alguma forma reforçava né, e aí o quê que aconteceu né..

ANEXO 5:

(Modelo de Carta de Cessão)

Francisco Morato, __ de Outubro __ de 2013.

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, RG
_____, autorizo que minha entrevista gravada em ____/____/2012 seja
arquivada em formato gravado e escrito, como também utilizada para fins de
publicação, por Eliton da Costa Rocha.

Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

ANEXO 6:

(Projetos do Ensino Médio na ETEC de Franco da Rocha)

Trabalhos de campo do professor de geografia:

Durante os 3 anos do ensino médio os alunos passam por 4 roteiros distintos: Ouro preto (MG) e Congonhas (MG), Campos do Jordão, Fazenda de café em Jundiaí, museus e campo de extração de rochas em Itu. Estas visitas técnicas são realizadas em acompanhamento com os conteúdos da disciplina e com uma serie de atividades práticas, por exemplo, o acompanhamento de coordenadas por GPS; análise de vegetação, relevo, rochas, sedimentos; realização de relatórios e fotografias são elementos recorrentes.

Figura 16: Cartaz de uma das visitas técnicas dos alunos do ensino médio ao museu Catavento, em São Paulo. Foto: Eliton Rocha.

Feira do Ensino Médio

Todo o ano, geralmente no quarto bimestre, acontece esta feira que possui o objetivo de realização de diversos trabalhos científicos ou artísticos dos alunos com a orientação dos professores geralmente por afinidades das matérias que lecionam. A realização da feira dura dois dias, organizada pelos alunos e a escola fica aberta ao público externo.

Figura 17: Apresentação de dança na Feira Gincopa em 2014. Foto: Eliton Rocha.

Amostra de Artes

Este projeto é coordenado pelo professor de artes e consiste na finalização dos trabalhos realizados durante um bimestre com os alunos do primeiro ano, no qual é realizada uma exposição de trabalhos na Estação de trens da CPTM⁶⁵ para o público transeunte. Geralmente são feitas esculturas em pedra-sabão ou pinturas.

⁶⁵ Companhia Paulista de Transportes Metropolitanos.

PIC (Projeto de iniciação Científica)

O projeto de iniciação científica segue, em boa parte, aos moldes da universidade onde durante alguns meses os alunos desenvolvem artigos científicos orientados pelos professores de suas áreas correspondentes, entregam dentro de um prazo estabelecido, os artigos são avaliados por uma banca julgadora, os melhores são apresentados em um congresso e posteriormente publicados em um periódico eletrônico. Este projeto é coordenado pela professora de História e pelo professor de Ética dos cursos Técnicos.

Tribunal Filosófico

Este projeto é coordenado pelos docentes de Filosofia e Sociologia, anualmente em todas as turmas durante 5 semanas e funciona como uma simulação de tribunal para debater temas polêmicos interdisciplinares. Os alunos se preparam para os debates durante alguns meses, estudando sobre o seu posicionamento no tema, fazendo pesquisas de campo, entrevistas, questionários. Existe uma comissão de jurados formados por ex alunos, equipe de imprensa, comissão de organização e a presença de convidados “testemunhas” que servem como auxílio de autoridade sobre o assunto, geralmente advogados, professores, especialistas ou personalidades regionais que possuem alguma bagagem no tema em debate.

Figura 18: Aluno Matheus Monteiro em um debate sobre “*Redução da maioria penal*”. Foto: Eliton Rocha.

Roda Literária

A roda literária acontece mensalmente na biblioteca organizado pela própria bibliotecária da escola. A configuração deste projeto consiste em organizar um debate com algum tema literário e com convidados que geralmente, podem ser escritores, professores ou alunos.

H.E.M – História em Movimento

Esta sigla refere-se ao grupo de estudos históricos da professora Maria Cristina, que articula estudos e práticas referentes principalmente as metodologias do estudo na historiografia e da preservação e recuperação da história local do município, com analisa e leituras de artigos, textos, documentos e fotografias.

CIENFIL- Grupo de Estudos de Filosofia e Ciências

O grupo de estudos de Filosofia e Ciência foi pensado pelos professores de Filosofia, Sociologia e Biologia com o objetivo de aprofundar o conhecimento dos alunos referentes aos assuntos pertinentes á essas

disciplinas e que pela quantidade limitada de aulas criou-se a necessidade de estender as discussões após os períodos de aula.

Noite da poesia

A Noite da poesia era o maior projeto do antigo CEFAM, foi pensado e retomado pela ETEC, e consistia em um concurso de poesias durante um bimestre no qual todos os alunos participam. São selecionadas pelos professores de Língua portuguesa e Inglês as melhores obras e durante uma noite de encerramento é realizado um evento com bandas de alunos, exposição de artes, sarais, apresentação de danças e das poesias finalistas com as premiações das melhores.

Caminhadas e roteiros culturais

A professora de Educação Física e o professor de Espanhol organizam periodicamente, caminhadas ou roteiros em parques, museus, espaços turísticos, monumentos históricos. Em alguns casos estes roteiros são realizados e direcionados pela professora de História, ou pelos professores de Filosofia e Sociologia.

Fórum da ONU

O Projeto “Fórum da ONU” é baseado em uma dinâmica da UNESCO que tem por objetivo realizar simulações de comitês de debates entre nações sobre diversos temas que envolvem a geopolítica internacional, direito, economia, história, ciências sociais, ética, biodiversidade e política. O projeto foi incorporado na ETEC pelos professores de Filosofia, Sociologia e com o apoio do professor de Geografia